



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Sofia Bonuccelli Heringer Lisboa**

**“COTAS SIM, CORTES NÃO!” - A CONQUISTA DAS COTAS ÉTNICO-RACIAIS  
NA UNICAMP**

Campinas  
2020

Sofia Bonuccelli Heringer Lisboa

**“COTAS SIM, CORTES NÃO!” - A CONQUISTA DAS COTAS ÉTNICO-RACIAIS  
NA UNICAMP**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas para  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>  
Aparecida Neri de Souza.

Campinas

2020

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

L681c Lisboa, Sofia Bonuccelli Heringer, 1996-  
"Cotas sim, cortes não!" - a conquista das cotas étnico-raciais na Unicamp /  
Sofia Bonuccelli Heringer Lisboa. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.  
Orientador: Aparecida Neri de Souza.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

1. Racismo. 2. Políticas publicas de ação afirmativa. 3. Cotas raciais.  
4. Movimentos estudantis. 5. Narrativas. I. Souza, Aparecida Neri, 1952-.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** "Yes quotas, no cuts!"- the achievement of ethnic-racial quotas at Unicamp

**Palavras-chave em inglês:**

Racism

Affirmative Action Policies

Ethnic-Racial Quotas

Student Movement

Narratives

**Área de concentração:** Pedagogia

**Titulação:** Licenciado

**Banca examinadora:**

Inês Ferreira de Souza Bragança

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 19-01-2021

# **“COTAS SIM, CORTES NÃO!” - A CONQUISTA DAS COTAS ÉTNICO-RACIAIS NA UNICAMP**

Esta versão corresponde à versão final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

---

**Autora:** Sofia Bonuccelli Heringer Lisboa

---

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Neri de Souza

---

**Segunda leitora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Inês Ferreira de Souza Bragança

Campinas

2020

## DEDICATÓRIA

A todos e todas que lutaram pelas cotas étnico-raciais na Unicamp, uma luta que se iniciou muito antes dos acontecimentos compreendidos aqui;

A todos e todas que lutam em defesa da universidade pública, gratuita, inclusiva, autônoma, democrática e socialmente referenciada;

A todos e todas que lutam pela transformação radical da sociedade e compartilham o sonho de um mundo sem exploração e sem opressões;

À família de Marielle Franco, em sua memória, para que ninguém se esqueça da sua participação não apenas na luta pelas cotas na Unicamp, mas em tantas outras em defesa da juventude negra e pobre desse país. Uma vida a quem devemos muito. Marielle presente, hoje e sempre!

## AGRADECIMENTOS

À Neri, por quem tive a honra de ser orientada tanto nesse trabalho quanto na minha iniciação científica e com quem aprendi muito;

À Inês, docente querida com quem tive aula em três disciplinas da graduação e que aceitou ser a segunda leitora deste trabalho;

Ao Robson, que também se dedicou a produzir uma pesquisa sobre a ampliação das políticas de ação afirmativa da Unicamp. Sua dissertação de mestrado intitula-se *A implementação das cotas étnico-raciais no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas*. As trocas sobre nossas pesquisas foram fundamentais para a conclusão deste trabalho;

Aos colegas do Centro Acadêmico da Química e do Comando de Greve da Química de 2016, especialmente Amanda, Theodora, Emilly, Natt, Gustavo, Bruno e Lucas;

Aos colegas do movimento estudantil da Unicamp, especialmente do Bloco da Periferia, com quem estive junto em muitas lutas ao longo da minha graduação, aprendendo com eles em todos os momentos;

À Ana, por ter amparado a mim e a tantas outras pessoas envolvidas nesta história, o que exigiu tempo, coragem, força, paciência e dedicação;

Às minhas amigas da Faculdade de Educação: Isabella, Raquel, Giovanna, Gabriela, Nathália, Julia, Victoria, Ana Julia e Natália. A amizade com cada uma delas individualmente e com elas como um todo também foi parte da minha formação na Unicamp, pois me tornei alguém melhor depois de conhecê-las;

Às minhas amigas da Escola Montessori de Campinas, grandes referências para mim, com quem aprendi muito sobre a prática docente ao observá-las e escutá-las: Marina, Letícia, Ju Perrota, Ju Rodrigues, Flávia, Jasmim, Jadiane, Raysa, Camila, Rafaella, Elizandra, Cristiane, Kethlyn e Jessica;

Aos meus amigos Rafael e Ivan, com quem posso contar sempre desde a época da Cooperativa do Saber;

À minha família: Ageu, Margarete, Gabriel e Vitória. Em especial à minha gêmea Vitória pelo incentivo, pela ajuda, pelas várias revisões de texto e pela companhia ao longo não somente da escrita desse trabalho, mas de todos os momentos que o compõem. Também à minha prima Ana Paula, que me auxiliou com prontidão e muito carinho;

Ao meu melhor amigo e companheiro de vida, Lucas;

A todo os(as) docentes da FE e todos(as) os(as) trabalhadores(as) da Unicamp, sem os(as) quais minha trajetória na Unicamp seria impossível.

*Aos esfarrapados do mundo e aos que neles  
se descobrem e, assim descobrindo-se, com  
eles sofrem, mas, sobretudo, com eles  
lutam.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo construir uma narrativa sobre a conquista das cotas étnico-raciais nos cursos de graduação da Unicamp sob a ótica dos sujeitos políticos e dos movimentos sociais que vivenciaram esse processo. Para tanto, foram coletados, organizados, analisados e expostos materiais de diferentes grupos estudantis, de docentes, da Reitoria e da Comissão Permanente para o Vestibular da Unicamp. As cotas étnico-raciais foram a pauta central da greve estudantil de 2016, iniciada em 10/05 com a ocupação do prédio da reitoria. O movimento grevista conquistou três Audiências Públicas sobre cotas e a discussão dessa política afirmativa em todas as Congregações dos cursos e no Conselho Universitário (CONSU). Em 30/05, os conselheiros aprovaram o princípio das cotas e criaram um Grupo de Trabalho (GT), responsável por propor melhorias no processo seletivo da Unicamp, incluindo as cotas em seu vestibular. A proposta do GT foi aprovada no CONSU em 21/11. A presente monografia revela que, entre os anos de 2016 e 2017, a Unicamp foi palco de uma série de conflitos e disputas entre diferentes grupos sociais. Além disso, a mobilização estudantil expôs a desigualdade presente nas relações étnico-raciais dentro da universidade, onde houve ao menos cinco casos de racismo somente nesse período. Por fim, ficou evidente que a luta por cotas faz parte de uma luta mais ampla, a de um projeto de sociedade sem desigualdades, opressões e exploração.

*Palavras-chave: Racismo; Políticas de Ação Afirmativa; Cotas Étnico-Raciais; Movimento Estudantil; Narrativas.*

## ABSTRACT

This Course Conclusion Project aimed to build a narrative about the achievement of ethnic-racial quotas in Unicamp's undergraduate courses from the perspective of political subjects and social movements that experienced this process. To this end, materials from different student groups, teachers, the Rectorate and the Permanent Commission for the Vestibular at Unicamp were collected, organized, analyzed and exposed. Ethnic-racial quotas were the central agenda of the 2016 student strike, which started on 5/10 with the occupation of the rectorate building. The strike movement won three Public Hearings on quotas and the discussion of this affirmative policy in all the Congregations of the courses and in the University Council (UC). On 05/30, the councilors approved the principle of quotas and created a Working Group (WG), responsible for proposing improvements in Unicamp's selection process, including quotas in its entrance exam. The WG proposal was approved at UC on 11/21. This monograph reveals that, between the years 2016 and 2017, Unicamp was the scene of a series of conflicts and disputes between different social groups. In addition, student mobilization exposed the inequality present in ethnic-racial relations within the university, where there were at least five cases of racism in that period alone. Finally, it became evident that the struggle for quotas is part of a broader struggle, that of a society project without inequality, oppression and exploitation.

*Keywords: Racism; Affirmative Action Policies; Ethnic-Racial Quotas; Student Movement; Narratives.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rede de ensino dos matriculados na Unicamp de 2005 a 2015 .....	25
Figura 2 - Cor/raça dos matriculados na Unicamp de 2005 a 2015 .....	26
Figura 3 - Linhas de tendência das retas da Figura 2.....	27
Figura 4 - Linhas de tendência da população preta e parda do estado de SP e da Unicamp .....	28
Figura 5 - Arte da campanha pela ampliação da Moradia Estudantil da Unicamp.....	37
Figura 6 - RA da Unicamp com logo do Santander e bandeira MasterCard .....	38
Figura 7 - Pichação racista encontrada no IFCH.....	39
Figura 8 - Nova pichação racista encontrada no IFCH.....	40
Figura 9 - Estudantes em frente ao <i>poster bomb</i> no IFCH.....	41
Figura 10 - Intervenção na placa da Unicamp durante paralisação do dia 27/04 .....	42
Figura 11 - Pichação em frente ao DCE em resposta às pichações racistas.....	43
Figura 12 - Estudantes na Assembleia Geral do dia 10/05 .....	45
Figura 13 - Faixa fixada pelos ocupantes em uma das entradas da Reitoria.....	47
Figura 14 - Cartaz fixado pelos ocupantes em outra entrada da Reitoria .....	48
Figura 15 - Faixa fixada pelos ocupantes no prédio da Reitoria.....	48
Figura 16 - Dilma Rousseff em apoio às cotas na Unicamp.....	50
Figura 17 - Estudantes entregam contraproposta nas mãos do Reitor .....	58
Figura 18 - Intervenção em placa de uma das entradas da Unicamp .....	60
Figura 19 - Material do TU sobre os contingenciamentos .....	64
Figura 20 - Funcionamento de uma assembleia estudantil .....	65
Figura 21 - Estudantes das Exatas discutem a média 7,0.....	66
Figura 22 - Adesivos das Exatas em apoio à greve e contra a média 7,0 .....	67
Figura 23 - Estudantes das Exatas discutem sobre as mulheres na ciência .....	67
Figura 24 - Estudantes das Engenharias discutem sobre machismo nas festas dos cursos.....	68
Figura 25 - Faixa fixada no portão do CB durante paralisação das Exatas.....	69
Figura 26 - Área interna do CB interdita durante a greve .....	70
Figura 27 - Atividade de greve em área interdita do CB.....	70
Figura 28 - Estudantes se reunindo para a I Marcha Antirracista.....	72
Figura 29 - Estudantes durante a I Marcha Antirracista da Unicamp .....	72
Figura 30 - Continuação do <i>poster bomb</i> no IFCH .....	73

Figura 31 - Estudantes em frente ao poster bomb no IFCH .....	73
Figura 32 - Intervenções no prédio do IMECC em 07/07 .....	77
Figura 33 - Cartaz do DCE em defesa de Guilherme Montenegro .....	78
Figura 34 - Estudantes fazem manifestação durante oitiva de Guilherme Montenegro .....	79
Figura 35 - Adesivo por cotas já e contra as punições racistas.....	80
Figura 36 - Faixa com o mote da campanha contra as punições .....	81
Figura 37 - Arte da campanha virtual pelas cotas na Unicamp .....	82
Figura 38 - Foto de perfil no Facebook de Donald Glover em apoio às cotas .....	83
Figura 39 - Terceira Audiência Pública por cotas na Unicamp.....	85
Figura 40 - Cadeiras do auditório da FCM com indicação dos conselheiros ausentes.....	86
Figura 41 - Faixa em frente ao IQ sobre a ausência dos conselheiros nas Audiências Públicas .....	86
Figura 42 - Projeto de cotas proposto pelo GT .....	87
Figura 43 - Projeto de cotas estabelecido pela lei nº 12.711/12.....	88
Figura 44 - Membros da chapa Bloco da Periferia.....	90
Figura 45 - Faixa de apoio ao Bloco da Periferia fixado no prédio do PB .....	91
Figura 46 - Cartaz com mensagem racista encontrado no IFCH .....	95
Figura 47 - Estudantes durante a II Marcha Antirracista da Unicamp .....	96
Figura 48 - Estudantes durante a II Marcha Antirracista da Unicamp .....	96
Figura 49 - Faixa com contagem regressiva para a votação das cotas no CONSU .....	97
Figura 50 - Scanner de cartaz feito pelo apoiador João Luís Abreu.....	98
Figura 51 - Programação do festival e do ato por cotas .....	99
Figura 52 - Apresentação de Du Kiddy e Aluísio Alberto.....	100
Figura 53 - Apresentação da Escola de Capoeira Angola Resistência .....	100
Figura 54 - Mesa "Desafio para além das cotas: racismo institucional na universidade".....	101
Figura 55 - Apresentação de Urucungos e Puitas Quijenges .....	101
Figura 56 - Apresentação de Preta Rara .....	102
Figura 57 - Discotecagem de DJ JH .....	102
Figura 58 - Apresentação de Mc Linn da Quebrada e Jup do Bairro .....	103
Figura 59 - Intervenção na placa da Unicamp para a votação das cotas.....	104
Figura 60 - Estudantes assistem à transmissão ao lado do CONSU .....	105
Figura 61 - Ingrid Corsi, da FPC, conversa com os representantes dos movimentos sociais .....	106
Figura 62 - Estudantes caminham juntos para a entrada do CONSU .....	106
Figura 63 - Estudantes acompanham a sessão em frente ao CONSU .....	107

Figura 64 - Estudantes entoam palavras de ordem durante o ato por cotas.....	108
Figura 65 - Estudantes acompanham a sessão apreensivos .....	108
Figura 66 - Representante Bruno Ribeiro recebe abraço emocionado .....	109
Figura 67 - Abraço entre Taina Aparecida, do NCN, e Adriano Gois, do NCN e da FPC .....	110
Figura 68 - Milena Oliveira e Teófilo Reis, ambos do NCN, trocam abraços sorridentes .....	110
Figura 69 - Mariel Nakane recebe abraço de Lygia Pereira e Aquiles Silva, todos da FPC .....	111
Figura 70 - Milena Oliveira organiza corredor de saída para receber os conselheiros .....	112
Figura 71 - Conselheira Rachel Meneguello passando pelo corredor de manifestantes .....	112
Figura 72 - FPC, NCN, BP e apoiadores comemoram a aprovação das cotas.....	113
Figura 73 - Estudantes durante a III Marcha Antirracista da Unicamp .....	114
Figura 74 - Estudantes fazem <i>poster bomb</i> na fachada do prédio da FCM .....	115
Figura 75 - Cronograma de trabalho do GT Ingresso 2019.....	116
Figura 76 - Primeira proposta da COMVEST para o GT Ingresso 2019 .....	117
Figura 77 - Primeira proposta da FPC e do NCN para o GT Ingresso 2019 .....	118
Figura 78 - Projeto de cotas proposto pelo GT Ingresso 2019 .....	119
Figura 79 - Reformulação do PAAIS proposta pelo GT Ingresso 2019.....	119
Figura 80 - Seguranças e conselheiros tentam conter os manifestantes .....	122
Figura 81 - Manifestantes adentram o CONSU .....	122
Figura 82 - Seguranças cercam a entrada do CONSU .....	123
Figura 83 - Chamado para o ato por cotas .....	125
Figura 84 - Conselheiros aprovam o projeto de cotas para a Unicamp.....	126
Figura 85 - FPC, NCN e BP comemoram a aprovação do projeto de cotas .....	126

## LISTAS DE QUADROS E TABELAS

### QUADROS

Quadro 1 - Unidade de ensino e Centro Acadêmico dos cursos do <i>campus</i> de Barão Geraldo .....	31
Quadro 2 - Unidade de ensino e Centro Acadêmico dos cursos do <i>campus</i> de Limeira .....	33
Quadro 3 - Unidade de ensino e Centro Acadêmico do curso do <i>campus</i> de Piracicaba .....	33
Quadro 4 - Links de acesso aos documentos de negociação para a desocupação da Reitoria .....	54
Quadro 5 - Datas e duração das paralisações e da greve em cada unidade de Barão Geraldo .....	60

### TABELAS

Tabela 1 - Votos recebidos pelas chapas concorrentes ao DCE .....	92
Tabela 2 - Votos recebidos pelas chapas concorrentes ao CONSU .....	92

## LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

AA	Apenas Alunos
ADunicamp	Associação de Docentes da Unicamp
BP	Bloco da Periferia
CA	Centro Acadêmico
CA XXI de Abril	Centro Acadêmico XXI de Abril
CAACS	Centro Acadêmico Antônio Costa Santos
CAAL	Centro Acadêmico Adolfo Lutz
CAAUL	Centro Acadêmico dos Administradores da Unicamp de Limeira
CAB	Centro Acadêmico da Biologia
CABS	Centro Acadêmico Bernardo Sayão
CACAU	Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo
CACH	Centro Acadêmico das Ciências Humanas
CACO	Centro Acadêmico da Computação
CACT	Centro Acadêmico das Ciências da Terra
CAE	Centro Acadêmico da Enfermagem
CAEA	Centro Acadêmico da Engenharia Agrícola
CAECO	Centro Acadêmico da Economia
CAEF	Centro Acadêmico da Educação Física
CAEFIS	Centro Acadêmico do ProFIS
CAEMM	Centro Acadêmico da Engenharia Mecânica e Mecatrônica
CAEQ	Centro Acadêmico de Estudos de Química
CAF	Centro Acadêmico da Física
CAFARMA	Centro Acadêmico da Farmácia
CAFEA	Centro Acadêmico da Faculdade de Engenharia de Alimentos
CAFEQ	Centro Acadêmico da Faculdade de Engenharia Química
CAFIL	Centro Acadêmico da Filosofia
CAGEAC	Centro Acadêmico da Geologia Asit Choudhuri
CAIA	Centro Acadêmico do Instituto de Artes

CAL	Centro Acadêmico da Linguagem
CALI	Centro Acadêmico da Licenciatura Integrada
CAMAB	Centro Acadêmico Maria Cristina Faber Boog
CAMECC	Centro Acadêmico dos Estudantes do IMECC
CAMP	Centro Acadêmico de Manufatura e Produção
CAP	Centro Acadêmico de Pedagogia
CAT	Centro Acadêmico de Tecnologia
CAXD	Centro Acadêmico X de Dezembro
CAXS	Centro Acadêmico X de Setembro
CB I	Ciclo Básico I
CB II	Ciclo Básico II
CCG	Comissão Central da Graduação
CE	Comissão Eleitoral
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMVEST	Comissão Permanente Para o Vestibular da Unicamp
CONSU	Conselho Universitário
COTIL	Colégio Técnico de Limeira
COTUCA	Colégio Técnico da Unicamp
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DESICE	Departamento de Ciências Sociais na Educação
DGA	Diretoria Geral Administrativa
DOU	Diário Oficial da União
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
F6	Fórum das Seis
FCA	Faculdade de Ciências Aplicadas
FCM	Faculdade de Ciências Médicas
FE	Faculdade de Educação
FEA	Faculdade de Engenharia de Alimentos

FEAgri	Faculdade de Engenharia Agrícola
FEC	Faculdade de Engenharia Civil
FEEC	Faculdade de Engenharia Elétrica e Computacional
FEF	Faculdade de Educação Física
FEM	Faculdade de Engenharia Mecânica
FEnf	Faculdade de Enfermagem
FEQ	Faculdade de Engenharia Química
FGV	Faculdade Getúlio Vargas
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FOP	Faculdade de Odontologia de Piracicaba
FPC	Frente Pró-Cotas da Unicamp
FT	Faculdade de Tecnologia
GEMAA	Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas
GEPEDISC	Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Educação e Diferenciação Sociocultural
GR	Gabinete do Reitor
GT	Grupo de Trabalho
IA	Instituto de Artes
IB	Instituto de Biologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Instituto de Computação
IC	Iniciação Científica
ICMS	Imposto Sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual, Intermunicipal e de Comunicação
IE	Instituto de Economia
IEL	Instituto de Estudos da Linguagem
IES	Instituições de Ensino Superior
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IFGW	Instituto de Física Gleb Wataghin
IG	Instituto de Geociências

IMECC	Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica
IQ	Instituto de Química
MAIS	Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista
MBL	Movimento Brasil Livre
ME	Movimento Estudantil
MRT	Movimento Revolucionário dos Trabalhadores
NCN	Núcleo de Consciência Negra da Unicamp
ONU	Organização das Nações Unidas
PAAIS	Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social
PAD	Programa de Apoio Didático
PB	Pavilhão Básico
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PIBIC	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PL	Projeto de Lei
PM	Polícia Militar
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPI	Pretos, Pardos e Indígenas
ProFIS	Programa de Formação Interdisciplinas Superior
Prouni	Programa Universidade Para Todos
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RA	Registro Acadêmico
RD	Representante Discente
RedEstrado	Rede Latino-Americana de Estudos sobre Trabalho Docente
SISU	Sistema de Seleção Unificada

SP	São Paulo
STF	Supremo Tribunal Federal
STU	Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TU	Transparência Unicamp
UBA	Universidad de Buenos Aires
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UJC	União da Juventude Comunista
UJS	União da Juventude Socialista
UL	Unicamp Livre
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CONHECENDO A AUTORA	19
CONHECENDO A PESQUISA	22
1 CARACTERIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL	31
1.1 DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES E CENTROS ACADÊMICOS	31
1.2 ORGANIZAÇÕES PARTIDÁRIAS	34
1.3 FRENTE PRÓ-COTAS E NÚCLEO DE CONSCIÊNCIA NEGRA	35
1.4 REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL	36
2 A GREVE ESTUDANTIL	38
2.1 O CONTEXTO E O ESTOPIM	38
2.2 A OCUPAÇÃO	44
2.2.1 Os primeiros momentos	44
2.2.2 Negociando a desocupação	51
2.3 A GREVE	59
2.3.1 Quadro geral	59
2.3.2 A participação dos cursos das Exatas e da Saúde	62
2.3.3 As punições aos grevistas	74
3 AS MOBILIZAÇÕES PÓS-GREVE	82
3.1 AS AUDIÊNCIAS PÚBLICAS	82
3.2 AS ELEIÇÕES DISCENTES	89
3.3 A CAMPANHA POR COTAS	94
3.4 A PRIMEIRA VOTAÇÃO	103
3.5 A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE COTAS	115
3.6 A SEGUNDA VOTAÇÃO	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	133

## INTRODUÇÃO

### CONHECENDO A AUTORA

*Renova-te.  
Renasce em ti mesmo.  
(...)  
Sê sempre o mesmo.  
Sempre outro. Mas sempre alto.  
Sempre longe.  
E dentro de tudo.*

*Cecília Meireles*

Conheci esse poema através de uma querida docente ao final de uma disciplina na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp em 2016, quando ainda era estudante do Instituto de Química (IQ) nas modalidades bacharelado e licenciatura e planejava tornar-me professora. Desde que me formei como técnica em Química em 2014, trabalhei em escolas e cursos preparatórios para o vestibular, especialmente cursinhos populares. As minhas experiências nesses espaços somadas às inquietações que surgiram na minha passagem pelo curso de Química e às aulas da licenciatura foram fundamentais para a minha escolha de estudar mais sobre Educação. Prestei o vestibular novamente e ingressei no curso de Pedagogia em 2017.

Nesse mesmo ano, participei da organização do IX Encontro Brasileiro da Rede Latino-americana de Estudos sobre o Trabalho Docente (RedEstrado) com o tema *Trabalho docente no século XXI: conjuntura e construção de resistências*. A rede, criada no final de 1999, promove encontros bienais nos países participantes voltados à divulgação de estudos e pesquisas sobre o trabalho docente. Além disso, cursei uma disciplina no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), a *HZ854 - Tempo e Trabalho*, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Castro, que buscava discutir a construção social do tempo, sua operacionalização no capitalismo e as contribuições das teorizações feministas para o debate. Ambas as experiências ainda no início da minha graduação em Pedagogia me estimularam a estudar as relações entre trabalho e educação, assim como as diferenciações sociais e de gênero no trabalho e na educação.

Em 2019, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC), linha Educação e Trabalho, do Departamento de Ciências Sociais e Educação (DECISE). Fui monitora na disciplina *EP340 - Sociologia da Educação I* através do Programa de Apoio Didático (PAD) e comecei minha Iniciação Científica (IC) sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Neri de Sousa, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A pesquisa tinha por objetivo, inicialmente, realizar uma análise histórica sobre o processo de feminização do magistério e, em seguida, compreender a organização e as condições de trabalho de mulheres professoras na Educação Infantil em escolas públicas da cidade de Campinas. A vigência da bolsa de IC era de agosto de 2019 a junho de 2020, mas interrompi em janeiro de 2020 devido uma oportunidade de mobilidade estudantil.

Antes da pandemia de COVID-19, fui contemplada em um edital para cursar o primeiro semestre de 2020 na Universidade de Buenos Aires (UBA), na Argentina. Essa seria minha primeira experiência internacional, possível graças a uma bolsa que receberia tanto da Unicamp (para cobrir gastos com seguro e passagens), quanto da UBA (para cobrir gastos com moradia e alimentação). Assim, interrompi a IC, fui para Buenos Aires ao final de fevereiro e fiz minha matrícula na UBA na segunda semana de março.

Infelizmente, o intercâmbio também precisou ser interrompido devido à pandemia. Com o decreto do isolamento total obrigatório no país em 19 de março; o fechamento de todos os estabelecimentos exceto mercados e hospitais; a proibição de transitar pelas ruas senão para ir a esses estabelecimentos, hospital ou casa de familiar adoecido, com risco de prisão por delito contra a Saúde pública; as Forças Armadas e as Polícias vigiando as ruas; enfim, com o agravamento da situação na Argentina e com o endurecimento das medidas tomadas pelo governo, passei a sofrer muito na condição de estrangeira. Ademais, a UBA nos alertou sobre a incerteza de como seria feito o pagamento das parcelas da bolsa e sobre a possibilidade de cancelamento do intercâmbio. Sem a bolsa, não tinha condições de permanecer em outro país.

Retornei para o Brasil e pude me matricular com atraso nas disciplinas da Pedagogia, entre elas, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Como não havia me programado para realizar um TCC nesse semestre, pensei em dar continuidade à

minha IC. Contudo, decidi pesquisar sobre outro tema: a conquista das cotas étnico-raciais na Unicamp. Apesar de ser apaixonada pelo tema da minha IC e querer concluir a pesquisa que me propus de início, alguns fatores motivaram minha mudança.

Durante a disciplina *EP144 - Metodologia de Pesquisa em Ciências da Educação*, li um TCC sobre a conquista e a construção da Moradia Estudantil da Unicamp. Este projeto me chamou a atenção para a importância dos registros - e a conquista das cotas na Unicamp certamente é um acontecimento cujo registro é indispensável. Outro fator decisivo foi minha experiência pessoal e meu envolvimento com o movimento estudantil e a luta por cotas. Em 2016, cursava o segundo ano de Química e fazia parte da gestão do Centro Acadêmico de Estudos de Química (CAEQ). No dia 10/05, dia da assembleia geral que deliberou a greve por cotas, lembro de ligar para a minha mãe por volta das dez da noite para avisar que a assembleia estava lotada e ainda não havia terminado, mas que eu estava bem e ela não precisava se preocupar, logo eu voltaria para casa. Instantes depois, liguei para avisar que os estudantes haviam decidido iniciar uma greve geral e ocupar o prédio da Reitoria naquela noite - não voltaria para casa tão logo.

Para mim, esse foi o início de um período muito marcante na minha trajetória na Unicamp. Participei muito ativamente do movimento grevista, fiz parte do comando de greve tanto da Química quanto o geral, ajudei a pensar nas atividades a serem realizadas durante a greve e nas formas de garantir sua realização, participei de todas as assembleias, atos etc. Em 2017, integrei a Frente Pró-Cotas da Unicamp e participei de reuniões em que, junto de meus colegas, fazíamos a negociação com a Comissão Permanente para o Vestibular (COMVEST) sobre qual seria o projeto de cotas a ser apresentado no Conselho Universitário (CONSU) para apreciação. Em 2018, fui eleita representante discente no CONSU pela chapa Bloco da Periferia e comprometi-me a acompanhar de perto as discussões sobre como seria feita a implementação das cotas e a repassar informes aos estudantes caso surgisse alguma pauta de nosso interesse.

Atualmente, faço parte de uma pequena equipe empenhada em produzir um documentário sobre a conquista das cotas na Unicamp e pretendo ingressar no mestrado para dar continuidade a essa pesquisa a partir dos dados, análises e conclusões obtidas aqui.

## CONHECENDO A PESQUISA

Ação afirmativa é “(...) todo programa, público ou privado, que tem por objetivo conferir recursos ou direitos especiais para membros de um grupo social desfavorecido, vistas a um bem coletivo” (FERES JÚNIOR, 2018, p. 13). Existem diversos tipos de políticas de ação afirmativa, como a bonificação em processos seletivos, reserva de vagas<sup>1</sup> em universidades e cargos públicos, empréstimos, descontos, auxílio financeiro etc., e elas se diferenciam das políticas punitivas antidiscriminatórias porque agem tanto para prevenir a discriminação atual quanto para reparar discriminações passadas (*ibidem*, p. 14). Aqui, é importante pontuar que a discriminação étnico-racial é apenas uma das modalidades de discriminação, certamente a mais comum no debate público sobre ações afirmativas.

No Brasil, políticas de ação afirmativa começaram a ser implementadas no começo dos anos 2000, impulsionadas pelos debates realizados durante a Conferência de Durban,<sup>2</sup> “(...) pensada para ser o evento de maior envergadura realizado sob os auspícios da ONU com o objetivo de discutir os problemas gerados pelo racismo contemporâneo” (*ibidem*, p. 72). As primeiras ações em Instituições de Ensino Superior (IES) foram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), que passaram a reservar vagas para estudantes egressos de escolas públicas, pretos e pardos em 2001. Em 2003, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira universidade federal a adotar a reserva de vagas e abriu o precedente para outras federais adotarem políticas semelhantes (*ibidem*, p. 75).

Em 2012, foi aprovada a lei nº 12.711 que institui reservas de vagas para pretos, pardos, indígenas, estudantes de escolas públicas e de baixa renda no Ensino Superior e Técnico sob administração da Federação (BRASIL, 2012). A partir desta lei, que ficou conhecida como Lei de Cotas, houve a homogeneização da ação afirmativa, essencialmente as cotas, nas universidades federais. Quanto às estaduais, desde a UERJ e a UENF, em respeito ao princípio da autonomia universitária, as políticas de ação afirmativa são criadas e reguladas por leis estaduais ou pelos

---

<sup>1</sup> A política de reserva de vagas é comumente chamada de cotas.

<sup>2</sup> Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as formas correlatas de Intolerância organizada pela ONU e realizada entre 31 de agosto a 8 de setembro de 2001 na Cidade de Durban na África do Sul.

conselhos universitários independentemente - e assim permanece até hoje (FERES JÚNIOR, 2018).<sup>3</sup>

Em 2003, o CONSU nomeou uma comissão para estudar as possibilidades de políticas de ação afirmativa para a Unicamp. Na época, havia o entendimento de que o vestibular deveria ter como objetivo selecionar candidatos com as melhores chances de se desenvolver pessoal e profissionalmente na universidade, mas que, com o formato atual, a seleção era pouco precisa. Afinal, como diferenciar um candidato que obteve 500 pontos de um que obteve 501 (TESSLER; PEDROSA, 2008, p. 6)? Também havia pesquisas<sup>4</sup> indicando que estudantes oriundos de escolas públicas têm um desempenho acadêmico semelhante ou superior aos oriundos de escolas particulares e que a diversidade cultural proporciona um ambiente mais favorável para a produção e a troca de conhecimentos.

O resultado desse estudo foi o Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (PAAIS),<sup>5</sup> que inicialmente consistia em duas iniciativas: ampliar o programa de isenção de taxas do vestibular, existente desde 2000; e criar o programa de bonificação que adicionava 30 pontos na nota final do vestibular dos candidatos de escolas públicas e mais 10 pontos para os candidatos deste grupo autodeclarados pretos, pardos ou indígenas. O objetivo do PAAIS era aumentar as chances de um candidato com potencial de desenvolvimento ser aprovado sem reservar nenhuma vaga.

O PAAIS foi implementado pela primeira vez no vestibular de 2005 e, desde então, várias pesquisas são realizadas para acompanhar o desempenho dos participantes e avaliar os resultados do projeto. Em 2006, durante o acalorado debate sobre o Projeto de Lei nº 73/99,<sup>6</sup> a coordenação da COMVEST publicou uma série de artigos se posicionando contra as cotas nas universidades federais e argumentando

---

<sup>3</sup> As IES alvo das políticas de ação afirmativa não foram somente as públicas. O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e o Programa Universidade Para Todos (ProUni) são exemplos de políticas afirmativas voltadas às IES privadas.

<sup>4</sup> A COMVEST compilou relatórios e estudos sobre políticas afirmativas em seu *site*. Você pode acessá-los em: <<http://www.comvest.unicamp.br/relatorios-estudos-e-estatisticas>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>5</sup> A pauta e a ata da sessão do CONSU em que foi aprovada a criação do PAAIS encontram-se disponíveis em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/pautaconsu87adendo.pdf>> e em <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/ata87consu.pdf>> respectivamente. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>6</sup> Projeto de Lei (PL) da Deputada Nice Lobão (PSD-MA) que deu origem à lei federal nº 12.711. O PL tramitou por mais de uma década até sua sanção, quando 40 das 58 universidades federais já aderiam a algum tipo de ação afirmativa (FERES JÚNIOR, 2018, p. 84).

que cotas eram apenas uma das possibilidades de ação afirmativa. Para a COMVEST, as cotas eram uma opção ingênua (TESSLER, 2006a) e obsoleta (TESSLER, 2006b), que já havia sido considerada inconstitucional pela Suprema Corte dos Estados Unidos, o país precursor da ação afirmativa no Ensino Superior.<sup>7</sup>

Segundo a COMVEST, o PAAIS foi um programa amplamente debatido no interior da Unicamp e, por isso, possuía a legitimidade que um projeto implantado a nível nacional jamais teria, pois isso seria uma imposição que desrespeitaria as particularidades de cada universidade. Ademais, a COMVEST afirmava que o PAAIS respeitava o princípio da justiça social, sem ferir outros dois princípios importantes: o mérito do candidato e a autonomia da universidade, que inclui o processo de seleção de seus estudantes (TESSLER; PEDROSA, 2008). Dessa forma, o PAAIS, uma ação afirmativa sem cotas, seria a melhor política para a Unicamp e para as demais universidades:

O PAAIS mostrou que se for permitido às universidades o exercício de sua autonomia constitucional, elas poderão encontrar soluções para a inclusão social com resultados que podem ser surpreendentes. Impor cotas como a única forma de ação afirmativa é uma solução rápida, fácil e potencialmente desastrosa para o sistema universitário brasileiro. (TESSLER, 2006c, p. 2)

Ao final do vestibular de 2005, a COMVEST publicou um relatório sobre os resultados do primeiro ano do programa. Nele, consta que houve um aumento na demanda por parte dos grupos beneficiados; um crescimento de 23% entre os aprovados da escola pública e de 36% de pretos, pardos e indígenas; um aumento de 76% de isentos matriculados; um efeito maior nos cursos mais concorridos e nos cursos noturnos. Na conclusão do relatório, a COMVEST escreve que:

O PAAIS é o primeiro programa de ação afirmativa sem cotas implantado em uma universidade pública brasileira. Seus efeitos foram fortemente positivos em todos os aspectos considerados em seu primeiro ano de aplicação. A COMVEST recomenda fortemente sua continuidade (COMVEST, 2006, p. 7).

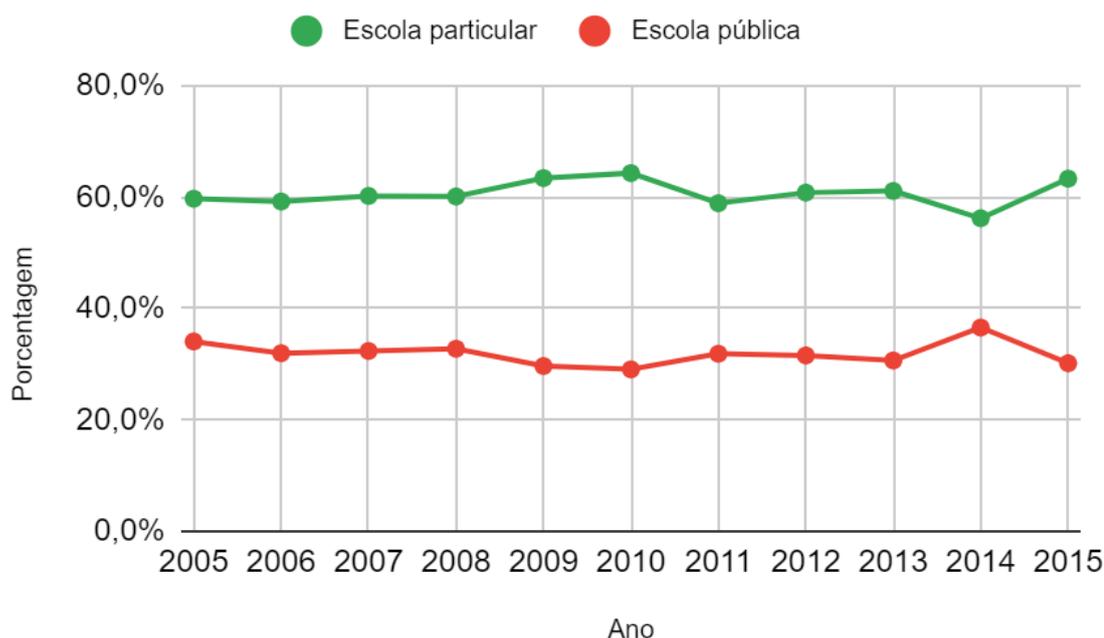
---

<sup>7</sup> As políticas de ação afirmativa nos Estados Unidos foram criadas nos anos 1960 e se expandiram por todo o país nos serviços públicos e nas universidades. Em 1978, a Suprema Corte julgou o caso *Regents of the University of California v. Bakke*, em que um candidato branco alegou que a política de cotas da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia havia negado seu ingresso devido à sua cor, ferindo o princípio de igualdade previsto na 14<sup>a</sup> Emenda à Constituição estadunidense. O juiz Lewis Powell proferiu o voto decisivo e declarou inconstitucional a reserva de vagas, mas ratificou a legitimidade de outras ações afirmativas, como as das Universidade de Harvard (*ibidem*, pp. 57-58).

Apesar de todos os argumentos da COMVEST e dos resultados iniciais, o impacto do PAAIS para a inclusão social, como o próprio nome sugere, foi insuficiente. Em 2005 pode ter aumentando a quantidade de estudantes egressos de escolas públicas, porém, desse ano em diante, não houve nenhum outro aumento significativo e esses estudantes continuaram sendo a minoria dos matriculados na Unicamp – o inverso da realidade escolar do Estado de São Paulo, em que mais de 80% dos estudantes de Ensino Médio estão matriculados em escolas da rede pública (IBGE, 2005-2015).

No gráfico abaixo, podemos observar que não houve alterações relevantes no percentual de matriculados na Unicamp oriundos de escolas públicas em comparação com os de escolas particulares ao longo de uma década de PAAIS:

**Figura 1 - Rede de ensino dos matriculados na Unicamp de 2005 a 2015**



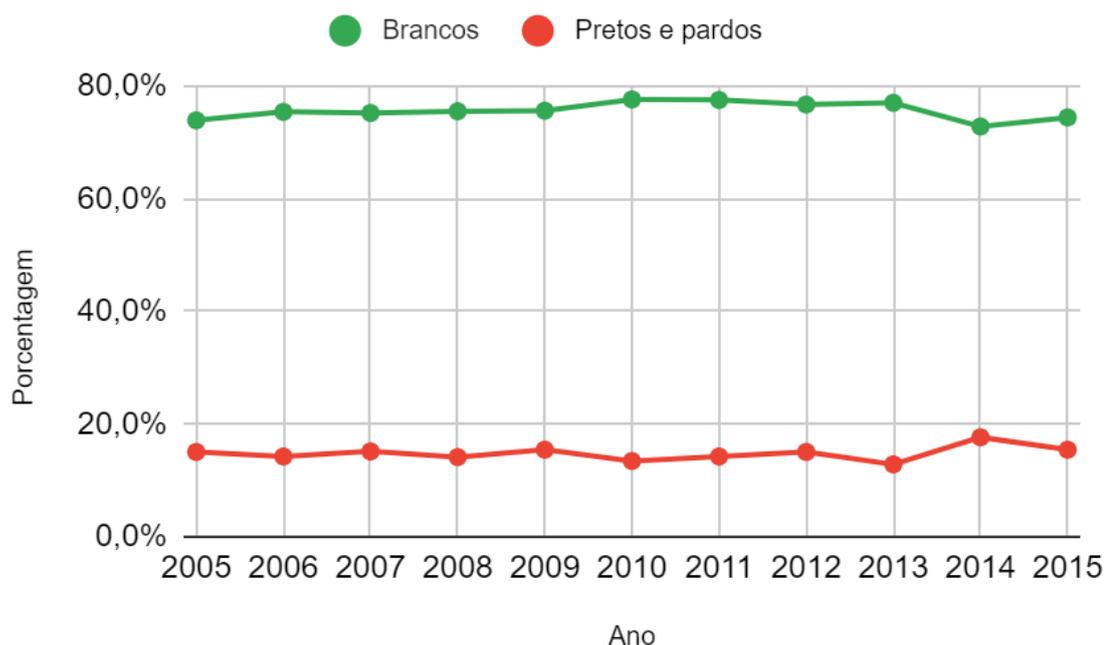
(Gráfico de elaboração própria. Dados da COMVEST)<sup>8</sup>

O cenário é ainda pior se analisarmos a capacidade do PAAIS em promover a inclusão de estudantes pretos e pardos, afinal, o grupo-alvo do PAAIS eram os candidatos de escolas públicas; os candidatos pretos, pardos e indígenas (PPI) eram apenas um subgrupo – aqueles provenientes de escolas privadas não recebiam

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/perfil-socioeconomico/perfil-socioeconomico-geral/>>. Último acesso em 03/09/2020.

bonificação. Ademais, a bonificação recebida pelos PPI de escolas públicas também se mostrou irrelevante por mais de uma década de PAAIS, como pode ser observado a seguir:

**Figura 2 - Cor/raça dos matriculados na Unicamp de 2005 a 2015**



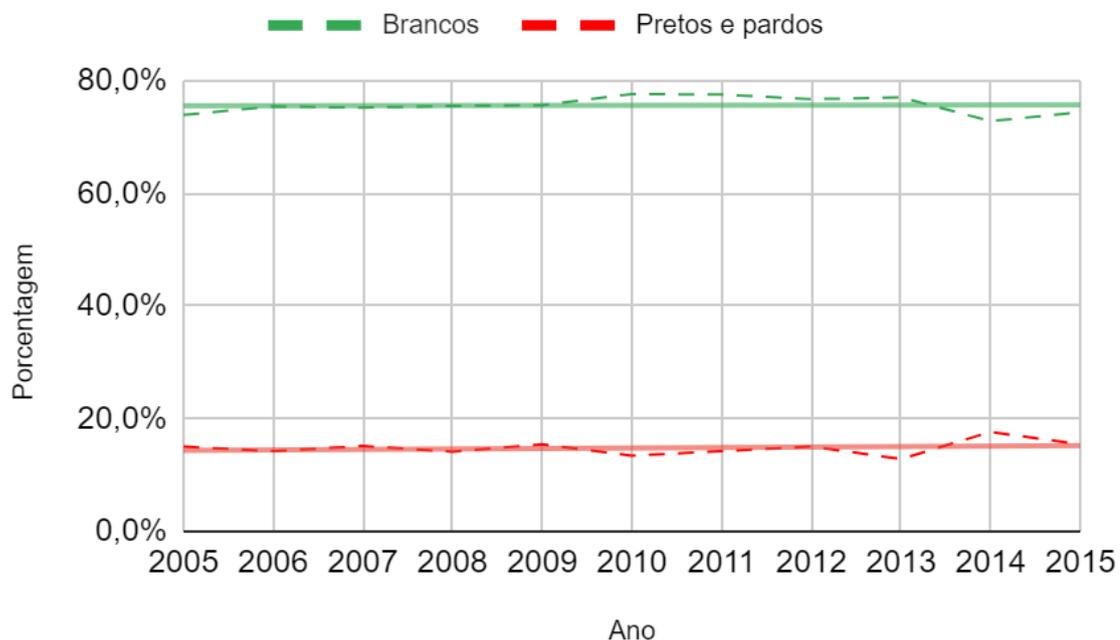
(Gráfico de elaboração própria. Dados da COMVEST)<sup>9</sup>

O gráfico acima compara a porcentagem de estudantes brancos, pretos e pardos matriculados na Unicamp em um período de 10 anos. Desde o primeiro ano de implementação do PAAIS até 2015, a variação é tão pequena que, se traçarmos as linhas de tendência, obteremos retas de inclinação quase nulas:

---

<sup>9</sup> *Idem.*

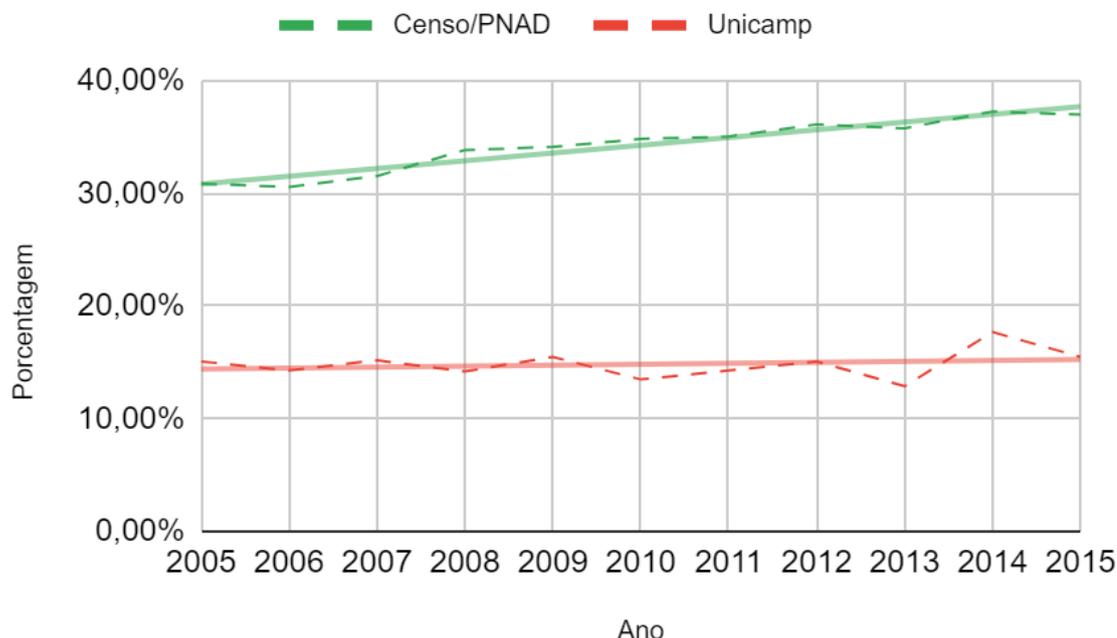
**Figura 3 - Linhas de tendência das retas da Figura 2**



(Gráfico de elaboração própria. Dados da COMVEST)<sup>10</sup>

Não só a variação é quase nula como também não segue a tendência percebida nos dados do Censo Demográfico (2010) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2005-2009 e 2011-2015) nesse mesmo período, que está em crescimento contínuo:

<sup>10</sup> *Idem*

**Figura 4** - Linhas de tendência da população preta e parda do estado de SP e da Unicamp

(Gráfico de elaboração própria. Dados do IBGE e da COMVEST)<sup>11</sup>

Percebendo a mobilização nacional pela política de cotas nas universidades federais, a Unicamp se adiantou e aprovou sua própria política de ação afirmativa sem reserva de vagas. Tal medida foi sagaz na medida em que, com um ar de pioneirismo, a Unicamp se esquivava de adotar uma ação afirmativa baseada no princípio da reparação, preferindo investir no princípio da diversidade. Feres Júnior (2018) chama a atenção para o fato de que a diversidade aparece como um bem para aqueles que desfrutam do serviço, como a universidade, e não propriamente um bem para um grupo socialmente discriminado.

Foi apenas em 2017 que a Unicamp adotou as cotas étnico-raciais em seu vestibular - sem renunciar ao PAAIS, que passou por uma reformulação, mas se manteve enquanto ação afirmativa de inclusão social. Apesar dos movimentos sociais se organizarem para pressionar a Unicamp a adotar cotas desde 2012, foi somente em 2016 que os estudantes pautaram essa política como a centralidade do movimento grevista que ocupou a Reitoria durante dois meses naquele ano.

<sup>11</sup> Os dados do Censo e da PNAD estão disponíveis em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd\\_2010\\_resultados\\_gerais\\_amostra.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais_amostra.pdf)> e em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=microdados>> respectivamente. Último acesso em 03/09/2020.

O objetivo do presente trabalho é elaborar uma narrativa sobre a conquista das cotas étnico-raciais na Unicamp sob a ótica dos sujeitos políticos e dos movimentos sociais que vivenciaram esse processo. Aqui, entende-se a narrativa como algo mais abrangente do que uma estrutura textual. Pedro Rocha dos Reis (2011) compreende a narrativa como algo inerente à ação humana, portanto, inserido em contextos históricos e culturais. Por essa razão, tratei de me apresentar logo ao início desse trabalho. Situar o narrador - nesse caso, eu mesma - é fundamental para que o leitor saiba desde o princípio quem narra, com quais objetivos, dentro de qual contexto.

Tendo participado diretamente dos acontecimentos apresentados ao longo das próximas páginas, não teria como escrever sobre eles sem deixar minhas próprias marcas interpretativas. Com exceção da introdução, são raros os momentos em que escrevo em primeira pessoa, contudo, isso não significa que eu esteja ausente enquanto sujeito dessa história. A própria seleção do que seria ou não inserido na narrativa, de que forma eu a organizaria, quantos parágrafos dedicaria para cada acontecimento etc. são marcas da minha interpretação. Convido o(a) leitor(a) a se atentar a esses aspectos e a consultar os materiais originais.

Segundo Maria Isabel da Cunha (1997) e Amanda Rabelo (2011), uma narrativa não é a descrição fidedigna de um acontecimento pois, quando uma pessoa relata algo vivido por si mesma, ela reconstrói sua trajetória e atribui novos significados aos fatos. Assim, a narrativa é apenas uma representação - e está em mudança contínua, pois “[...] nossas histórias são revisitadas constantemente, à medida que novos eventos se acrescentam em nossas vidas” (CUNHA, 1997, p. 176).

Cunha (1997), Rabelo (2011) e Reis (2011) apontam o potencial das narrativas como método de ensino e de pesquisa. No primeiro caso, a escrita de narrativas proporciona a organização das memórias e, ao refletir sobre elas, a análise crítica dos significados atribuídos às experiências vividas. Nesse processo, o escritor passa a conhecer mais sobre si, praticando o uso didático da memória. No segundo caso, a análise de narrativas possibilita ao leitor reviver um acontecimento sob a perspectiva do outro. Além disso, a leitura possibilita simultaneamente o distanciamento afetivo necessário para compreender as decisões descritas e a aproximação a partir da identificação com o enredo.

Para cumprir com o objetivo proposto neste trabalho, construí um banco de dados com diversos documentos produzidos em 2016 e 2017 por diferentes grupos que estiveram presentes nas mobilizações por cotas: grupos de estudantes, de

docentes, a Reitoria e a COMVEST. Foram coletados cerca de mil textos, fotos, vídeos, cartazes, panfletos, reportagens, entre outros. Grande parte desses documentos encontra-se na internet, especialmente no Facebook. Para encontrá-los, visitei os *sites* oficiais da Unicamp e da COMVEST, as páginas de Facebook do Diretório Central dos Estudantes e de todos os Centros Acadêmicos da universidade, bem como as páginas da greve geral e as das greves nos cursos. Também fiz esse procedimento nos *sites* oficiais do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU), da Associação de Docentes da Unicamp (ADunicamp) e do Fórum das Seis (F6)<sup>12</sup> pois eles chegaram a emitir notas a respeito da greve dos estudantes e sobre as cotas na época. Por fim, nos *sites* e/ou páginas dos grupos políticos estudantis partidários e não-partidários. Todo o material coletado foi sistematizado com base em dois critérios: o primeiro cronológico e o segundo temático - para além da cronologia dos acontecimentos, foram identificados os principais marcos da luta por cotas nesse período e as estratégias dos grupos envolvidos.

Como mencionado anteriormente, participei de todos os momentos da mobilização por cotas entre 2016 e 2017. Assim, é possível dizer que, mesmo não intencionalmente, estive inserida em campo e realizei observação participativa, coletando e registrando dados que hoje, anos depois, puderam ser consultados e incluídos na análise.

Particularmente quanto a 2016, mantive um diário desde o primeiro dia da greve geral até o final do ano. Era nele que eu preparava minhas falas para as assembleias e anotava as falas de colegas, os dados importantes que surgiam nos eventos e nas reuniões etc. Também era nele que eu guardava alguns materiais de valor histórico e sentimental, como os adesivos e panfletos que tenho até hoje. Foi um diário de campo escrito no processo. Deliciosas coincidências da vida! Hoje, mais de 4 anos depois, finalizando a graduação em outro curso, retorno para esses materiais e, como diria Cunha (1997), faço o uso didático da minha memória a fim de compreender os significados que atribuí ao que vivi nesse período, assim como os significados atribuídos por meus colegas que, ainda que não em formato de diário, através de diversos materiais, construíram suas narrativas sobre todo esse processo.

---

<sup>12</sup> O Fórum das Seis é uma entidade que compreende os sindicatos de docentes e de servidores técnico-administrativos das três universidades estaduais paulistas: USP, Unicamp e Unesp.

## 1 CARACTERIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Entre 2016 e 2017, período retratado aqui, havia muitos estudantes participando do Movimento Estudantil (ME) da Unicamp através dos seguintes grupos: Diretório Central dos Estudantes, Centros Acadêmicos, Frente Pró-Cotas da Unicamp, Núcleo de Consciência Negra da Unicamp, representação discente da Moradia Estudantil, representação discente do CONSU e da Comissão Central de Graduação (CCG) e/ou coletivos de juventude partidários. Eles não eram os únicos, havia outros grupos menores, como os coletivos de mulheres e de LGBT presentes em alguns cursos, porém, tomei como foco da pesquisa aqueles cuja participação na luta por cotas foi mais expressiva.

### 1.1 DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES E CENTROS ACADÊMICOS

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) é a entidade que representa todos os estudantes de uma universidade. Ele tem por objetivo defender os interesses e direitos de seus estudantes e cumpre papel importante enquanto instrumento político de organização e mobilização estudantil. Todo estudante tem o direito de compor o DCE, mas o mais comum é que uma gestão seja eleita para presidi-lo ao longo de um ano. Na Unicamp, a eleição para DCE acontece aos finais de ano, junto às eleições para representação discente no CONSU e na CCG.

Para além do DCE, os estudantes podem se organizar através do Centro Acadêmico (CA) de seus cursos. A dinâmica é similar à do DCE, porém, o CA representa unicamente os estudantes de um curso, atuando em defesa dos interesses mais específicos de acordo com a realidade de cada área. Em 2016 e 2017, a Unicamp possuía 24 unidades de ensino, 51 cursos e 33 CA espalhados pelos *campi* de Barão Geraldo, Limeira e Piracicaba:

**Quadro 1 - Unidade de ensino e Centro Acadêmico dos cursos do *campus* de Barão Geraldo**

Curso	Unidade	Centro Acadêmico
Artes Cênicas	IA	CAIA
Artes Visuais		
Midialogia		

Dança		
Música		
Biologia	IB	CAB
Educação Física	FEF	CAEF
Enfermagem	FEnf	CAE
Medicina	FCM	CAAL
Fonoaudiologia		CAXS
Farmácia		CAFARMA
Arquitetura e Urbanismo	FEC	CACAU
Engenharia Civil		CAXD
Ciência da Computação	IC	CACO
Engenharia de Computação	FEEC	
Engenharia Elétrica		CABS
Engenharia de Alimentos	FEA	CAFEA
Engenharia de Controle e Automação	FEM	CAEMM
Engenharia Mecânica		
Engenharia Agrícola	FEAGRI	CAEA
Engenharia Química	FEQ	CAFEQ
Física	IFGW	CAF
Matemática	IMECC	CAMECC
Estatística		
Matemática aplicada, Engenharia Física e Física Médica		
Química	IQ	CAEQ
Geologia	IG	CAGEAC
Geografia		CACT
Economia	IE	CAECO
Ciência Sociais	IFCH	CACH
História		
Filosofia		CAFIL
Estudos Literários	IEL	CAL
Linguística		
Letras		
Pedagogia	FE	CAP

Licenciatura Integrada		CALI
ProFIS	---	CAEFIS

(Quadro de elaboração própria. Dados da Diretoria Acadêmica da Unicamp e dos Centros Acadêmicos dos cursos da Unicamp)<sup>13</sup>

**Quadro 2 - Unidade de ensino e Centro Acadêmico dos cursos do *campus* de Limeira**

Curso	Unidade	Centro Acadêmico
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	FT	CAT
Sistemas de Informação		
Tecnologia em Construção de Edifícios		
Tecnologia em Saneamento Ambiental		
Engenharia Ambiental		
Engenharia de Telecomunicações		
Administração	FCA	CAAUL
Administração Pública		CAACS
Engenharia de Manufatura		CAMP
Engenharia de Produção		--
Ciência do Esporte		
Nutrição		CAMAB

(Quadro de elaboração própria. Dados da Diretoria Acadêmica da Unicamp e dos Centros Acadêmicos dos cursos da Unicamp)<sup>14</sup>

**Quadro 3 - Unidade de ensino e Centro Acadêmico do curso do *campus* de Piracicaba**

Curso	Faculdade e	Centro Acadêmico
Odontologia	FOP	CA XXI de Abril

(Quadro de elaboração própria. Dados da Diretoria Acadêmica da Unicamp e dos Centros Acadêmicos dos cursos da Unicamp)<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.dac.unicamp.br/sistemas/catalogos/grad/catalogo2016/cursos.html>>. Último acesso em 22/08/2020.

<sup>14</sup> *Idem.*

<sup>15</sup> *Idem.*

## 1.2 ORGANIZAÇÕES PARTIDÁRIAS

Entre os estudantes que compõem as gestões do DCE e dos CA, podem existir aqueles filiados a algum partido ou que atuam em um coletivo de juventude partidário. Na Unicamp, há a presença do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) que, assim como o Partido dos Trabalhadores (PT), é um partido de tendências, ou seja, que permite agrupamentos internos que disputam e colaboram entre si “[...] para determinar a direção e as ações do partido como um instrumento político comum” (FERNANDES, 2019, p. 134). Cada tendência costuma ter seu próprio coletivo de juventude, através dos quais se inserem no ME secundarista e universitário.

O PSOL estava inserido no ME da Unicamp por meio de três coletivos: Domínio Público, Juntos! e Vamos à Luta. Estes integram as tendências 1º de Maio, Movimento Esquerda Socialista e Corrente Socialista dos Trabalhadores, respectivamente. No início de 2017, o Domínio Público passou por um processo de reformulação interna e, para marcar essa mudança, o coletivo adotou um novo nome, Enfrente.<sup>16</sup>

Outro partido cuja juventude estava inserida no ME da Unicamp era o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Até junho de 2016, seus militantes formavam o coletivo Pra Fazer Diferente. No mês seguinte, o PSTU sofreu uma grande ruptura<sup>17</sup> e cerca de um terço de seus membros saíram do partido para formar o Movimento por uma Alternativa Independente Socialista (MAIS),<sup>18</sup> incluindo os militantes da Unicamp. Dessa forma, o PSTU deixou de existir no ME da universidade. O MAIS durou cerca de um ano, quando se juntou à outras organizações e passou a integrar o PSOL enquanto uma nova tendência, a Resistência, cujo coletivo de juventude denominou-se Afronte.<sup>19</sup>

Outros dois partidos presentes na Unicamp são o Partido Comunista Brasileiro (PCB), através da União da Juventude Comunista (UJC); e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), através da União da Juventude Socialista (UJS). Pela semelhança dos nomes, há muita confusão entre os estudantes que não estão tão familiarizados

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/EnfrenteJuventudeEmMovimento/photos/a.257424348032153/257424261365495>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/carta-a-direcao-nacional-do-pstu>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/resistencia-psol-50/manifesto-pela-construcao-de-uma-nova-organizacao-socialista-e-revolucionaria-no/103833246719735>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/08/21/mais-apresenta-manifesto-ao-vi-congresso-nacional-do-psol>>. Último acesso em 10/01/2021.

com o ME e com essas organizações. Uma diferença importante é que a UJS é a juventude que domina a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE), enquanto a UJC junta-se aos coletivos do PSOL para formar a chamada Oposição de Esquerda da UNE.

Existiam estudantes filiados ao PT e que integravam algum movimento relacionado ao partido em 2016 e 2017, contudo, eles não estavam militando no ME. Ademais, vale mencionar os coletivos Faísca e Outros Outubros Virão. O primeiro compõe o Movimento Revolucionários dos Trabalhadores (MRT), que é um partido, ainda que não legalizado; já o segundo não compõe um partido, mas, assim como na Faísca, seus militantes organizam-se em torno de um projeto político anticapitalista, podendo pautar as cotas, por exemplo, dentre várias outras pautas incluídas nesse projeto.

A gestão eleita para o DCE é responsável pelos alunos dos três *campi*. Em 2016, a gestão foi da chapa Reviravolta, impulsionada pelo Domínio Público. Já em 2017, a gestão foi da chapa Lutar Sem Temer, composta pelos coletivos do PSOL e pela UJC.

### 1.3 FRENTE PRÓ-COTAS E NÚCLEO DE CONSCIÊNCIA NEGRA

Apesar da presença de vários grupos estudantis partidários na Unicamp, nem todos possuem relação com algum partido. Em 2012, durante o debate acerca da Lei de Cotas no Supremo Tribunal Federal (STF), dois grupos fundamentais para os acontecimentos que envolvem esta pesquisa surgiram: a Frente Pró-Cotas da Unicamp (FPC) e o Núcleo de Consciência Negra da Unicamp (NCN). A FPC formou-se a partir de um grupo de estudantes do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) que organizou o *Café com Raça*, evento para debater as cotas com a comunidade acadêmica. Nele, ficou evidente a importância de continuarem sendo realizadas atividades sobre o assunto, por isso, os estudantes consolidaram a FPC e passaram a se reunir periodicamente para pensar em maneiras de inserir esse debate na Unicamp e de se mobilizarem pelas cotas.

Pouco tempo depois, os estudantes negros da FPC perceberam que havia a necessidade de serem estudadas outras demandas do movimento negro para além das cotas. Decididos a organizar um espaço para compartilharem e discutirem essas

demandas, organizaram a primeira semana da consciência negra da Unicamp, a *Quem Tem CorAge*.

Desvelada a importância das discussões ofertadas pelo evento, o grupo de alunos organizadores e participantes concluíram que as discussões acerca da complexidade da temática racial, pouco priorizada nos espaços de ensino-aprendizagem e de militância da universidade tinham que ser uma constante. Assim, ainda durante a preparação do evento, o Núcleo de Consciência Negra da Unicamp é formalizado. (INADA, 2018, p. 60)

Tanto o NCN quanto a FPC continuaram realizando atividades dentro e fora da Unicamp durante os anos que se seguiram, muitas delas pensadas conjuntamente. Em 2016 e 2017, foram os principais grupos a organizar os estudantes em defesa das cotas.

#### 1.4 REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

Aqui, caberiam outros três grupos: Unicamp Livre, Apenas Alunos e Bloco da Periferia. Porém, eles serão apresentados mais adiante, em um momento mais oportuno para caracterizá-los de acordo com o contexto. Vale adiantar que esses grupos surgiram enquanto chapas para concorrer às vagas de representação estudantil no CONSU. O Conselho é composto pelo reitor, o coordenador geral, os pró-reitores (5), os diretores das unidades de ensino e pesquisa (24), os diretores dos colégios técnicos<sup>20</sup> (2), o superintendente do Hospital das Clínicas e as representações docente (23), discente (5 da graduação e 4 da pós-graduação), dos servidores técnico-administrativos (7) e da comunidade externa (4). Anualmente, os alunos elegem seus representantes para atuar no CONSU em defesa da categoria.

Por fim, há os estudantes da Moradia Estudantil. A realidade da *moras*, como é carinhosamente chamada, impõe uma série de demandas específicas aos moradores, que se organizam autonomamente através de reuniões, assembleias, grupos na internet etc. e contam com sua própria representação discente. Em 2016, os representantes atuaram diretamente na greve e na ocupação, especialmente em defesa da pauta de reforma e ampliação da Moradia. Ao final da greve, integraram o

---

<sup>20</sup> A Unicamp é responsável por dois colégios técnico, o de Campinas (COTUCA) e o de Limeira (COTIL).

Grupo de Trabalho formado para discutir junto à Reitoria os planos para a construção de uma outra Moradia.

**Figura 5** - Arte da campanha pela ampliação da Moradia Estudantil da Unicamp



(Arte de MovimentaMoras)<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentamoras/photos/gm.1154884707937194/1197191496968103>>. Último acesso em: 15/01/2021.

## 2 A GREVE ESTUDANTIL

### 2.1 O CONTEXTO E O ESTOPIM

O ano letivo de 2016 já começou agitado. No primeiro dia de aula, 01/03, os estudantes perceberam que os ingressantes haviam recebido o cartão do Registro Acadêmico (RA) com o logo do banco Santander e com a bandeira MasterCard. O RA é um dos documentos mais importantes para os estudantes porque ele comprova o vínculo com a universidade e permite acesso a serviços como os restaurantes universitários e as bibliotecas. Fora da universidade ele também é importante, uma vez que, desde 2013, os estudantes têm direito à meia-entrada ao apresentar o RA no momento da compra do ingresso (BRASIL, 2013). A parceria com o Santander visava possibilitar que o estudante também utilizasse seu RA como cartão de débito.

**Figura 6** - RA da Unicamp com logo do Santander e bandeira MasterCard



(Foto de Denny Cesare)<sup>22</sup>

No mesmo dia, o DCE publicou uma nota contrária a essa medida, afirmando que “o que aconteceu, segundo as/os próprias/os estudantes, foi o fornecimento do cadastro dessas/es para a utilização de interesses exclusivos e privados, colocando

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/03/01/alunos-da-unicamp-protestam-contra-carteirinha-estudantil-atrelada-a-banco.htm>>. Último acesso em 15/01/2021.

a universidade pública cada vez mais a serviço dos grandes bancos e empresas”.<sup>23</sup> Ao final da nota, a entidade convocava os estudantes para um “pula-catracas” no horário do almoço, tática em que os estudantes entram nos restaurantes universitários por cima das catracas, sem pagar pelo serviço, enquanto acontece panfletagem e palavras de ordem na fila. Com isso, deu-se início à campanha “cancele sua conta do Santander” e ao boicote ao novo RA.

A agitação não pôde durar muito tempo porque apenas uma semana depois a universidade foi surpreendida com uma pichação de cunho racista no banheiro do IFCH:

**Figura 7 - Pichação racista encontrada no IFCH**



(Foto de Bruno Ribeiro)<sup>24</sup>

O NCN publicou uma nota<sup>25</sup> e organizou dois eventos: uma roda de conversa no IFCH, para debater o ocorrido, e um ato até a Reitoria, onde seria entregue o Manifesto Antirracista<sup>26</sup> assinado por diversas organizações de dentro e fora da Unicamp.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/195314247491773>>. Último acesso em 10/01/2021.

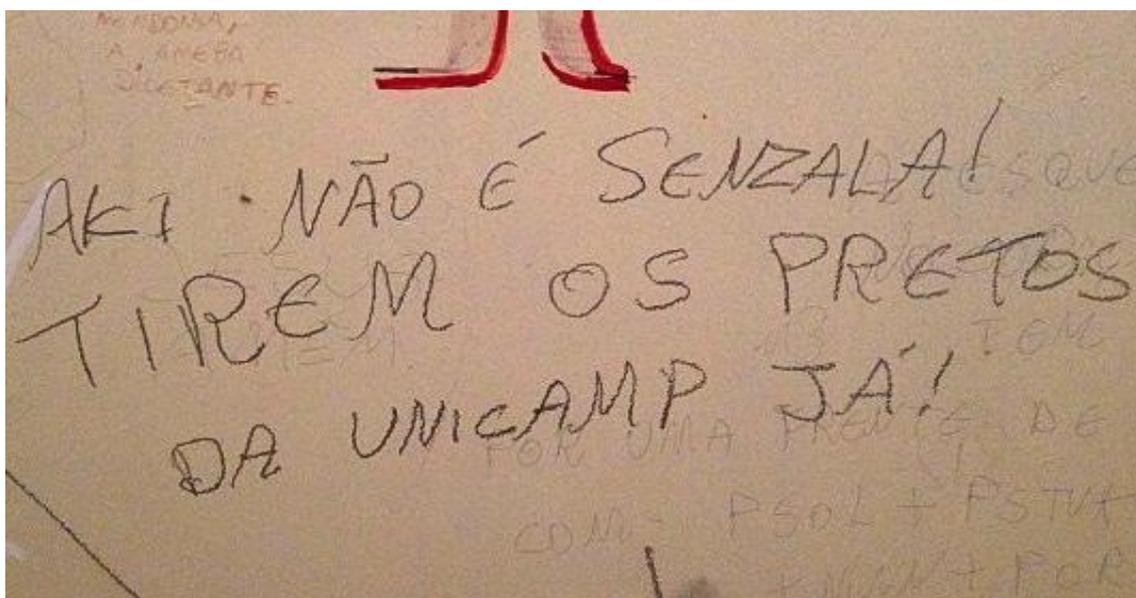
<sup>24</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/03/pichacao-com-simbolo-racista-gera-polemica-entre-alunos-da-unicamp-campinas.html>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/535178273322835>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/546456255528370>>. Último acesso em 10/01/2021.

Na realidade, a palavra “surpreendida” utilizada anteriormente não é a mais adequada pois, infelizmente, essa não foi a primeira vez que apareceram pichações ofensivas nas paredes do instituto - nem a última. No mês seguinte, uma nova pichação apareceu no mesmo local. Diversas outras manifestações racistas aconteceram na Unicamp de 2016 a 2017, especialmente durante a greve e a mobilização por cotas. Esses episódios serão mencionados mais adiante.

**Figura 8** - Nova pichação racista encontrada no IFCH



(Foto de Bruno Ribeiro)<sup>27</sup>

O NCN organizou uma ação conhecida por *poster bomb*, uma intervenção artística em um determinado espaço através de colagens que representem a luta do povo negro no Brasil e no mundo. O objetivo é demarcar esse espaço como símbolo da necessidade de ampliação de políticas antirracistas.

---

<sup>27</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/04/em-menos-de-um-mes-instituto-da-unicamp-tem-nova-pichacao-racista.html>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 9** - Estudantes em frente ao *poster bomb* no IFCH



(Foto de Gabriella Zanardi)<sup>28</sup>

No dia 19/04, foi realizada uma assembleia geral com duas pautas: a primeira sobre os recentes casos de racismo na universidade e a segunda sobre o contexto político do momento, a votação pelo *impeachment* de Dilma Rousseff no Senado. Em 17/04 a Câmara dos Deputados aprovou a admissibilidade do processo de *impeachment* por 367 votos favoráveis e 137 contrários. Várias análises<sup>29</sup> foram produzidas sobre os discursos proferidos na votação pelo *impeachment* da então presidenta da república. Destaco um,<sup>30</sup> pois é o atual presidente do país, que não só evidenciou seu apoio ao golpe civil-militar de 1964 que manteve o país numa ditadura por mais de duas décadas como à tortura e ao torturador da ex-presidenta (CORREA; SANTOS; NUNES, 2018).

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.549748545199141/549751905198805>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>29</sup> Destaco: PRANDI, R; CARNEIRO J. L. Em nome do pai. Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do *impeachment* de Dilma Rousseff. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 96, 2016; CORREA, J. V.; SANTOS, N. P.; NUNES, V. Z. 14 de abril de 2016 – uma análise sobre os discursos na votação do *impeachment* de Dilma Rousseff: um jogo de máscaras e articulações políticas. **Leopoldianum**, v. 44, n. 123, 2018;

<sup>30</sup> “Neste dia de glória para o povo brasileiro, um nome entrará para a história nesta data pela forma como conduziu os trabalhos desta Casa: Parabéns, Presidente Eduardo Cunha! Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve... Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra a Folha de São Paulo, pela memória do Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff! Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!”.

Quanto à primeira pauta, foi decidido que o dia 11/05 seria organizado para ser o dia contra o racismo na Unicamp, com diversas atividades acontecendo no *campus* para debater o assunto com toda a comunidade acadêmica. Quanto à segunda, foi deliberada uma paralisação a ser realizada no dia 27/04, contando com um “tranco”, tática em que se trancam as entradas de determinado local para impedir o fluxo, chamar a atenção dos transeuntes e apresentar a eles as demandas do movimento. A paralisação teve mote *Contra o impeachment e os ataques dos governos à educação; por permanência estudantil e cotas já!* e provocou fúria em muitos estudantes contrários à ação.

**Figura 10** - Intervenção na placa da Unicamp durante paralisação do dia 27/04



(Foto de Aleph)

Nesse contexto surgiu o grupo Unicamp Livre, que se organizou e se manifestou pela primeira vez através da publicação que viralizou no Facebook contra o trancaço. Ela iniciava com uma frase atribuída a Zeferino Vaz, fundador na Unicamp, “No dia em que a política entrar pela porta da frente da universidade, a ciência sai pela janela”, e seguia:

Nós, como um grupo autônomo de estudantes da Unicamp, somos contrários a essa atitude por alguns motivos: o processo de *impeachment* da presidente, em curso no Congresso Nacional, é um procedimento legal previsto na Constituição Federal. [...] O DCE está utilizando de seu poder - concedido pelo voto dos estudantes - de representar o corpo discente da Unicamp para defender interesses próprios e político-partidários. [...] O denominado

“tranco” é a medida adotada pelo DCE para garantir a paralisação efetiva das atividades dentro do *campus*. Consideramos que tal ato é uma afronta ao direito de locomoção em um espaço público, sob o qual o diretório não possui a mínima autoridade. [...] Retomando os ideais de Zeferino Vaz e os princípios pelos quais a Unicamp foi criada, entendemos que as atitudes do DCE não condizem com seu verdadeiro papel, visto que o partidarismo e o interesse próprio não devem suprimir a essência das discussões políticas e a função principal da universidade: o ensino. A universidade é um ambiente heterogêneo, democrático e deve conceder espaço de expressão para todos. Portanto, convidamos os que partilham desse ideal e, de alguma forma, se sentem não representados ou acuados em defendê-lo, a se manifestar.<sup>31</sup>

A publicação repercutiu bastante, alcançando mais de 1,2 mil curtidas e 600 compartilhamentos. Aliás, não apenas esta publicação, mas a página como um todo foi um sucesso. Dois meses depois da primeira publicação, o grupo comemorava 5 mil curtidas na página. Apenas um mês depois disso, 7 mil curtidas. Posteriormente, a página virou uma ferramenta e propaganda antigreve e o grupo concedeu diversas entrevistas para veículos de comunicação em massa, como a Band TV.

Apesar de grande desaprovação, a paralisação aconteceu. Para além do tranço, o DCE realizou uma pichação em resposta às pichações racistas no IFCH:

**Figura 11** - Pichação em frente ao DCE em resposta às pichações racistas



(Foto de DCE Unicamp)<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/unicamplivre/posts/780791632057173>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dceunicamp/photos/a.1032888396804206/1032888503470862>>. Último acesso em 15/01/2021.

Como foi possível perceber até aqui, já nos primeiros meses de aula a Unicamp enfrentava diversos conflitos nos *campi*. E tudo estava apenas para começar: no dia seguinte à paralisação, os estudantes ficaram sabendo do contingenciamento de verbas que iniciaria uma série de paralisações e greves nos institutos, que culminaria na greve geral pouco tempo depois.

No dia 28/04, foi publicado tanto no Diário Oficial da União (DOU) quanto no *site* da Unicamp a GR nº 10/2016,<sup>33</sup> que estabeleceu medidas de contenção de despesas da universidade. A principal justificativa dada foi a baixa arrecadação do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), fonte mais relevante de financiamento da universidade.

Apesar de ter sido publicada somente no dia 28/04, o Instituto de Artes (IA) já estava ciente da possibilidade de aprovação dessa GR. Isso pode ser constatado através de fotos da paralisação do dia anterior, em que os estudantes do instituto participaram do trancaço com faixas contrárias ao contingenciamento e pelo fato de que o IA foi o único instituto a paralisar nos dois dias seguintes (28 e 29/04) já contrários à essa medida. Muito provavelmente, essa pauta foi discutida em alguma reunião de departamento ou na Congregação do instituto e os representantes discentes ficaram cientes do assunto antes dos demais, repassando a informação ao Centro Acadêmico.

## 2.2 A OCUPAÇÃO

### 2.2.1 Os primeiros momentos

Sendo a GR o estopim, o DCE convocou uma assembleia geral para o dia 10/05 às 17h nas escadarias do Ciclo Básico I (CB I ou apenas CB). Cerca de 1000 estudantes compareceram, sendo esse número muito superior ao usual, que estimo ser entre 10%-20% desse total. A assembleia levou horas e encerrou quase meia-noite, quando aproximadamente 600 estudantes caminharam juntos em direção ao prédio da Reitoria para ocupá-lo, iniciando a greve estudantil daquele ano com o mote *Cotas sim, cortes não! Contra o golpe e pela educação! Permanência e Ampliação!*

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/04/29/unicamp-anuncia-medidas-de-contencao-para-enfrentar-economia-em-queda>>. Último acesso em 10/01/2021.

Ocupação é aqui entendida no sentido de controle do espaço, de ação coletiva de protesto e de luta dos estudantes contra as ações da Reitoria. Passarei a descrever as estratégias e os instrumentos adotados pelos estudantes na ação coletiva.

**Figura 12** - Estudantes na Assembleia Geral do dia 10/05



(Foto de Marcos Oliveira)<sup>34</sup>

Chegando no prédio, um pequeno grupo cobriu o rosto com lenços e blusas e encarregou-se de quebrar uma das portas para que os demais pudessem entrar. Esse mesmo grupo entrou antes de todos e fez uma vistoria geral, certificando que o prédio estava realmente vazio e tampando as câmeras pelo caminho. Após sinalização positiva, os demais estudantes entraram no prédio.

Imediatamente, os estudantes usaram folhas de jornais e revistas para cobrir todas as janelas. Somente após esse momento, descobriram o rosto.<sup>35</sup> Todos se reuniram no saguão do térreo e, mesmo sendo tarde, decidiram realizar uma reunião para debaterem as demandas mais urgentes daquele instante. Havia duas preocupações imediatas: a segurança e a alimentação dos ocupantes - afinal, a assembleia havia começado às 17h e muitos deixaram de jantar para continuar até o final da assembleia. Então, foi criada a primeira comissão, a de alimentação. Os

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pstu16/photos/p.1014033365353960/1014033365353960>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>35</sup> Saiba mais em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/a.1698565580384266/1699872776920213>>. Último acesso em 10/01/2021.

interessados deveriam se reunir e procurar por comida no prédio, descobrir se alguém tinha algo que poderia compartilhar ou decidir se seria necessário pedir comida.

A segunda comissão formada foi a de segurança. Os estudantes dessa comissão seriam responsáveis por organizar turnos para vigiar a entrada da ocupação, circular pelo prédio oferecendo ajuda e instruir os ocupantes - muitos ocupando um prédio pela primeira vez - a protegerem-se.

Os estudantes que não entraram nem na comissão de alimentação e nem na de segurança deveriam escolher alguma outra para compor: comunicação, programação, limpeza e negociação. A primeira era responsável pela comunicação entre os estudantes grevistas e a comunidade acadêmica, a mídia etc. Essa comissão organizava as coletivas de imprensa e as publicações da página de Facebook *Ocupa Tudo Unicamp*,<sup>36</sup> criada logo pela manhã para anunciar a ocupação ao público e selecionada como meio oficial de comunicação do movimento.

A comissão de programação deveria propor e organizar atividades a serem realizadas durante a greve, preferencialmente na ocupação, como forma de atrair participantes a se juntarem aos demais ocupantes. A programação era geralmente planejada semana a semana e divulgada pela comissão de comunicação. Nas primeiras semanas da greve, havia diversas ideias de programação, por isso, era mais fácil planejar o calendário. Com o passar do tempo, porém, a programação passou a ser feita um dia por vez, tanto pela dificuldade de lidar com tanta coisa ao mesmo tempo, quanto pela incerteza dos rumos da greve.

A comissão de limpeza organizava as faxinas do prédio da Reitoria. A limpeza nos banheiros era feita diariamente e para uma faxina mais completa eram chamados mutirões,<sup>37</sup> geralmente incorporados à programação do dia. Um aspecto dessa comissão e da de alimentação é que as mulheres da ocupação, ainda na primeira madrugada, afirmaram contundentemente que os homens também deveriam participar dessas comissões, não deixando as tarefas de cuidado dos ocupantes somente para elas.

Por fim, para negociarem suas pautas, os estudantes formaram uma comissão de negociação, responsável por elaborar documentos a serem entregues para a Reitoria a partir das discussões em assembleia. O movimento era sempre esse: a

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1700220866885404>>. Último acesso em 10/01/2021.

assembleia discutia suas pautas, a comissão elaborava um documento com as propostas aprovadas em assembleia e encaminhava para a Reitoria, que tinha sua própria comissão de negociação. Esta analisava o documento dos estudantes e emitia uma resposta. Os estudantes discutiam em assembleia se iriam acatá-la ou não. Em caso negativo, elaboravam uma contraproposta e o processo se repetia.

**Figura 13** - Faixa fixada pelos ocupantes em uma das entradas da Reitoria



(Foto de autoria própria)

Figura 14 - Cartaz fixado pelos ocupantes em outra entrada da Reitoria



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>38</sup>

Figura 15 - Faixa fixada pelos ocupantes no prédio da Reitoria



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>39</sup>

As comissões foram transformando-se e adequando-se às condições dos estudantes, cada vez menos presentes na ocupação. A comissão de alimentação

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/1706359516271539>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/1715961625311328>>. Último acesso em 15/01/2021.

obviamente se manteve para além do primeiro dia e passou a se responsabilizar pelo café da manhã, almoço e janta de todos os ocupantes. Os estudantes dessa comissão repassavam à comunicação uma lista de alimentos necessários para a cozinha, assim como fazia a de limpeza, que pediam doação de produtos de limpeza e de higiene.

Uma comissão que surgiu depois das demais foi a responsável pela *Ocupinha*, espaço gerido por voluntários - majoritariamente do curso de Pedagogia - para acolher e cuidar das crianças cujas mães e/ou pais estivessem na ocupação. Ela se localizava na sede do DCE e funcionava nos períodos da manhã e da tarde, com atividades especiais para as crianças.

A ocupação sobreviveu das doações de apoiadores, que chegaram a visitá-la. O prédio ficava fechado, por segurança, mas era permitida a entrada de qualquer pessoa que quisesse conhecer a ocupação de perto, observar a dinâmica dos estudantes e certificar o estado do prédio. Apesar da identidade dos estudantes ser preservada o máximo possível, suas atividades não eram um segredo. A própria comunicação divulgava vídeos<sup>40</sup> de dentro da ocupação e essa estratégia demonstrou ser muito eficiente para conter e desmentir boatos de vandalismo, depredação de patrimônio público, desordem e afins.

Entre os apoiadores que publicaram alguma foto ou mensagem em solidariedade aos estudantes estão: Dilma Rousseff (PT), Luciana Genro (PSOL), Luiza Erundina (PSOL), Leci Brandão (PCdoB), Central Única dos Trabalhadores (CUT), cursinhos populares de Campinas e Região, escolas técnicas de Campinas, estudantes da USP e da PUC, Plínio de Arruda Sampaio Júnior, Dermeval Saviani, Boaventura de Souza Santos, Gregório Duvivier, Jout Jout, Adriana Calcanhoto, Lázaro Ramos, Taís Araújo e Mc Carol.

---

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=557067857787554>>. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 16** - Dilma Rousseff em apoio às cotas na Unicamp



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>41</sup>

A quantidade e diversidade de grupos estudantis presentes no ME da Unicamp e atuando na greve e na ocupação refletia na dinâmica do movimento. As assembleias em que os grevistas analisavam as respostas da Reitoria eram muito longas - houve assembleias de mais de 8 horas de duração, por exemplo. Isso pois havia muita divergência sobre os termos para a desocupação. Uma vez que havia muitas pautas e algumas avançavam mais que as outras nas negociações, surgiam os dilemas: quando será suficiente? É válido renunciar à pauta de permanência estudantil para garantir a de cotas? É interessante arriscar que haja punição para não correr risco de retroceder em alguma conquista?

Além disso, apesar da primeira semana cheia, a ocupação foi cada dia mais se esvaziando. Com diversas outras atividades acontecendo por toda Unicamp, poucos estudantes passavam o dia na ocupação. E devido ao crescente medo de uma reintegração de posse, menos ainda ousavam dormir lá. Esse aspecto gerou tensões em algumas assembleias, especialmente as últimas, pois, enquanto muitos se posicionavam contrários à desocupação por não estarem satisfeitos com as negociações com a Reitoria, os poucos ocupantes remanescentes afirmavam que não

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/a.1698565580384266/1708366536070837>>. Último acesso em 15/01/2021.

davam mais conta de manter a ocupação sozinhos e que estavam sendo negligenciados.

Aliás, a própria escolha do local das assembleias gerava discussão. De início, elas eram realizadas na frente da Reitoria por três motivos: atrair pessoas para a ocupação, garantir a segurança do espaço - já que era menos provável uma intervenção com tanta gente ao redor - e possibilitar a participação dos ocupantes. Porém, com a adesão de mais cursos à greve, especialmente das Exatas, o local foi alterado e as assembleias passaram a acontecer no CB. Essa escolha será mais discutida a seguir, mas já é possível afirmar que, de certa forma, a ocupação e a greve tornaram-se movimentos diferentes. Por essa razão, inclusive, é possível dividir o presente capítulo em duas partes, cada uma delas abordando aspectos específicos dos respectivos movimentos.

### 2.2.2 Negociando a desocupação

Na manhã do dia 11/05, horas depois da ocupação, a Reitoria publicou sua primeira nota no *site* oficial da Unicamp:

A reitoria da Unicamp foi surpreendida por volta das 23h00 de ontem (10) com a ocupação de suas instalações, que incluem as pró-reitorias, no *campus* de Campinas.

A reitoria desconhece a motivação do ato e estranha que a ocupação tenha ocorrido sem qualquer reivindicação prévia por parte dos manifestantes. Nesse momento, a Administração Central avalia o quadro a fim de tomar as medidas cabíveis. Importante esclarecer que todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão funcionam normalmente.<sup>42</sup>

Os estudantes fizeram o mesmo através da página de Facebook *Ocupa Tudo Unicamp*:

Nós, estudantes da UNICAMP reunidos nesse dia 10 de maio em assembleia geral com cerca de 1000 pessoas, decidimos construir a greve geral e ocupamos a reitoria da universidade sob o mote “COTAS SIM, CORTES NÃO! CONTRA O GOLPE E PELA EDUCAÇÃO, PERMANÊNCIA E AMPLIAÇÃO”.

O reitor, Tadeu, anunciou no dia 28 de abril um plano de “contingenciamento” que na prática significará o corte de cerca de R\$ 40 milhões do orçamento da UNICAMP. Esse corte congelará os concursos, a contratação de professores e funcionários e afetará a carreira docente. A continuidade das obras, a manutenção de prédios e o atendimento à infraestrutura da universidade

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/05/24/notas-da-unicamp-proposito-da-ocupacao-da-reitoria>>. Último acesso em 10/01/2021.

serão paralisados. Muitos institutos, faculdades e também os colégios técnicos ligados à UNICAMP, o COTUCA e COTIL, serão afetados, com destaque para a área da Saúde que terá cortes de gastos nos plantões e a reposição de médicos e enfermeiros será reduzida. [...] Não aceitaremos nenhum desses ataques, por isso ocupamos a reitoria e queremos que todas as nossas reivindicações sejam atendidas!<sup>43</sup>

Essas foram apenas as primeiras notas de ambas as partes, várias outras foram publicadas. Irei me ater nas que dizem respeito às cotas.

No dia 12/05, a Reitoria publicou outra nota, em que dizia que a Segunda Vara da Fazenda Pública de Campinas havia expedido mandado de reintegração de posse, mas que iria esperar o contato dos estudantes sobre suas reivindicações.<sup>44</sup> Os estudantes responderam em nota no dia seguinte, afirmando que a reintegração de posse seria uma medida autoritária “[...] tomada pelo governo do estado para reprimir estudantes em luta pela educação”.<sup>45</sup>

Apesar de ainda não ter recebido nenhum documento com as propostas dos grevistas, a Reitoria tomou ciência das pautas do movimento e publicou outra nota no dia 13/05 em que dizia que, entre outras coisas, a Unicamp atua de modo “criativo e inovador” para a inclusão social nos cursos de graduação, mencionando os resultados do PAAIS em 2016 divulgados pela COMVEST. Em seguida, escreveu: “Isso mostra que não foi necessário adotar o sistema de cotas para que os objetivos de inclusão socioeconômicas e étnico-raciais fossem atingidos”.<sup>46</sup> Dessa vez, quem emitiu uma resposta foi a FPC, contestado os dados apresentados pela Reitoria e concluindo que

a luta dos estudantes por cotas étnico-raciais que se alastra nesse momento é uma resposta direta ao modelo de política de ação afirmativa insuficiente adotado pela UNICAMP, o qual não responde as amplas demandas sociais por inclusão. O PAAIS não é uma GARANTIA de inclusão social e étnico-racial e, ao contrário das políticas de cotas, ainda ignora a necessidade de inclusão de deficientes físicos na universidade.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/a.1698565580384266/1698565550384269>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/05/24/notas-da-unicamp-proposito-da-ocupacao-da-reitoria>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/posts/1699365730304251>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/05/24/notas-da-unicamp-proposito-da-ocupacao-da-reitoria>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/posts/1699597833614374>> Último acesso em 10/01/2021.

No dia 23/05, Segunda Vara da Fazenda Pública de Campinas expediu uma liminar de interdito proibitório,<sup>48</sup> determinando que o DCE e o STU parassem de fechar qualquer prédio ou qualquer via interna do *campus*, sob pena de reintegração de posse e multas tanto para as entidades quanto para seus representantes. As multas seriam de 20 mil reais para cada intervenção<sup>49</sup> nas vias internas e mais 10 mil reais por dia de ocupação e por prédio ocupado.

Mesmo com a liminar, os estudantes mantiveram a ocupação e os piquetes. No dia 25/05, responderam à Reitoria alegando que a liminar era um exemplo da criminalização dos movimentos sociais e que a ocupação da Reitoria era legítima não apenas pela assembleia geral que a referendou, mas também porque em 1987, no movimento que reivindicou a construção de uma Moradia Estudantil na Unicamp, a Reitoria e o DCE firmaram acordo<sup>50</sup> que prescrevia o direito de os estudantes ocuparem um prédio do *campus* caso as 1500 vagas prometidas não fossem construídas. Seguiram: “sendo assim, estamos atrasados, deveríamos estar ocupando há 30 anos”. Por fim, os estudantes escreveram: “Ao recorrer desesperadamente ao judiciário burocrata e aliado as medidas repressivas do governo estadual, a reitoria só demonstra que tem mais medo de nós do que nós temos deles. A nossa luta continua, e se precisar, até a multa chegar a 40 milhões!”<sup>51</sup> em referência ao valor estimado do contingenciamento de verbas anunciado na GR.

Outro momento em que os estudantes recorreram a antigos acordos entre eles e a Reitoria foi no dia 23/06, um dia após a Reitoria anunciar que havia esgotado suas tentativas de negociação e ao tomarem conhecimento que a Unicamp havia acionado o 8º Batalhão da Polícia Militar.<sup>52</sup> Temendo uma reintegração de posse, os estudantes publicaram uma nota convocando apoiadores a comparecerem à Reitoria para uma vigília e citando o acordo<sup>53</sup> estabelecido na última ocupação da Reitoria, ocorrida em 2013, de que a Polícia Militar (PM) não poderia entrar no *campus*.

---

<sup>48</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/liminar\\_interdito.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/liminar_interdito.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>49</sup> Também chamadas de piquete.

<sup>50</sup> O acordo mencionado se refere ao Movimento Taba, que ocupou o CB por dois anos para reivindicar a construção de uma Moradia Estudantil. Para saber mais sobre esse movimento, recomendo o TCC de CARPANETTI (2011), disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000771838&opt=4>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/a.1698565580384266/1701040970136727>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/06/24/estudantes-recusam-proposta>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/a.1698565580384266/1712>>.

Com o final do semestre letivo se aproximando e a com ampliação do movimento grevista, os conflitos foram se intensificando e outras notas foram produzidas por ambas as partes, uma desmentindo a outra em suas versões sobre o andamento das negociações. Outros documentos importantes de serem analisados nesse contexto são as propostas e contrapropostas elaboradas durante o período de ocupação:

**Quadro 4 - Links de acesso aos documentos de negociação para a desocupação da Reitoria**

Data	Descrição do documento
16/05	<a href="#">1ª proposta dos estudantes</a>
25/05	<a href="#">1ª resposta da Reitoria</a>
02/06	<a href="#">2ª proposta dos estudantes</a>
08/06	<a href="#">2ª resposta da Reitoria</a>
13/06 e 15/06	<a href="#">3ª proposta dos estudantes + 3ª resposta da Reitoria</a>
24/06 e 28/06	<a href="#">4ª proposta dos estudantes + 3ª resposta da Reitoria</a>
29/06	<a href="#">5ª proposta dos estudantes</a>
30/06	<a href="#">5ª e última resposta da Reitoria</a>

(Quadro de elaboração própria. Dados de Reitoria Unicamp).

No primeiro documento, entregue 16/05, os estudantes argumentavam que

em assembleia geral da categoria dos estudantes da Universidade Estadual de Campinas no dia 11<sup>54</sup> de maio de 2016, o corpo discente presente local deliberou greve geral da categoria e a ocupação do prédio administrativo da reitoria. O intuito da ocupação foi de servir de instrumento de mobilização em favor das pautas também deliberadas, unificadas e alinhadas nessa mesma assembleia.<sup>55</sup>

568612317296>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>54</sup> Erro. Como já dito, assembleia ocorreu no dia 10/05.

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/primeirapautadereivindicacoes.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

Em seguida, apresentavam suas reivindicações, que envolviam as cotas, a ampliação das políticas de permanência estudantil, a garantia de não punição de nenhum grevista, a reintegração do estudante Paulo Rufino,<sup>56</sup> a revogação da GR e um posicionamento favorável à continuidade do PIBID.<sup>57</sup> Gostaria de analisar cuidadosamente cada uma delas, mas irei me ater à pauta das cotas, pois é o objeto desta pesquisa. Todos os documentos de negociação podem ser consultados na íntegra nos *links* do Quadro 4. Referente às cotas, os estudantes demandavam:

A adoção de uma política de cotas étnico-raciais na graduação da Unicamp como *principal política afirmativa* para promoção da inclusão social e étnico-racial na universidade, a ser construída em conjunto e de forma paritária com toda a comunidade acadêmica - estudantes, professores e funcionários - e juntamente aos movimentos sociais que levantam e constroem esse debate na universidade (Frente Pró-Cotas e Núcleo de Consciência Negra), por meio de aprovação do princípio das cotas étnico-raciais, referente ao documento em anexo.<sup>58</sup> (grifo meu)

As comissões de negociação dos estudantes e da Reitoria reuniram-se nos dias 17/05 e 23/05 para discutir o documento e em 25/05 a Reitoria entregou sua primeira resposta em uma nova reunião. A Reitoria afirmou que “a Universidade é protagonista da implantação de procedimentos de inclusão social na universidade pública” e mencionou o PAAIS e o desempenho desse programa nos últimos anos, especialmente em 2016. Também afirmaram:

[...] entendemos que a universidade deve ter novamente como pauta de suas câmaras pertinentes e, em específico, do Conselho Universitário o debate

---

<sup>56</sup> Rufino começou a trabalhar cedo para ajudar sua família. Cursou a primeira série do Ensino Médio em 1998 e só conseguiu cursar a segunda série em 2002. Tentou concluir a terceira série vários anos sem sucesso, até que descobriu que poderia usar o ENEM como certificado de conclusão do Ensino Médio. Prestou a prova em 2012 e conseguiu o certificado. Em 2014, Rufino foi aprovado no vestibular da Unicamp no curso de Geografia, contando com a bonificação do PAAIS. Contudo, sua matrícula foi indeferida pois a universidade alegava que, para poder usufruir do PAAIS, era necessário que o estudante tivesse cursado as três séries do Ensino Médio em escola pública presencialmente. Rufino entrou na justiça e uma liminar possibilitou sua matrícula. Em 2015, foi contemplado com bolsa trabalho, moradia e alimentação, por isso, demitiu-se do seu trabalho enquanto faxineiro de uma escola municipal para dedicar-se mais aos estudos. Porém, em 2016, após dois anos de curso, o estudante foi desligado da Unicamp sem aviso prévio e não apenas teve sua formação interrompida como perdeu todas as bolsas que recebia. O movimento grevista pautou fortemente a reintegração de Rufino e, em 01/09, o reitor ordenou sua rematrícula: <<https://www.facebook.com/paulorufino42/posts/647655685375427>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>57</sup> Em outubro de 2015, a diretora da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) anunciou em uma sessão da Câmara dos Deputados que o PIBID não estava recebendo o financiamento necessário para a manutenção do programa, o que colocava em risco sua continuidade em 2016.

<sup>58</sup> O documento anexado foi a *Carta Aberta da Frente Pró-Cotas da Unicamp*, mencionada anteriormente.

entre os dois procedimentos em tela *que visam os mesmos objetivos de inclusão*: a política do PAAIS, baseada em sua primeira fase em critérios socioeconômicos aos quais se adiciona, em segunda fase, critérios étnico-raciais, e a adoção de política de cotas étnico-raciais de 36%.<sup>59</sup> (grifo meu)

Houve outra reunião no dia 31/05 e uma contraproposta por parte dos estudantes no dia 02/06. O entendimento deles foi de que, em sua resposta, a Reitoria demonstrou não estar realmente comprometida com a inclusão, “uma vez que não abre mão da política do PAAIS que, desde 2005, demonstra resultados inexpressivos e não promove real inclusão social e racial na Unicamp”.<sup>60</sup> Além disso, os estudantes expressaram preocupação em submeter a aprovação das cotas ao CONSU, visto que eles possuem poucos representantes nesse colegiado e que muitos dos representantes docentes não estavam inseridos no debate acerca de tal política afirmativa. Por isso, insistiram que a Reitoria acatasse a demanda por cotas como condição para a desocupação. Escreveram: “A adoção da política de cotas como principal ação afirmativa da Unicamp depende apenas da assimilação da imprescindibilidade de programas comprometidos com a inclusão social e étnico-racial pela reitoria”.<sup>61</sup> Por fim, solicitaram a realização de uma Audiência Pública sobre cotas, a criação de um Grupo de Trabalho (GT) para construir essa audiência e a elaboração de um documento a partir desse evento para apreciação em todas as instâncias deliberativas da universidade.

Mais uma reunião aconteceu no dia 08/06, quando a Reitoria entregou a resposta à contraproposta dos estudantes. A Reitoria repetiu o que havia escrito no primeiro documento e acrescentou:

Será realizada Audiência Pública que produzirá subsídios para inserção nas pautas das instâncias competentes para discussão e deliberação. Na reunião entre as comissões realizada em 31 de maio, foi acordada a construção de GT para o encaminhamento da organização da(s) sessão(ões) de Audiência Pública que tratará da política de cotas étnico-raciais.<sup>62</sup>

Após reunião em 15/06, houve outra contraproposta. Nela, os estudantes pediram três Audiência Públicas, a serem organizadas por um GT paritário; acessos

---

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/contrapropostadaunicamp.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/segundapautadereivindicacoes.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>61</sup> *Idem*

<sup>62</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/documentosobrengociacoes\\_11itens.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/documentosobrengociacoes_11itens.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

aos dados de matriculados beneficiados pelo PAAIS de 2005 a 2016 presentes no questionário socioeconômico, a fim os discutirem nas audiências; e a elaboração de um relatório sobre as audiências a ser pautado no CONSU. A reitoria acatou os pedidos.<sup>63</sup> Desse ponto em diante, não houve nenhum avanço na pauta das cotas.

Apesar de satisfeitos com as conquistas obtidas relacionadas às cotas, as negociações continuaram devido às outras pautas. Em 22/06, após saber que os estudantes haviam recusado o último documento entregue, a Reitoria publicou uma nota afirmando ter esgotado suas oportunidades de diálogo e negociação:

A Reitoria lamenta a intransigência e a irresponsabilidade dos estudantes em não reconhecer os avanços aos quais as negociações chegaram, avanços objetivos que de fato ampliam, sobretudo, as condições de inclusão e permanência estudantil.

A Reitoria reconhece o direito de manifestação e greve, mas entende que direitos individuais e coletivos não são excludentes. Nesse sentido, a Administração Central também lamenta profundamente as manifestações e ações excessivas, como piquetes e enfrentamentos, promovidas por grupos minoritários de estudantes, que vêm ocorrendo em várias unidades dos *campi* da Universidade, e tomará as providências cabíveis.<sup>64</sup>

No mesmo dia, os estudantes ficaram sabendo através da Comissão Docente<sup>65</sup> que haveria uma reunião entre os docentes e a Reitoria na ADunicamp no dia 24/06. Às pressas, redigiram uma nova contraproposta, dirigiram-se até a ADunicamp e entregaram o documento nas mãos do reitor, que até então não havia se encontrado com os estudantes.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/documentoparanegociacaoentreareitoriaeosasestudantesem15dejunhode2016.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/06/24/estudantes-recusam-proposta>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>65</sup> Em 2016, não foram apenas os estudantes que deliberaram greve. Os funcionários técnico-administrativos fizeram greve de 19/05 a 12/08 e os docentes, de 01/06 a 30/06. Através do Fórum das Seis, ambas as categorias reivindicavam reajuste salarial de 12,34% enquanto os reitores propunham apenas 3%. Elas possuíam suas próprias comissões de negociação para dialogar com a Reitoria e, no dia da foto acima, o reitor da Unicamp iria encontrar-se com os docentes na ADunicamp.

<sup>66</sup> Quem se reunia com a comissão de negociação estudantil era a comissão de negociação da Reitoria, da qual o reitor não fazia parte. Por diversas vezes, os estudantes pediram a presença do reitor, alegando que ele teria o poder de aceitar algumas demandas que seus representantes não tinham. Exemplo: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/posts/1706461766261314>>. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 17** - Estudantes entregam contraproposta nas mãos do Reitor



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>67</sup>

A Reitoria respondeu a contraproposta no dia 28/06<sup>68</sup> e, já no dia seguinte, os estudantes enviaram uma nova contraproposta<sup>69</sup> insistindo na garantia de não punição a nenhum grevista e o arquivamento do processo contra Guilherme Montenegro, que será abordado mais adiante. A Reitoria emitiu uma breve resposta no dia 30/06, afirmando que mantinha inalterada as posições anteriores e que definitivamente encerrava seu diálogo sobre a desocupação.<sup>70</sup> Por fim, no dia 04/07, a Reitoria emitiu uma nota pública no *site* oficial da Unicamp, a qual reproduzo na íntegra a seguir:

Desde o início da ocupação do Prédio da Reitoria pelos estudantes, em 10 de maio, a Unicamp manteve o canal de interlocução aberto em busca de uma solução negociada. Todas as reivindicações dos manifestantes foram debatidas e muitos avanços verificados, como comprova o último documento enviado pela Reitoria em 27 de junho, disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/07/01/resposta-final-aosestudantes>. Infelizmente, apesar dos claros avanços proporcionados pelo diálogo, os estudantes decidiram manter a ocupação.

A Administração Central da Universidade lamenta a intransigência dos estudantes e, diante desta postura, reafirma que deu por encerradas as negociações. A inexistência de um acordo joga por terra todo o esforço

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/1713523972221760>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/documentoentregueem28dejunho.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>69</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/documentoentregueem29dejunho\\_.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/documentoentregueem29dejunho_.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>70</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/resposta\\_da\\_reitoria\\_a\\_30\\_de\\_junho.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/resposta_da_reitoria_a_30_de_junho.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

realizado e os avanços verificados, invalidando os pontos pactuados. A Unicamp comunicou a Justiça sobre o insucesso das negociações e informou que mantém o interesse no cumprimento da liminar de reintegração de posse. A decisão a respeito deste assunto não se encontra mais no âmbito da Universidade.<sup>71</sup>

Essa nota somada ao esvaziamento da ocupação e aos poucos avanços nas tentativas de negociação das pautas remanescentes fez com que os estudantes decidissem acatar a última proposta da Reitoria e desocupar o prédio na segunda-feira, dia 07/07. Assim, para além das conquistas relativas às demais pautas, que podem ser consultadas no documento do dia 28/06 na Tabela 4, os estudantes conseguiram a formação de um GT paritário para organizar três Audiências Públicas sobre cotas ainda em 2016 e para elaborar um relatório a ser discutido em todas as Congregações de curso e pautado no CONSU no início de 2017.

## 2.3 A GREVE

### 2.3.1 Quadro geral

A ocupação foi apenas uma das estratégias de luta adotada pelos estudantes - a principal, mas não a única. Desde o dia 10/05, quando a assembleia geral deliberou greve e ocupou a Reitoria, os CA convocaram suas próprias assembleias de curso para discutir sobre acatar ou não a deliberação da assembleia geral. Alguns cursos que já estavam informados e mobilizados acataram de imediato; outros realizaram uma série de assembleias e eventos para debater com seus estudantes as pautas do movimento antes de decidirem sobre sua participação, muitos desses eventos realizados durante paralisações de um ou dois dias. Porém, muito rapidamente a Unicamp toda foi tomada pela greve. Em apenas 10 dias, todas as 24 unidades havia no mínimo paralisado suas atividades por um dia.<sup>72</sup> Uma mobilização dessa magnitude não acontecia na Unicamp desde 1982.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/nota\\_da\\_unicamp-04072016.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/nota_da_unicamp-04072016.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/a.1698565580384266/1701543420086482>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>73</sup> Em 17 de outubro de 1981, quando Paulo Maluf era governador de São Paulo, oito docentes foram exonerados de cargos de direção por meio de uma portaria assinada pelo então reitor Plínio Alves de Moraes dois dias antes das eleições para reitor da Unicamp. A ação provocou uma forte reação na comunidade acadêmica e repercutiu nacionalmente. Pressionados, os interventores renunciaram aos cargos e a maior parte dos diretores exonerados foi readmitida.

**Figura 18** - Intervenção em placa de uma das entradas da Unicamp



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>74</sup>

Abaixo, é possível acompanhar a cronologia da participação de cada CA do campus de Barão Geraldo que tracei a partir dos dados coletados:

**Quadro 5** - Datas e duração das paralisações e da greve em cada unidade de Barão Geraldo

Centro Acadêmico	Paralisação	Greve
CAIA	27-29/04; 04/05	05/05-07/08
CAB	12-16/05	19/05-(S.I.)
CAEF	16/05; 19/05; 24/05; 01-02/06	06/06-03/08
CAE	16/05; 24/05	27/06-04/07
CAFARMA	18-20/05; 24/05	--
CAXS	23-25/05; 15-16/06	(S.I.)
CAAL	24/05	(S.I.)
CACAU	10-12/05	13/05-29/07

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/1715961521978005>>. Último acesso em 15/01/2021.

CAXD	24-25/05	--
CACO	24/05; 01/06	--
CABS	24/05	--
CAFEA	24/05	13/06-14/07
CAEMM	27/04; 24/05; 01/06	06/06-05/08
CAEA	19/05	--
CAFEQ	12/05	--
CAF	12-13/05	06/06-01/08
CAMECC	12-13/05	13/06-(S.I.)
CAEQ	12-13/05; 15/05; 23/05; 01/06	06/06-08/08
CAGEAC	04/05	13/05-09/08
CACT	04/05	13/05-09/08
CAECO	19/04; 27/04; 10-11/05	16/05-18/07
CACH	27/04; 04-06/05	09/05-08/08
CAFIL	27/04; 09/05	11/05-03/08
CAL	27/04; 10-13/05	16/05-27/07
CAP	27/04	05/05-09/08
CALI	S.I.	(S.I.)
CAEFIS	10/05; 13/05	16/05-(S.I.)

-- Não houve greve  
S.I. Sem Informações

(Quadro de elaboração própria. Dados dos Centros Acadêmicos e dos Comandos de Greve dos cursos da Unicamp)

Como já mencionado, no dia 27/04 houve uma paralisação conjunta de diversos institutos em repúdio às pichações racistas no IFCH e contra o *impeachment* de Dilma. Antes disso, o Instituto de Economia (IE) havia paralisado no dia 19/04, sendo a primeira unidade a paralisar em razão do contexto político nacional. Outro instituto a

paralisar antes da assembleia geral foi o Instituto de Geociências (IG), reivindicando a matrícula do estudante Paulo Rufino. Apesar da greve geral ter sido deliberada no dia 10/05, os estudantes do IA, do IFCH e da FE já estavam em greve por terem começado as discussões em seus cursos antes dos demais. Outras datas importantes que podem ser observadas são 12/05-13/05, quando houve uma paralisação conjunta dos cursos das Ciências Exatas, e 24/05, quando houve paralisação conjunta das Engenharias e dos cursos da área da Saúde.

Mesmo após a desocupação, a greve continuou por mais um mês até ser oficialmente encerrada na assembleia geral do dia 02/08. Os grevistas exigiam a alteração do calendário acadêmico, para que fosse possível a reposição das aulas, e a não punição de nenhum deles - ou seja, que os casos sendo avaliados em processos administrativos fossem arquivados e que mais nenhum outro processo fosse iniciado.<sup>75</sup> A tabela mostra que a greve acabou alguns dias depois de 02/08 porque, como em qualquer situação, após indicativo na assembleia geral, cada CA deve chamar uma assembleia de curso para que os estudantes decidam sobre acatar ou não ao indicativo. Assim, foram necessários mais alguns dias para que todos conseguissem chamar assembleias em seus cursos e encerrar por definitivo a greve.<sup>76</sup>

### **2.3.2 A participação dos cursos das Exatas e da Saúde**

Como já mencionado, a ocupação foi apenas uma das estratégias dos estudantes. A greve manteve-se mesmo após a desocupação do prédio e, ao todo, contabilizou 83 dias. Durante esse período, muitas unidades aderiram ao movimento, que cresceu e se manteve forte até meados de julho, quando a necessidade de encerrar o semestre letivo fez com que muitos docentes adotassem uma postura mais firme e determinada em concluir suas disciplinas apesar da greve, o que gerou uma série de conflitos.

O UL se pronunciou no dia 02/04, dizendo que as medidas anunciadas na GR eram necessárias, porém insuficientes.<sup>77</sup> Para o grupo, seria necessária uma reforma

---

<sup>75</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/posts/1724586704448820>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/posts/1726980014209489>>. Último acesso em 10/01/2021.

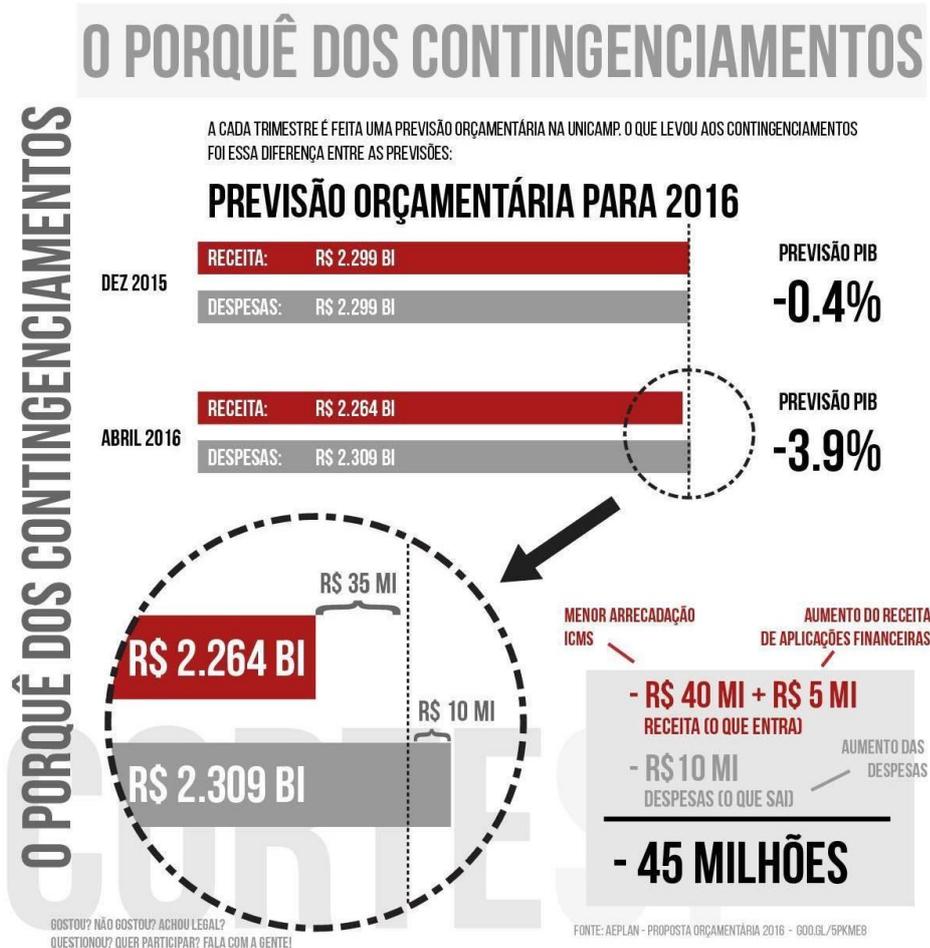
<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/unicamplivre/posts/783567225112947>>. Último acesso em 10/01/2021.

administrativa da Unicamp, começando pela readequação dos salários dos docentes, uma vez que alguns recebiam valores acima do estipulado pela lei estadual - os chamados “supersalários”. O UL também afirmou serem necessárias novas formas de arrecadação para a universidade e propôs duas delas: parceria com o setor privado e *endowments*, esquema de doação de ex-alunos muito empregado nas universidades privadas estadunidenses.

Os supersalários foram muito pautados ao longo de toda a greve, especialmente nas unidades das Exatas. Nesses institutos e faculdades, a pauta contra a GR foi muito mais forte que as demais no início do movimento, provavelmente por ser uma questão mais técnica e cuja discussão envolvia dados estatísticos com os quais estes estudantes estão mais familiarizados.

Os estudantes dedicavam horas para estudar detalhadamente documentos relacionados à GR e, conseqüentemente, ao financiamento da universidade. Estudavam estatutos e regimentos da Unicamp, leis estaduais e a própria Constituição. Rapidamente, formou-se um coletivo denominado Transparência Unicamp (TU), que teve breve, porém significativa participação nesses debates. Formado principalmente por estudantes do Instituto de Computação (IC), o TU visava coletar, analisar e divulgar dados relacionados às finanças da universidade em prol da transparência orçamentária. Foram produzidos materiais que serviram de base para muitas das discussões nas assembleias de curso, por exemplo:

Figura 19 - Material do TU sobre os contingenciamentos



(Infográfico de Transparência Unicamp)<sup>78</sup>

Muitas dessas unidades não aderiam a uma greve há décadas. Portanto, essa foi a primeira experiência tanto para os estudantes quanto para os docentes. Por essa razão, algumas atividades em comum podem ser percebidas nas programações dessas unidades, como debates sobre os motivos da greve, o funcionamento de uma greve estudantil e a efetividade desse tipo de ação. O comando de greve do IQ, por exemplo, criou um formulário em que os estudantes podiam compartilhar dúvidas, críticas, elogios e/ou sugestões. Semanalmente, o comando postava comentários sobre as respostas do formulário. Amparado por esse material, o IQ publicou um documento<sup>79</sup> com as perguntas mais comuns, como: Quais são as pautas do movimento? De onde saem as decisões? Qual a diferença entre greve e paralisação?

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/TransparenciaUNICAMP/photos/a.1154433504607529/1155393511178195>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?vanity=caequimica&set=a.1726446147605544>>. Último acesso em 10/01/2021.

Como funciona e para que serve uma greve estudantil? O documento também respondia comentários frequentes como: “o movimento está muito geral”, “a assembleia não é representativa”, “os estudantes são os mais prejudicados com a greve”, “os piquetes ferem meu direito de ir e vir” etc.

O comando de greve do IQ também produziu um informativo sobre o funcionamento de uma assembleia estudantil, para ajudar os estudantes que nunca haviam participado de uma a se situarem:

**Figura 20** - Funcionamento de uma assembleia estudantil



(Infográfico de Mobilização IQ Unicamp)<sup>80</sup>

Apesar da pauta contrária à GR ter sido forte nas unidades das Exatas - apontando o fim dos supersalários como uma alternativa à crise financeira da Unicamp -, a FPC e o NCN souberam se inserir nessas unidades e realizaram diversas atividades durante suas paralisações para aprofundar a discussão acerca das cotas. Com o tempo, essas unidades passaram a pautar cada vez mais o assunto em suas assembleias até que, enfim, aderiram à greve em defesa das cotas e a tomaram como

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/1553664108263699/photos/a.1554252374871539/1558427551120688>>. Último acesso em 15/01/2021.

pauta central. Todos os cursos das Exatas e da Saúde incluíram a defesa das cotas em seus motes e palavras de ordem.

Destacar a participação desses cursos na greve é fundamental por diversos motivos. O primeiro deles foi a inserção de pautas específicas de seus estudantes nas assembleias gerais e nas atividades da greve. Talvez a principal delas tenha sido a mobilização contra a média 7,0, adotada pelo Instituto de Física (IFGW) e em algumas disciplinas do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (IMECC). A média 7,0 não afeta apenas os estudantes do IFGW e do IMECC, mas todos aqueles que precisam cumprir créditos em disciplinas desses institutos, como os do IQ e das Engenharias.

**Figura 21** - Estudantes das Exatas discutem a média 7,0



(Foto de Natt Fejfar)

**Figura 22** - Adesivos das Exatas em apoio à greve e contra a média 7,0



(Foto de autoria própria)

Outras pautas específicas dessas unidades foi a vivência das mulheres nos cursos historicamente predominado por homens. Destaco duas atividades importantes que aconteceram para ouvir as mulheres desses cursos e seus apontamentos: uma roda de conversa com o tema *Mulheres na Ciência* e outra com o tema *Machismo nas festas das Engenharias*, realizadas nos dias 13/05 e 24/05 respectivamente.

**Figura 23** - Estudantes das Exatas discutem sobre as mulheres na ciência



(Foto de CAEQ Unicamp)<sup>81</sup>

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caequimica/photos/1843823032534521>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 24** - Estudantes das Engenharias discutem sobre machismo nas festas dos cursos



(Foto de Paralisação da Computação)<sup>82</sup>

Um segundo motivo pela qual a participação dos cursos das Exatas é importante de ser observada é pela repercussão que isso teve e as consequências que isso trouxe, especialmente na relação estudantes-docentes. Assim que a Física, a Química e a Engenharia Mecânica aderiram à greve, em 06/06, surgiu uma questão: como garantir que seus estudantes de fato paralisassem suas atividades acadêmicas? A maior preocupação era em relação ao CB, prédio com 6 salas de 180 lugares e 12 salas com 70 lugares, onde são oferecidas as disciplinas em comum para os cursos das Exatas, como as de Cálculo, Geometria Analítica e Física Geral. Nessas disciplinas, devido à grande capacidade das salas, são misturados estudantes de cursos distintos. Isso dificultou a estratégia de piquetes nas portas das salas, primeiro porque eram muitas, segundo porque nem todos os cursos das Exatas haviam aderido à greve. Então, como garantir que um estudante do IFGW, do IQ ou da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) não tivesse aula, mas sem prejudicar os estudantes da Matemática e das demais Engenharias?

O ME decidiu que, devido à importância de garantir a participação dos estudantes das Exatas na greve e pela incapacidade de deslocar tantas pessoas para

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/paralisaComp/photos/pcb.278843592461887/270112350042891>>. Último acesso em 15/01/2021.

realizar piquetes nas salas do CB a cada aula, o prédio deveria ser interditado como um todo. Assim, todos os dias às 06h, os grevistas se dirigiam para lá com caixas, *pallets* e outros materiais para criar uma barreira logo na escadaria de acesso ao prédio. Às 23h, horário oficial do término das aulas na Unicamp, removiam esses materiais e os guardavam na sede do CAEQ, o Centro Acadêmico mais próximo. A barreira era desfeita porque o intuito de interditar o CB não era de ocupar o prédio aos moldes da ocupação da Reitoria, mas sim realizar um grande piquete durante o dia letivo. Os estudantes não ficariam por lá na madrugada - ou retornariam para a ocupação da Reitoria ou para suas casas.

**Figura 25** - Faixa fixada no portão do CB durante paralisação das Exatas



(Foto de autoria própria)

Posteriormente, a Matemática e a Engenharia de Alimentos também aderiram à greve, assim, o fechamento do CB passou a beneficiar mais estudantes. Contudo, outras Engenharias não aderiram e, portanto, seus docentes ficaram incomodados com a impossibilidade de darem suas aulas. Esse incômodo não se iniciou no CB, pois os piquetes aconteceram desde as primeiras paralisações, ainda em maio, porém, foi intensificado uma vez que a decisão do ME afetou ao menos quatro cursos de Engenharia que não deliberaram greve.

**Figura 26** - Área interna do CB interdita durante a greve



(Foto de Natt Fejfar)

**Figura 27** - Atividade de greve em área interdita do CB



(Foto de Naff Fejfar)

Ainda a respeito da participação dos estudantes das Exatas, é importante destacar que, entre as reações dos docentes que foram surpreendidos pela greve em suas unidades, haveria dois casos de manifestações racistas. O primeiro teria ocorrido no dia 02/06 no Instituto de Economia (IE). Segundo relato dos estudantes, o professor José Maria Ferreira Jardim da Silveira proferiu as seguintes palavras em meio à discussão sobre a adoção de cotas na pós-graduação: "Vocês têm merda na cabeça

para quererem cotas na pós-graduação. Vão estudar, imbecis. Vão se ferrar. (...) Quem selecionou esses primatas para entrarem na pós graduação?”.<sup>83</sup>

Já o segundo teria ocorrido no dia 22/06, quando a professora Márcia Aparecida Gomes Ruggiero, do IMECC, publicou a seguinte mensagem em sua conta do Facebook: “Sobre o ato unificado dos grevistas da Unicamp: digamos que o que pretendia ser uma representação da *Via Crucis* terminou por se assemelhar a um bando de pomba gira num terreiro de macumba”.<sup>84</sup> A então advogada do DCE, Cristiane Anizeti, no dossiê<sup>85</sup> sobre os casos de racismo na Unicamp entregue à Reitoria e outras instâncias, classificou o ocorrido como intolerância religiosa - em específico, contra religiões de matriz africana. Meses depois, a Coordenação de Políticas para População Negra e Indígena do Estado de São Paulo acolheu o dossiê e instaurou uma investigação.<sup>86</sup>

O NCN organizou a I Marcha Antirracista na Unicamp para o dia 30/06. Os manifestantes se dirigiram até a Reitoria, onde protocolaram o Manifesto<sup>87</sup> escrito pelo NCN após tomarem conhecimento das denúncias acima.

---

<sup>83</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mobilizalE/posts/282818942071241>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>84</sup> Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B0km\\_iCldpf7QzV6TIJhNGp1MUK/view](https://drive.google.com/file/d/0B0km_iCldpf7QzV6TIJhNGp1MUK/view)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>85</sup> *Idem*.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dceunicamp/photos/a.159434494149605/1264596090300101>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/585545258286136>>. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 28** - Estudantes se reunindo para a I Marcha Antirracista



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>88</sup>

**Figura 29** - Estudantes durante a I Marcha Antirracista da Unicamp



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>89</sup>

<sup>88</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=1104199282993076&set=a.1104195632993441>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>89</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=1104196022993402&set=a.1104195632993441>>. Último acesso em 15/01/2021.

O NCN também passou a realizar *poster bombs* pelos institutos da Unicamp periodicamente como forma de envolver e conscientizar a comunidade acadêmica sobre o racismo nas suas mais diversas formas.

**Figura 30** - Continuação do *poster bomb* no IFCH



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>90</sup>

**Figura 31** - Estudantes em frente ao *poster bomb* no IFCH



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>91</sup>

<sup>90</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=1124632747616396&set=a.1124631647616506>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=1124632824283055&set=a.1124631647616>>

### 2.3.3 As punições aos grevistas

Na medida em que a greve aumentava, também aumentavam os piquetes e os relatos de conflitos intensos entre estudantes e docentes durante as intervenções. Houve denúncias no IMECC,<sup>92</sup> assim como no IFGW,<sup>93</sup> no IQ, no IE<sup>94</sup> no Instituto de Biologia (IB),<sup>95</sup> e na Faculdade de Engenharia Química (FEQ). Muitos professores registraram boletim de ocorrência ou denúncias na ouvidoria da Unicamp relatando agressões físicas e verbais. Os estudantes também registraram diversas denúncias contra docentes que reagiram violentamente aos piquetes. O primeiro processo administrativo foi aberto em junho e iniciou um período de grandes enfrentamentos entre as categorias. Ao todo, foram abertos 23<sup>96</sup> processos administrativos na Unicamp e muitos deles foram judicializados na esfera cível e criminal. Os processos demoraram anos para serem concluídos - apenas em março de 2019, foi encerrado o último deles.

Porém, não foi apenas a relação estudante-docentes que foi afetada pelas decisões do movimento, mas também a relação entre os próprios docentes. Muitos deles, sindicalizados, utilizaram o *site* oficial da ADunicamp para publicarem textos com suas opiniões ou respondendo aos textos de seus colegas.

A primeira nota publicada por uma docente a respeito da mobilização estudantil foi em 16/06, escrita por Andréia Galvão,<sup>97</sup> do IFCH. A docente faz uma contextualização sobre o uso dos piquetes e das ocupações pelo movimento sindical e traz a discussão para o ambiente universitário. Diz que, nas universidades, é comum entender essas práticas como autoritárias e antidemocráticas. Porém, segue: “Ao apresentar a questão em um ângulo diferente, torna-se possível tomar atitudes que pareciam uma recusa ao diálogo como um convite ao diálogo”. Após alguns

---

506>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CAMECC/posts/1055874174501362>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/cafunicamp/posts/1171970966188092>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>94</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mobilizalE/posts/282818942071241>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>95</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caia.unicamp/posts/1236106363069121>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>96</sup> Informação obtida através do Serviço de Informações ao Cidadão (SIC) da Unicamp.

<sup>97</sup> Disponível em: <<https://grevedaunicamp2016.files.wordpress.com/2016/06/carta-aberta-sobre-greves-piquetes-e-ocupacoes.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

parágrafos que buscam explicar tais práticas por outra perspectiva, conclui: “O exercício da democracia é difícil, delicado, mas necessário. Judicializar o problema não resolve a questão e deixar que terceiros intervenham (a Justiça, a política e outros agentes externos à universidade) não elimina os impasses, tampouco soluciona o conflito”.

Alguns dias depois, em 25/06, a ADunicamp aprovou em assembleia e encaminhou à Reitoria uma moção<sup>98</sup> para “[...] solicitar ao reitor que persista no caminho da negociação com os estudantes e funcionários, como é tradição dessa gestão, evitando o uso de força e a execução de medidas judiciais”. Tal moção foi escrita após tomarem conhecimento da liminar de interdito proibitório. A entidade também publicou uma nota intitulada *Apelo à Civilidade*<sup>99</sup> em defesa do direito constitucional à greve e contra qualquer tipo de pressão ou ameaça aos estudantes “[...] que acataram as decisões legítimas das suas respectivas assembleias”.

Em 17/07, outro docente que se manifestou foi Gustavo Tenório Cunha,<sup>100</sup> da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), através de um longo texto em que instigava os docentes a se questionarem “por que aumentou e/ou se instalou uma conflitividade entre professores e docentes dentro da universidade?”. Em sua reflexão, escreve:

Para quem trabalha com o tema da gestão, a ocorrência de conflitos e diferenças é um fato esperado. O que não significa dizer que conflitos precisam disparar uma escalada de sentimentos de ódio ou agressões. Quando isso ocorre, pode ser um indicador de que os mecanismos normais de negociação e participação não estão funcionando adequadamente. [...] Nas profissões onde as relações humanas constituem o próprio objeto de trabalho, perceber e saber lidar com os afetos produzidos é essencial. Do contrário, podem tornar-se rotineiras situações de abuso de poder. [...] Dito isso, o desejo de punição como solução de conflitos, que se faz presente nos discursos de alguns docentes (e em parte da sociedade), pode ser entendido com um sintoma de uma dificuldade de compreender a dinâmica organizacional. Seria uma resposta simplista para situações complexas. Não estou dizendo que não possa nem deva haver punições para docentes, estudantes ou funcionários que eventualmente tenham cometido agressões. Mas sim que, caso ocorram, não são uma solução para as prováveis causas da conflitividade que se instaurou.

---

<sup>98</sup> Disponível em: <[http://adunicamp.org.br/novosite/wp-content/uploads/2016/05/mocao\\_assembleia-de-docentes.pdf](http://adunicamp.org.br/novosite/wp-content/uploads/2016/05/mocao_assembleia-de-docentes.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>99</sup> Disponível em: <<https://grevedaunicamp2016.wordpress.com/2016/06/22/apelo-a-civilidade/>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/a-universidade-a-greve-e-as-punicoes/>>. Último acesso em 10/01/2021.

O desejo de punição que o docente menciona foi expresso diversas vezes durante conversas entre estudantes grevistas e seus docentes, especialmente nos momentos de piquete, quando o professor se dirigia à sala de aula e encontrava algum tipo de impedimento no caminho. Esse era o principal momento de conflitos diretos entre as categorias. Contudo, esse desejo também chegou a ser expresso por escrito em algumas notas publicadas por docentes, como a de Jaime Frejlich,<sup>101</sup> do IFGW, em 14/07: “Apelos genéricos à civilidade nestes casos [de agressão] são inócuos, pois esses grupos [de estudantes] certamente desconhecem seu significado. [...] Está mais do que na hora da Reitoria assumir suas responsabilidades”.

No decorrer da semana, Jaime recebeu resposta de dois docentes da FCM: Gustavo,<sup>102</sup> mencionado anteriormente, e Beatriz Regina Alvares,<sup>103</sup> sua colega. O primeiro apontou que não lhe parecia recomendável que a repressão fosse o epicentro da forma de lidar com conflitos e diferenças, acrescentando: “[...] nenhuma das mudanças que o movimento estudantil almeja beneficia diretamente os grevistas. [...] Assim sendo, parece-me que o movimento estudantil tem algo a nos ensinar sobre isso. Penso que merecem alguma reconsideração e paciência”. Já a segunda afirmava que a crítica feita por Jaime deveria ser estendida aos professores, afinal, “se os professores não dão o exemplo de civilidade, como esperar dos alunos que assim os façam?”.

Outros dois documentos importantes foram produzidos por docentes nessa época. O primeiro foi a *Carta Aberta de Professores do IMECC*,<sup>104</sup> publicada no dia 17/07 contendo 15 assinaturas. A carta assinalava que

Como professores do IMECC lamentamos profundamente a falta de diálogo que resultou na polarização entre professores e alunos. Isso nos estigmatizou perante a comunidade da Unicamp. Estamos certos de que esse estigma foi a causa principal da escolha do prédio do IMECC para as manifestações ocorridas no dia 7 de julho.

Em vista dessas considerações nós professores do IMECC abaixo assinados apoiamos a luta conjunta de professores, alunos e funcionários por uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

<sup>101</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/jaime-frejlich-ifgw-prezados-colegas-professores-da-unicamp>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>102</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/prof-gustavo-tenorio-fcm-caro-prof-jaime>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>103</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/profa-beatriz-regina-alvares-fcm-prezados-colegas-professores-da-unicamp>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/carta-aberta-de-professores-do-imecc>>. Último acesso em 10/01/2021.

As manifestações referidas na carta fazem menção ao trancaço que aconteceu no IMECC logo após a desocupação da Reitoria. Assim que saíram da Reitoria, os estudantes dirigiram-se ao IMECC e cercaram o prédio durante todo o dia em protesto contra as várias denúncias de agressões ocorridas no instituto e contra o processo aberto por Serguei Popov, docente do instituto, contra Guilherme Montenegro, estudante do Instituto de Geociências (IG) e coordenador geral do DCE.

**Figura 32** - Intervenções no prédio do IMECC em 07/07



(Foto de Patrícia Kawaguchi)

No mês anterior, em 17/06, alguns estudantes foram para a sala onde Serguei daria aula de estatística para realizar um piquete, porém, o docente já se encontrava na sala e havia iniciado sua aula. Os estudantes entraram na sala e começaram a intervenção com tambores, como era de costume em casos como esse, quando a aula já havia iniciado e, segundo as decisões do movimento, era necessário interrompê-la para que não fosse computada como aula dada - prejudicando os estudantes que estivessem ausentes, participando de alguma atividade da greve. Mesmo com o

barulho, o docente seguiu com sua aula. Até que, em certo momento, o estudante Guilherme apagou um trecho da lousa.

Essa ação foi filmada por algum aluno da disciplina e compartilhada nas redes sociais. Através do envolvimento do Movimento Brasil Livre (MBL),<sup>105</sup> a filmagem alcançou marcas expressivas de visualizações e de compartilhamento. Pouco tempo depois, foi aberto um processo administrativo contra Guilherme, sendo esse o primeiro dos vários processos decorrentes da greve.

**Figura 33** - Cartaz do DCE em defesa de Guilherme Montenegro



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>106</sup>

O outro documento foi a *Nota contra represálias nas universidades*,<sup>107</sup> publicada em 03/08 e assinada por 144 docentes da Unicamp e de outras universidades públicas brasileiras após a abertura do processo contra Guilherme. A nota reafirma os direitos de liberdade de expressão e de manifestação e aponta que quando a comunidade acadêmica começa a ser punida pela luta por melhoria em suas condições de trabalho e pelo caráter público do ensino, “[...] é importante que as forças não reacionárias da comunidade acadêmica e da sociedade civil se levantem contra essa situação”. Houve uma longa resposta elaborada por um docente da Faculdade

<sup>105</sup> O MBL visitou a Unicamp algumas vezes durante a greve e organizou atos exigindo o fim do movimento e a punição aos grevistas. Assim como o UL, concedeu diversas entrevistas para jornais e ofereceu apoio aos docentes supostamente agredidos.

<sup>106</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/1715961528644671>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/nota-contrarepresalias-nas-universidades>>. Último acesso em 10/01/2021.

de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC), Antonio Augusto Fasolo Quevedo,<sup>108</sup> em 18/08. O docente buscou rebater os argumentos da nota frase por frase, dizendo que esta possuía “uma série de distorções dos fatos”.

Os estudantes tentaram se mobilizar contra as punições aos grevistas tanto durante a greve, visando algum acordo com a reitoria para encerrar o movimento, quanto após a greve. Contudo, quanto mais processos eram abertos, mais frágil ficava o ME. Os estudantes se encontravam exaustos após uma greve muito longa e na necessidade de correr atrás dos prejuízos gerados após quase 3 meses sem aulas. Finalizar o semestre letivo e iniciar o próximo sem recesso entre um e outro, já que não haveria tempo para isso, em um contexto de animosidade entre estudantes e docentes, enfraqueceu muito o ME.

Houve apenas uma ação forte contra as punições que ocorreu durante a oitava de Guilherme, em 08/08. Em solidariedade ao colega, os estudantes foram junto dele e da advogada Cristiane até a Diretoria Geral da Administração (DGA), local onde iria depor. Lá, realizaram uma manifestação, com tambores e palavras de ordem, contrários à punição de qualquer estudante que havia participado da greve.

**Figura 34** - Estudantes fazem manifestação durante oitava de Guilherme Montenegro



(Foto de Ocupa Tudo Unicamp)<sup>109</sup>

<sup>108</sup> Disponível em: <<http://adunicamp.org.br/novosite/consideracoes-sobre-a-nota-contra-represalias-nas-universidades-de-3-de-agosto-de-2016-e-divulgada-pela-adunicamp-em-11-de-agosto-de-2016>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>109</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaTudoUnicamp/photos/1728534157387408>>. Último acesso em 15/01/2021.

A manifestação contou com um *poster bomb* em um mural localizado entre a Reitoria e a DGA. As colagens duraram um mês, até a Reitoria pedir para removê-las. O motivo de ter sido realizado um *poster bomb* foi que, para o ME, as punições aos grevistas tinham um teor racista, afinal, a maioria dos estudantes processados pela Reitoria ou pela Direção das unidades era negra. Em casos como o de Guilherme, em que havia uma filmagem da ação denunciada por meio da qual era feita a identificação dos envolvidos, muitos estudantes brancos que haviam participado da ação e que apareciam nas filmagens não foram incluídos nos processos. Por isso, a campanha contra as punições, mesmo não tendo resistido por muito tempo, destacou esse aspecto em seus materiais.

**Figura 35** - Adesivo por cotas já e contra as punições racistas



(Foto de autoria própria)

Para finalizar, é importante mencionar que a advogada Ana Veraldi Favacho substituiu a advogada Cristiane ao final de 2016, pois ela assumiu um cargo no mandato da recém eleita vereadora Mariana Conti. Ambas pertenciam à mesma tendência do PSOL, a 1º de Maio. Ana acompanhou sozinha todos os processos até o final, tendo oferecido suporte jurídico gratuito ou financiado coletivamente para quase 50 estudantes.

Figura 36 - Faixa com o mote da campanha contra as punições



(Foto de Natt Fejfar)

### 3 AS MOBILIZAÇÕES PÓS-GREVE

#### 3.1 AS AUDIÊNCIAS PÚBLICAS

Assim que se encerrou a greve, a FPC e o NCN iniciaram a campanha *A Unicamp precisa falar sobre cotas*. Para tanto, foi criada a página de Facebook de mesmo nome,<sup>110</sup> na qual eram compartilhadas informações sobre as audiências públicas que estavam sendo organizadas pelo GT e também mensagens de apoiadores. Entre os apoiadores, encontram-se: Silvio de Almeida, Sueli Carneiro, Amelinha Teles, Leandro Karnal, Mauro Iasi, Guilherme Boulos, Ciro Gomes, Marielle Franco, Emicida, Rincon Sapiência, Drika Barbosa, Ricardo Aleixo, Jout Jout e Nátaly Neri, além dos que já haviam se manifestado no início do ano durante a greve.

Figura 37 - Arte da campanha virtual pelas cotas na Unicamp



(Arte de Helen Aguiar)<sup>111</sup>

A campanha também recebeu apoio internacional, como da *rapper* Akua Naru e o ator Donald Glover, ambos estadunidenses. O ator chegou a usar na foto de perfil do Facebook o filtro criado como uma das estratégias de divulgação da campanha junto da seguinte mensagem:

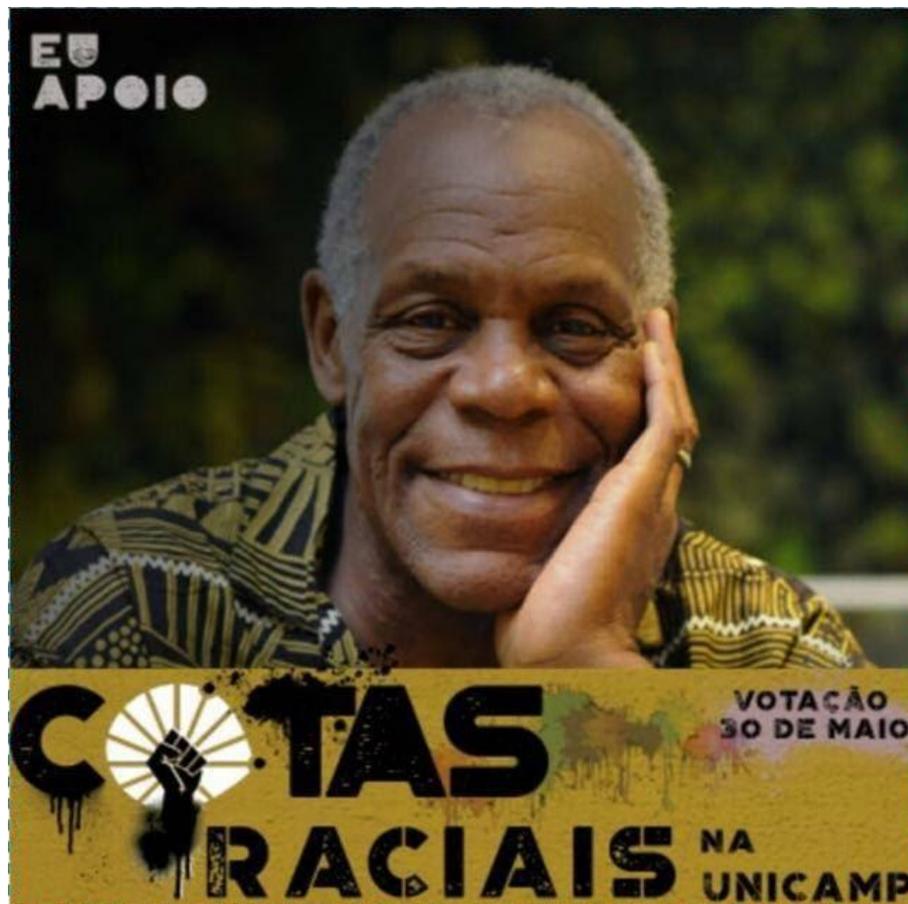
O acesso a uma educação pública gratuita e de qualidade é um direito social garantido pela Constituição Brasileira. A reduzida presença de estudantes negros e indígenas torna necessária a existência de políticas públicas

<sup>110</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/cotasnaunicamp>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>111</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/cotasnaunicamp/photos/a.249957502068649/251176801946719>>. Último acesso em 15/01/2021.

legítimas de combate a privilégios e exclusões. Então eu apoio cotas na Unicamp, Brasil.<sup>112</sup>

**Figura 38** - Foto de perfil no Facebook de Donald Glover em apoio às cotas



(Foto de Danny Glover)<sup>113</sup>

A primeira das três Audiências Públicas conquistadas pelo movimento ocorreu em 13/10 e iniciou o ciclo de debates com o tema *Cotas e ações afirmativas: perspectiva histórica e o papel da Universidade Pública no Brasil*.<sup>114</sup> Para além do reitor, Tadeu Jorge, e da pró-reitora de pós-graduação, Rachel Meneguello, que presidiram a mesa de todas as audiências, esta contou com a presença dos docentes Luiz Felipe de Alencastro (FGV), João Paulo Tucano (UFAM) e José Jorge de Carvalho (UnB).<sup>115</sup>

<sup>112</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/DannyLGlover/photos/a.481558161870481/1908412775851672>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>113</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/DannyLGlover/photos/a.481558161870481/1908412775851672>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>114</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/edital\\_da\\_1a\\_audiencia\\_publica\\_cotas\\_etnico-raciais\\_graduacao.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/edital_da_1a_audiencia_publica_cotas_etnico-raciais_graduacao.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>115</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/10/14/sociedade-debate-sistema-de-cotas-etnico-raciais>>. Último acesso em 10/01/2021.

A segunda, *Cotas e ações afirmativas: experiências nacionais e internacionais*,<sup>116</sup> ocorreu no dia 17/11 e contou com a participação do professor Jocélio Teles dos Santos (UFBA) e das professoras Dora Lucia de Lima Bertulio (UFPR) e Tatiane Consentino Rodrigues (UFSCar).<sup>117</sup>

A terceira e última aconteceu no dia 12/12 e debateu *Cotas e ações afirmativas: O PAAIS, seus alcances e limites* na presença de Edmundo Capelas, coordenador da COMVEST; Renato Pedrosa, docente do IG-Unicamp e ex-coordenador da COMVEST; João Feres Júnior, docente da UERJ e coordenador do GEMAA; e Amelia Artés, da Fundação Carlos Chagas.<sup>118</sup>

As audiências consistiam em dois momentos. No primeiro, eram feitas a abertura da sessão e as exposições dos convidados, com falas de até 30 minutos cada. Em seguida, abriam-se as falas para as representações da sociedade civil organizada, que deveriam se inscrever uma hora antes do início da sessão. As primeiras 15 inscrições tinham 3 minutos de fala garantidos. As demais poderiam ou não falar, dependendo do tempo disponível e da aprovação do presidente da mesa. Essas regras, assim como todos os outros aspectos das audiências - tema, convidados, duração, local etc. - foram organizados por um GT formado ao final da greve, após o acordo da desocupação do prédio da Reitoria, denominado GT Cotas. Estiveram presentes nesse GT: Rachel Menegello, docente do IFCH e presidente do GT; Lucilene Reginaldo, docente do IFCH; João Frederico da Costa Azevedo Meyer, docente do IMECC; Júlio César Hadler Neto; docente do IMECC; Gabriela Nascimento Ananias, estudante do IEL; Taina Aparecida Silva Santos, estudante do IFCH; Gustavo Reis de Araújo, estudante do IFCH; e Teófilo de Souza Carmo Reis, funcionário do IFCH.

Todas as audiências contaram com a participação massiva de estudantes da Unicamp, de cursinhos populares da região metropolitana de Campinas e de movimentos sociais do estado de São Paulo. A FPC e o NCN conseguiram ônibus para levar pessoas de São Paulo para as audiências e também houve transmissões ao vivo tanto por parte da Reitoria, no canal oficial da Unicamp, quanto por parte de

---

<sup>116</sup> Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/edital\\_da\\_2a\\_audiencia\\_publica\\_cotas\\_etnico-raciais\\_graduacao\\_1.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/field/arquivo/edital_da_2a_audiencia_publica_cotas_etnico-raciais_graduacao_1.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>117</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/11/18/unicamp-ouve-experiencias-das-federais-sobre-cotas>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>118</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/12/13/terceira-audiencia-publica-discute-politica-de-cotas-etnico-raciais>>. Último acesso em 10/01/2021.

CAs que transmitiram em suas sedes para quem não conseguisse se dirigir ao auditório da FCM, local escolhido devido sua capacidade de 327 lugares.

**Figura 39** - Terceira Audiência Pública por cotas na Unicamp



(Foto de Antonio Scarpinetti)<sup>119</sup>

Apesar da campanha da FPC e do NCN, a maioria dos conselheiros não assistiram às audiências. As três contaram com a presença de estudantes e apoiadores externos à Unicamp, mas grande parte dos diretores de unidade, por exemplo, que deveriam votar no CONSU representando os institutos e faculdades, ausentou-se.

---

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/10/14/sociedade-debate-sistema-de-cotas-etnico-raciais>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 40** - Cadeiras do auditório da FCM com indicação dos conselheiros ausentes



(Foto de A Unicamp Precisa Falar Sobre Cotas)<sup>120</sup>

**Figura 41** - Faixa em frente ao IQ sobre a ausência dos conselheiros nas Audiências Públicas



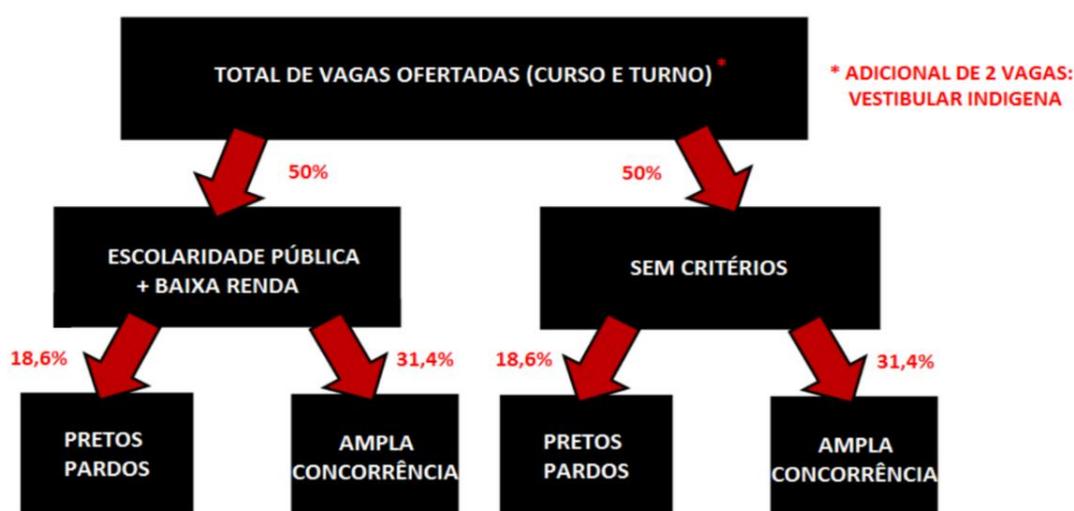
(Legenda: "Os conselheiros do seu instituto estão indo nas audiências?? Última chance: 12/12 às 14h no Auditório 5 da FCM". Foto de CAEQ Unicamp)<sup>121</sup>

<sup>120</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/cotasnaunicamp/photos/pcb.275663726164693/275663162831416>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>121</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caequnicamp/photos/a.1661477980769028/1803422656574559>>. Último acesso em 15/01/2021.)

Após as Audiências Públicas, o GT elaborou um relatório a respeito de todas as discussões feitas ao longo dos três meses. Na conclusão, reconhecia a necessidade de melhoria das políticas de ação afirmativa na Unicamp e propunha como principal mudança a adoção de cotas étnico-raciais. O modelo proposto incluía 50% de reserva de vagas para estudantes egressos de escolas públicas, sendo 37,2% dessas - ou seja, 18,6% do total - reservadas para autodeclarados pretos e pardos. Além disso, seriam reservadas mais 18,6% dos outros 50%, de forma a atingir pretos e pardos não egressos de escolas públicas e totalizar 37,2% das vagas totais. Por fim, o relatório propunha um acréscimo de pelo menos duas vagas por curso e turno para estudantes. Entenda melhor abaixo:

**Figura 42 - Projeto de cotas proposto pelo GT**



(Infográfico de elaboração própria)

Essa proposta visava melhorar o projeto de cotas adotado pelas universidades federais através da lei nº 12.711/12. Entre as limitações apontadas pelo GT, está o fato de que as cotas étnico-raciais são apenas uma “subcota”, isto é, a reserva de vagas majoritária é para os candidatos egressos de escolas públicas. Entre as vagas reservadas para esses estudantes, havia há a reserva para os autodeclarados pretos, pardos ou indígenas (PPI), assim, o critério étnico-racial só é aplicado a uma parcela do público-alvo.

**Figura 43** - Projeto de cotas estabelecido pela lei nº 12.711/12



(Infográfico de elaboração própria)

Sendo a Unicamp uma universidade do estado de São Paulo, a porcentagem a ser reservada para os PPI é 37,2%. Contudo, 37,2% de 50%, o que equivale apenas a 18,6% das vagas totais. A proposta do GT visa corrigir essa distorção de modo a reservar os 37,2% das vagas totais ao distribuir o critério étnico-racial entre as vagas reservadas para escolas públicas e a ampla concorrência.

Além disso, como apresentado na Figura 1, há uma sub-representação de estudantes pobres oriundos de escolas públicas na Unicamp. A maioria dos estudantes de escolas públicas vinha de colégios técnicos e possuía renda acima de 1,5 salários-mínimos. Por isso, o projeto do GT propunha adicionar um critério econômico junto à escolaridade.

Por fim, o GT propôs cotas somente para pretos e pardos pois, após ouvirem as lideranças indígenas que participaram da segunda Audiência Pública, os membros compreenderam que a melhor política afirmativa para os candidatos indígenas é um vestibular próprio. Dessa forma, foi proposta a adição de no mínimo duas vagas por curso e turno para serem ofertadas através do vestibular indígena.

Com esse relatório, finalizava-se o trabalho do GT. Contudo, ainda havia muito a ser feito para que as cotas fossem de fato implementadas no vestibular da Unicamp. Já no início do ano letivo de 2017, o relatório foi enviado para todas as unidades de ensino e pesquisa para que fosse debatido nas Congregações dos cursos. A FPC e o NCN organizaram-se para ir em todas as Congregações para explicar o projeto e,

acima de tudo, defender o princípio de cotas étnico-raciais, uma vez que o projeto era apenas uma proposta e poderia ser alterado depois. O fundamental era que o princípio fosse aprovado em maio para que as discussões continuassem até que, em novembro, a Unicamp pudesse votar no projeto propriamente dito. Por isso, era importante que o foco das Congregações fosse a urgência das cotas na Unicamp e não as porcentagens de reserva de vaga e outros detalhes abertos a discussão.

Para conseguirem se organizar, a FPC e o NCN realizaram uma série de reuniões ampliadas, fazendo um apelo para que os CAs participassem, informassem as datas da Congregação do curso e preparassem os estudantes para defender as cotas nessas reuniões caso não fosse possível acompanhá-los. Houve mais de 10 reuniões ampliadas, sendo que, próximo à votação no CONSU, eram realizadas até duas por semana.

### 3.2 AS ELEIÇÕES DISCENTES

Ao final da greve estudantil de 2016, iniciou-se um momento contraditório para o ME da Unicamp: ao mesmo tempo em que as punições aos estudantes grevistas amedrontaram parte do movimento, surgiram novos grupos em diversas unidades revigoradas com a experiência da greve, especialmente nas unidades que não experienciavam algo do tipo há tempos, como nas Exatas e na Saúde. A conquista das Audiências Públicas e da deliberação sobre a política de cotas no CONSU colocou um importante foco nessa instância e impulsionou a formação de grupos para disputar as vagas de representação discente no Conselho. Foi o caso do Bloco da Periferia (BP) e do Apenas Alunos (AA), duas chapas criadas ao final de 2016 que concorreram com chapas integradas por estudantes do movimento estudantil consolidado, ou seja, majoritariamente PSOL e PCdoB.

O BP foi formado por estudantes da FPC, do NCN e representantes discentes da Moradia Estudantil que reconheceram a importância de estar no CONSU para apresentar propostas e participar do debate sobre as cotas também à nível institucional. O AA, por sua vez, foi formado por estudantes que defendiam a pluralidade de posicionamentos políticos e ideológicos como a peça fundamental para obter melhorias na universidade. Nas eleições, receberam apoio do UL.<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/unicamplivre/posts/900893866713615>>. Último acesso em 10/01/2021.

Diferentemente do BP e do AA, o UL não se candidatou ao CONSU. Porém, mesmo não se candidatando diretamente às vagas de representação estudantil, demonstrou interesse no assunto ao apoiar o AA em 2016 e em 2017; por fim, em 2018, integrou a chapa do AA para o DCE - mesmo que 2018 não esteja incluído nesse trabalho, essa informação é relevante para caracterizar tanto o UL quanto o AA.

**Figura 44** - Membros da chapa Bloco da Periferia



(Arte de Samuel Bernardes)<sup>123</sup>

O BP recebeu apoio dos CA da Química,<sup>124</sup> Economia,<sup>125</sup> Engenharia Mecânica,<sup>126</sup> Filosofia<sup>127</sup> e do CA do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL),<sup>128</sup> que

<sup>123</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlocodaPeriferia/photos/a.365159510485797/365159303819151>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>124</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caequimica/posts/1792089094374582>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>125</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caeco/photos/a.1635877376662303/1770696356513737>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>126</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caem.unicamp/posts/1058764074232822>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>127</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=698353066993816&set=a.322319144597212>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>128</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CAL.Unicamp/posts/1693982254264404>>. Último acesso em 10/01/2021.

abrange os cursos de Letras, Linguística e Estudos Literários. Também recebeu apoio da UJC<sup>129</sup> e do coletivo Outros Outubros Virão.<sup>130</sup>

**Figura 45** - Faixa de apoio ao Bloco da Periferia fixado no prédio do PB



(Foto de autoria própria)

Antes, durante a greve, as discordâncias entre os estudantes não eram publicizadas devido ao entendimento que isso enfraqueceria o movimento. As disputas políticas aconteciam durante as assembleias e as decisões coletivas eram respeitadas, mesmo que a contragosto. Nesse momento, portanto, foi a primeira vez que o ME mostrava uma divisão. Para além das chapas BP e AA, outras três chapas se inscreveram: a Lutar Sem Temer (coletivos do PSOL), a ContraGolpe (Faísca) e a Todas as Vozes (UJS). Essas chapas concorreram tanto ao DCE quanto ao CONSU.

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ujcunicamp/photos/a.510344899118749/712139935605910>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>130</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/outrosoutubrosvirao/posts/1276430915742025>>. Último acesso em 10/01/2021.

O fato de os coletivos partidários terem formado uma chapa própria para concorrer ao CONSU junto ao BP incomodou a FPC, o NCN e seus apoiadores. Entendia-se que isso causaria uma quebra dos votos entre essas chapas, aumentando as chances de a AA vencer. A vitória da AA seria perigosa uma vez que a chapa não se posicionava sobre as cotas nem em seus materiais e nem nos debates, significando uma representação estudantil descompromissada com a votação da política afirmativa no CONSU. Mas os conflitos estavam apenas começando.

Na madrugada do dia 26/11, assim que terminou a apuração dos votos, a Comissão Eleitoral (CE) divulgou os votos computados, sendo eles:

**Tabela 1 - Votos recebidos pelas chapas concorrentes ao DCE**

<b>Chapa</b>	<b>Quantidade de votos</b>
Lutar Sem Temer	1441
Todas As Vozes	950
ContraGolpe	324
Branco	234
Nulos	44
<b>Total</b>	<b>2993</b>

(Tabela de elaboração própria. Dados do DCE Unicamp)<sup>131</sup>

**Tabela 2 - Votos recebidos pelas chapas concorrentes ao CONSU**

<b>Chapa</b>	<b>Quantidade de votos</b>
Lutar Sem Temer	908
Bloco da Periferia	853
Todas As Vozes	544
Apenas Alunos	443

<sup>131</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dceunicamp/posts/1199969006762810>>. Último acesso em 10/01/2021.

ContraGolpe	143
Branco	72
Nulos	17
Total	2980

(Tabela de elaboração própria. Dados do DCE Unicamp)<sup>132</sup>

O BP imediatamente compartilhou os resultados e comemorou o desempenho. Na publicação,<sup>133</sup> agradecia os votos recebidos e dizia que, com eles, havia conquistado duas das cinco cadeiras de representação discente. Das outras três cadeiras, duas seriam da Lutar Sem Temer e uma da Todas As Vozes. Contudo, no mesmo dia, a chapa recebeu uma mensagem de um membro da CE pedindo para que não divulgassem o número de cadeiras pois havia um erro no cálculo feito. Reproduzo a publicação do BP relatando o ocorrido:

Buscamos na CE informação sobre este novo cálculo, porém tivemos imensa dificuldade em obtê-lo. Essa dificuldade se deu porque, para surpresa nossa, o estatuto eleitoral do DCE não contém nenhum critério previamente formalizado para efetivar tal distribuição. Apenas um membro da CE supostamente conhecia a forma “correta” de fazer os cálculos, não sendo essa uma informação difusa entre todos os membros da CE, nem muito menos junto ao conjunto dos estudantes.

Fomos até a Secretaria Geral da Unicamp, verificar se nas atas dos últimos 9 anos havia algum registro sobre o cálculo de distribuição das cadeiras, e nada foi encontrado em nenhuma das referidas atas. Com a ausência de critérios previamente formalizados, empreendemos entre nós o cálculo mais coerente com aquilo que é especificado no regimento do CONSU, e nas formas de distribuição de outros órgãos da Universidade, como o STU. Essa divisão se deu da seguinte maneira: toma-se o número total de cadeiras (10 vagas) e divide-se o número total de votos válidos por este número. A partir do coeficiente obtido, se distribui as cadeiras titulares e suplentes em ordem decrescente dos votos. Para nós, essa pareceu a maneira mais lógica e democrática de promover a divisão, refletindo a representatividade de votos nas eleições no número de cadeiras disponibilizado.<sup>134</sup>

<sup>132</sup> *Idem*

<sup>133</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlocodaPeriferia/photos/a.365159510485797/371475539854194>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>134</sup> Disponíveis: <<https://www.facebook.com/BlocodaPeriferia/posts/374327819568966>>. Último acesso em 10/01/2021.

Segundo o cálculo<sup>135</sup> apresentado pelo referido membro da CE, a distribuição das cadeiras ficaria diferente: duas para Lutar Sem Temer, uma para BP, uma para Todas As Vozes e uma para AA. O BP segue explicando:

A diferença fundamental entre os dois cálculos é que o nosso faz a divisão considerando 10 vagas eleitas (5 cadeiras titulares e 5 suplentes), levando em conta que no momento da eleição 10 nomes são inscritos por chapa, e os mesmos devem ser previamente submetidos ao CONSU. A escolha da Comissão Eleitoral foi a de fazer duas contas separadas, uma apenas para as vagas titulares (5 vagas) e outra apenas para a suplência (5 vagas). Consideramos que este cálculo não é lógico nem condizente com o processo eleitoral, dado que as eleições para titulares e suplentes não são feitas em separado. Dessa maneira, o cálculo sobre a distribuição de cadeiras deve compreender todas as vagas que foram votadas no processo de uma só vez.

Foram necessárias três reuniões para que a situação fosse resolvida. Depois de cada um dos cálculos serem explicados e amplamente debatidos, os CA votaram entre manter ou não o cálculo dos anos anteriores para essa eleição. Decidiram mantê-lo. E assim, o longo e intenso ano de 2016 encerrou-se.

### 3.3 A CAMPANHA POR COTAS

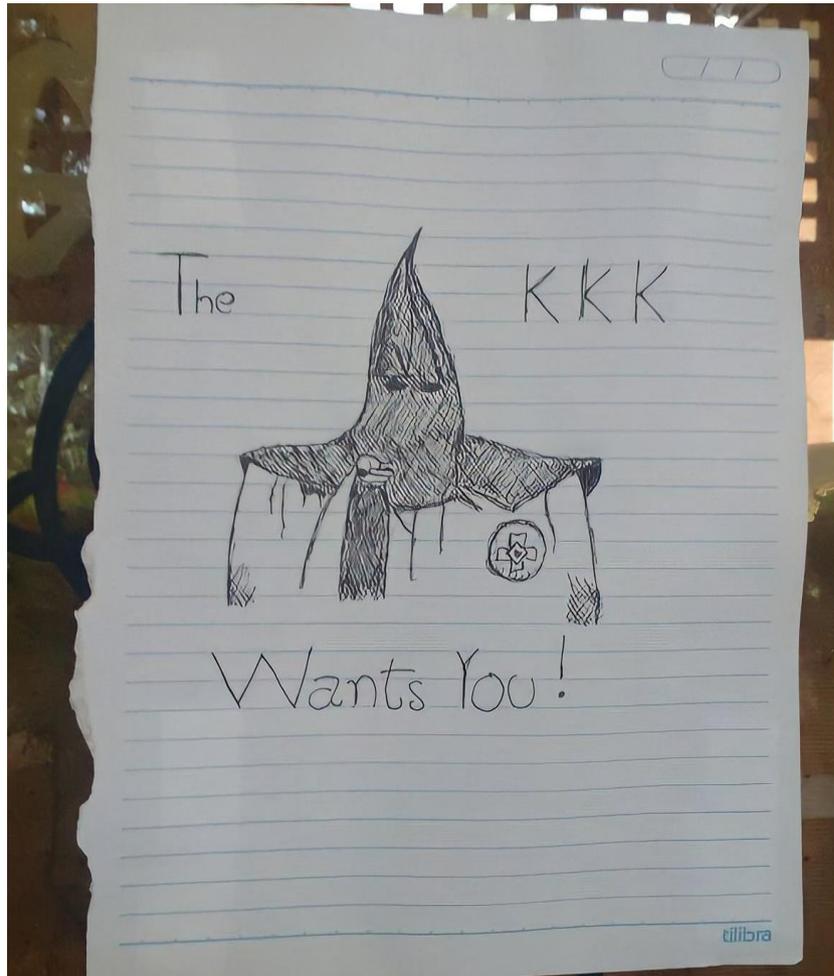
O ano de 2017 iniciou da mesma forma que o de 2016: com uma manifestação racista no IFCH. No dia 24/02, foi encontrado um cartaz feito à mão cuja mensagem se referia à *Ku Klux Klan*,<sup>136</sup> organização fascista estadunidense que se organiza historicamente em defesa da supremacia branca:

---

<sup>135</sup> Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B0km\\_iCldpf7X3JPS242akUtM0U/view](https://drive.google.com/file/d/0B0km_iCldpf7X3JPS242akUtM0U/view)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>136</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/711937835646877>>. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 46** - Cartaz com mensagem racista encontrado no IFCH



(Foto de Núcleo de Consciência Negra da Unicamp)<sup>137</sup>

No dia 21/03, na primeira semana de aulas, como parte da recepção dos ingressantes da Unicamp, o NCN realizou a II Marcha Antirracista da Unicamp.

<sup>137</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/711937835646877>>. Último acesso em 15/01/2021.

Figura 47 - Estudantes durante a II Marcha Antirracista da Unicamp



(Foto de Robson Sampaio)<sup>138</sup>

Figura 48 - Estudantes durante a II Marcha Antirracista da Unicamp



(Legenda: "Racistas não passarão! Ku Klux Klan sai, cotas entram!". Foto de Robson Sampaio)<sup>139</sup>

Faltando 30 dias para a votação no CONSU, os apoiadores do BP intensificaram a campanha pelas cotas. Produziram uma grande faixa com a

<sup>138</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/33576557705/in/album-72157679976611280](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/33576557705/in/album-72157679976611280)>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>139</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/33447453021/in/album-72157679976611280](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/33447453021/in/album-72157679976611280)>. Último acesso em 15/01/2021.

contagem regressiva para a votação e a penduraram no prédio do Ciclo Básico II (CB II ou PB), em frente à saída do restaurante universitário, local de grande circulação de estudantes.

**Figura 49** - Faixa com contagem regressiva para a votação das cotas no CONSU



(Legenda: “Faltam 01 dias para determinarmos se a universidade se pintará de povo”. Foto de Robson Sampaio)

Também produziram cartazes para afixarem nas paredes e nos muros dos *campi*:

Figura 50 - Scanner de cartaz feito pelo apoiador João Luís Abreu



(Foto de autoria própria)

Ademais, o CAEQ preparou 30 infográficos a serem publicados um por dia na sua página de Facebook com motivos pelos quais a Unicamp deveria aprovar as cotas, uma síntese do relatório do GT, apontamentos sobre os limites do PAAIS e respostas a argumentos comuns como: “cotas promovem a discriminação racial”,<sup>140</sup> “cotas sociais são suficientes”,<sup>141</sup> “cotas geram vagas ociosas”,<sup>142</sup> entre outros.

Para finalizar a campanha pelas cotas na Unicamp, o NCN e a FPC organizaram um festival a ser realizado no dia anterior à votação no CONSU, dia 29/05, e um ato em frente ao CONSU durante a votação no dia seguinte. A data do

<sup>140</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caequnicamp/photos/a.1661477980769028/1876169322633225>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>141</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caequnicamp/photos/a.1661477980769028/1876551012595056>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>142</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caequnicamp/photos/a.1661477980769028/1873043152945842>>. Último acesso em 10/01/2021.

festival foi divulgada com três semanas de antecedência para que as pessoas e os grupos interessados pudessem se inscrever e propor apresentações. A seguir, a programação e algumas fotos das apresentações:

**Figura 51** - Programação do festival e do ato por cotas

**FESTIVAL/ATO  
PELAS  
COTAS**

**DIA 29  
FESTIVAL**

10h - Du Kiddy com participação de Aluisio Alberto  
Local: Teatro de Arena

12h - Escola de Capoeira Angola Resistência - Núcleo Moradia e FE/Unicamp  
Local: Saguão do PB

14h - Mesa: Desafios para além das cotas: racismo institucional na Universidade  
Local: Auditório da Adunicamp

16h - Urucungos, Puitas Quijenges: roda de conversa e samba de bumbo

18h - Preta Rara  
Local: Teatro de Arena

20h - Mc Linn da Quebrada  
Local: Teatro de Arena

**DIA 30  
ATO PELA IMPLEMENTAÇÃO DAS COTAS NA UNICAMP**

7h - Concentração para o ato  
Local: em frente a reitoria

9h - INÍCIO DA VOTAÇÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(Arte de Helen Aguiar)<sup>143</sup>

<sup>143</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/gm.507265799628391/761844357322891>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 52** - Apresentação de Du Kiddy e Aluísio Alberto



(Foto de Robson Sampaio)<sup>144</sup>

**Figura 53** - Apresentação da Escola de Capoeira Angola Resistência



(Foto de Robson Sampaio)<sup>145</sup>

<sup>144</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34819577782/in/album-72157684344223486](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34819577782/in/album-72157684344223486)>. Último acesso em 15/01/2021.)

<sup>145</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34820467972/in/album-72157681450814213](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34820467972/in/album-72157681450814213)>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 54** - Mesa "Desafio para além das cotas: racismo institucional na universidade"



(Foto de Robson Sampaio)<sup>146</sup>

**Figura 55** - Apresentação de Urucungos e Puitas Quijenges



(Foto de Robson Sampaio)<sup>147</sup>

<sup>146</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34985040005/in/album-72157682472428160](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34985040005/in/album-72157682472428160)>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>147</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34191599303/in/album-72157681399664024](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34191599303/in/album-72157681399664024)>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 56** - Apresentação de Preta Rara



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>148</sup>

**Figura 57** - Discotecagem de DJ JH



(Foto de Robson Sampaio)<sup>149</sup>

<sup>148</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.767427906764536/767430150097645>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>149</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34838790222/in/album-72157681490536233](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34838790222/in/album-72157681490536233)>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 58** - Apresentação de Mc Linn da Quebrada e Jup do Bairro



(Foto de Robson Sampaio)<sup>150</sup>

### 3.4 A PRIMEIRA VOTAÇÃO

O relatório somado às contribuições das unidades foi encaminhado para apreciação no CONSU no dia 30/05. Essa data é o maior marco desta pesquisa, afinal, foi nesse dia que, após uma sessão de 8 horas marcada por um protesto imenso do lado de fora, o CONSU aprovou por unanimidade o princípio das cotas étnico-raciais.

Os estudantes começaram a chegar para o ato às 7h, porém, FPC, NCN, BP e apoiadores já se encontravam em frente ao CONSU desde às 6h pois precisavam organizar o local e fazer uma última reunião para lembrar o planejamento do dia - como se fosse possível esquecer! Depois que o festival acabou, às 23h, essas mesmas pessoas ficaram até mais tarde para guardar as caixas de som, limpar o entorno e garantir que a multidão se dispersasse com segurança. Lembro-me de ir dormir quase às 2h na casa de uma amiga que morava próximo à Unicamp. Apenas duas horas depois, já estávamos acordadas pois havíamos combinado com mais algumas poucas pessoas de nos encontrarmos às 4h30 em frente à placa da Unicamp para realizar uma intervenção. Logo depois, iríamos nos dirigir até o CONSU e ajudar o NCN, a FPC e o BP nos preparativos para o ato.

---

<sup>150</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34159163314/in/album-72157682258499271](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34159163314/in/album-72157682258499271)>. Último acesso em 15/01/2021.)

**Figura 59** - Intervenção na placa da Unicamp para a votação das cotas



(Foto de autoria própria)<sup>151</sup>

Como a sessão seria transmitida ao vivo no site da Unicamp, a FPC, o NCN e o BP montaram uma estrutura em frente ao CONSU para projetar a transmissão. Em poucas horas, havia centenas de pessoas acompanhando a sessão, principalmente estudantes - da Unicamp, de outras universidades, de escolas públicas da região e de cursinhos populares - e coletivos de negros e negras.

---

<sup>151</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/unicamp-aprova-criacao-de-grupo-para-elaborar-proposta-de-cotas-e-vagas-pelo-sisu-no-vestibular-2019.ghtml>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 60** - Estudantes assistem à transmissão ao lado do CONSU



(Foto de Robson Sampaio)<sup>152</sup>

Quando chegou o momento de pautar os indicadores do GT Ingresso 2019,<sup>153</sup> a FPC convocou um representante de cada movimento social que estava presente para uma breve reunião. Todos concordaram que seria ideal que as pessoas se juntassem em frente à entrada do CONSU para acompanhar o restante da sessão em vez de continuarem dispersas na lateral do prédio.

<sup>152</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34208525853/in/album-72157684510397705](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34208525853/in/album-72157684510397705)>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>153</sup> Essa sessão não foi extraordinária, ou seja, não foi convocada unicamente para pautar os indicadores do GT. Outras pautas foram discutidas antes. O expediente e a ordem do dia podem ser acessados em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sesoes/pautas/p2017/consu/151/expediente-151.pdf>> e em <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sesoes/pautas/p2017/consu/151/ordem-do-dia-151.pdf>> respectivamente. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 61** - Ingrid Corsi, da FPC, conversa com os representantes dos movimentos sociais



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>154</sup>

**Figura 62** - Estudantes caminham juntos para a entrada do CONSU



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>155</sup>

<sup>154</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765074630333197>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>155</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765075570333103>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 63** - Estudantes acompanham a sessão em frente ao CONSU



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>156</sup>

Após a abertura de pauta feita pelo reitor, como pode-se observar na ata<sup>157</sup> da sessão, a primeira fala foi um pedido para retirada de pauta com a justificativa de que os conselheiros não tiveram tempo suficiente para discutir o relatório do GT. A proposta foi recusada com 58 votos contrários. Após uma pausa para o almoço, todo o restante da sessão foi para discutir sobre os indicativos do GT e para deliberar sobre o princípio de cotas étnico-raciais.

Do lado de fora, havia momentos de agitação com palavras de ordem e momentos de silêncio apreensivo.

---

<sup>156</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765081060332554>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>157</sup> Disponível em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sessoes/pautas/p2017/consu/152/ata-151.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 64** - Estudantes entoam palavras de ordem durante o ato por cotas



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>158</sup>

**Figura 65** - Estudantes acompanham a sessão apreensivos



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>159</sup>

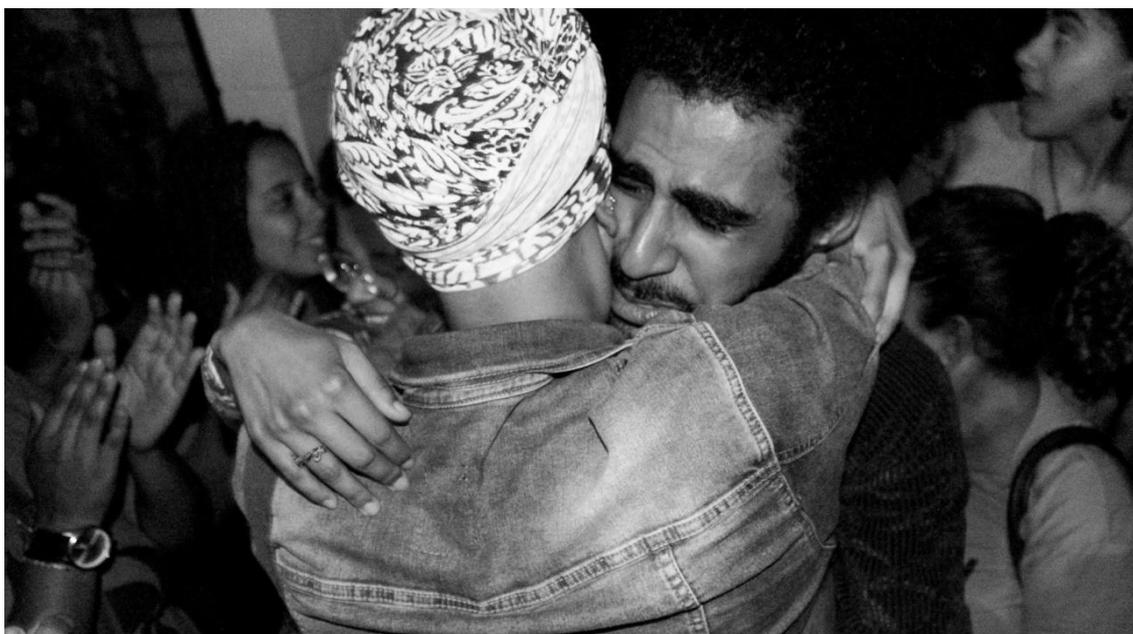
<sup>158</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765076420333018>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>159</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765079440332716>>. Último acesso em 15/01/2021.

Depois de muitas horas de discussão, o reitor encaminhou a deliberação que, por solicitação do representante discente pelo BP e membro do NCN Bruno Ribeiro Ferreira,<sup>160</sup> foi votação nominal. O princípio das cotas étnico-raciais foi aprovado por unanimidade.

Ao término da sessão, os representantes discentes foram recebidos com abraços emocionados dos apoiadores:

**Figura 66** - Representante Bruno Ribeiro recebe abraço emocionado



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> Bruno havia sido eleito para uma das vagas de suplente no CONSU. Na época, o estudante Guilherme Montenegro, representante eleito para a vaga titular pela chapa Lutar Sem Temer, estava afastado da universidade em decorrência da sentença do processo administrativo contra ele mencionado anteriormente. Bruno assumiu sua vaga nessa sessão e levou Guilherme consigo como convidado.

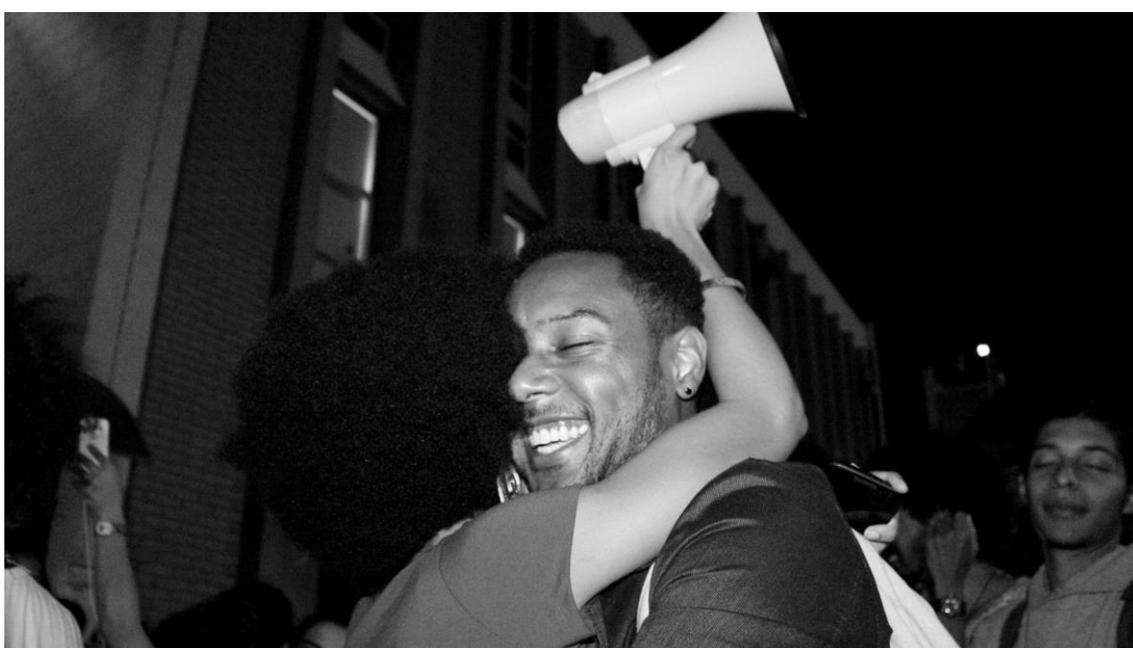
<sup>161</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765087430331917>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 67** - Abraço entre Taina Aparecida, do NCN, e Adriano Gois, do NCN e da FPC



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>162</sup>

**Figura 68** - Milena Oliveira e Teófilo Reis, ambos do NCN, trocam abraços sorridentes



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765085636998763>>. Último acesso em 15/01/2021.)

<sup>163</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765084790332181>>. Último acesso em 15/01/2021

**Figura 69** - Mariel Nakane recebe abraço de Lygia Pereira e Aquiles Silva, todos da FPC



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>164</sup>

Em seguida, a estudante Milena Oliveira, do NCN, organizou um corredor formado pelas pessoas que acompanharam a sessão e participaram do ato. Conforme os conselheiros saíam do prédio do CONSU, recebiam aplausos ou vaias de acordo com suas falas durante a sessão - apesar da unanimidade do voto, houve falas questionando a necessidade e a efetividade das cotas. Segundo a estimativa da FPC e do NCN, a partir das discussões nas Congregações dos cursos que eles acompanharam, e de acordo com algumas falas proferidas durante a sessão, esperava-se que as cotas fossem aprovadas com uma pequena diferença de votos. Por isso mesmo, o resultado da votação foi surpreendente.

---

<sup>164</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765086186998708>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 70** - Milena Oliveira organiza corredor de saída para receber os conselheiros



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>165</sup>

**Figura 71** - Conselheira Rachel Meneguello passando pelo corredor de manifestantes



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>166</sup>

<sup>165</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765081790332481>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>166</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.765071630333497/765082710332389>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 72** - FPC, NCN, BP e apoiadores comemoram a aprovação das cotas



(Foto de Robson Sampaio)<sup>167</sup>

Esse foi um momento de grande alegria que muitos comemoraram - mas não todos. Ainda no dia 30/05, começaram a aparecer mensagens de desaprovação na internet. Entre elas, a do professor Paulo Palma, da FCM, que publicou a seguinte mensagem em seu Facebook:

Caro Prof. Marcelo Knobel, com a resolução publicada hoje, e com tantos cotistas ingressando na Unicamp, sugiro mudança de nome dessa universidade para Escola Estadual de Terceiro Grau Zeferino Vaz. Próximo passo será cotas para ingressar na carreira docente? *Let's make Unicamp great again!*<sup>168</sup>

A publicação resultou em notas de repúdio por parte do Centro Acadêmico Adolfo Lutz (CAAL), da Medicina;<sup>169</sup> da Direção da FCM,<sup>170</sup> da Reitoria<sup>171</sup> e dos

<sup>167</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/34631640980/in/album-72157684510397705](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34631640980/in/album-72157684510397705)>. Último acesso em 15/01/2021.)

<sup>168</sup> O docente fez referência ao slogan da campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016, "*Make America great again*". Uma captura de tela de sua publicação pode ser vista em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/764436230397037>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>169</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/caalmedicina/posts/1421086051281447>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>170</sup> Disponível em: <[https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2017/anexo/nota\\_da\\_fcm\\_unicamp.pdf](https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2017/anexo/nota_da_fcm_unicamp.pdf)>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>171</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2017/06/02/reitoria-repudia-comentario-divulgado-em-rede-social>>. Último acesso em 10/01/2021.

estudantes mobilizados pelas cotas.<sup>172</sup> O incidente chegou até a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, do Ministério dos Direitos Humanos, que também repudiou<sup>173</sup> a atitude do docente e acionou a Advocacia Geral da União.

No dia 19/06, houve a III Marcha Antirracista da Unicamp. Os estudantes passaram pela Reitoria, onde protocolaram um pedido de esclarecimentos por parte da administração da universidade sobre a postura do docente. Em seguida, se dirigiram à FCM, onde foi realizado um *poster bomb*.

**Figura 73** - Estudantes durante a III Marcha Antirracista da Unicamp



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>174</sup>

<sup>172</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/cotasnaunicamp/posts/374605202937211>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>173</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/posts/778166159024044>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>174</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1447822461964088&set=a.1447822065297461>>. Último acesso em 15/01/2021.

**Figura 74** - Estudantes fazem *poster bomb* na fachada do prédio da FCM



(Foto de Rafa Kennedy)<sup>175</sup>

No dia seguinte, a Reitoria respondeu aos estudantes, afirmando ter aberto um processo administrativo contra o docente.<sup>176</sup>

### 3.5 A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE COTAS

No dia 30/05, o CONSU aprovou o princípio das cotas, ou seja, assumiu a necessidade de ampliar as políticas de ação afirmativa do vestibular da Unicamp e se comprometeu a adotar as cotas. Na mesma sessão, foi aprovada a criação de um novo Grupo de Trabalho para estudar os projetos de cotas de outras universidades, seus resultados ao longo dos anos, seus limites e suas potencialidades para, a partir disso, formular o melhor projeto de cotas para a Unicamp. Formou-se então o GT Ingresso 2019,<sup>177</sup> composto por: José Alves de Freitas Neto, Coordenador Executivo da COMVEST e presidente do GT; Erich Vinícius de Paula, docente da FCM e representante do CONSU; Everaldo Magalhães Carneiro, docente do IB e

<sup>175</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1447822795297388& set=a.1447822065297461>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>176</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NucleoDeConscienciaNegraUnicamp/photos/a.127029430804390/777064595800867>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>177</sup> Na sessão do CONSU do dia 30/05, ficou definido que o GT deveria elaborar propostas de melhorias no processo seletivo da Unicamp – entre elas, as cotas – para valer a partir do vestibular de 2018, a selecionar os ingressantes de 2019. Por isso o nome do GT.

representante do CONSU; Renato Hyuda de Luna Pedrosa, docente do IG e representante do CONSU; Milena Pavan Serafin, docente da FCA e representante da CCG; Renato da Rocha Lopes, docente da FEEC e representante da CCG; Mário Augusto Medeiros da Silva, docente do IFCH e representante do GT Cotas; Teófilo de Souza Carmo Reis, funcionário do IFCH e representante do GT Cotas; ; Taina Aparecida Santos, estudante do IFCH e representante do NCN; Mariel Nakane, estudante do IE e representante da FPC; Weider Souza Santos, estudante do IMECC e representante estudantil; Carlos Roberto Pereira de Souza, representante dos servidores técnico-administrativos; e Rafael Pimentel Maia, Coordenador de Pesquisa da COMVEST.

**Figura 75** - Cronograma de trabalho do GT Ingresso 2019

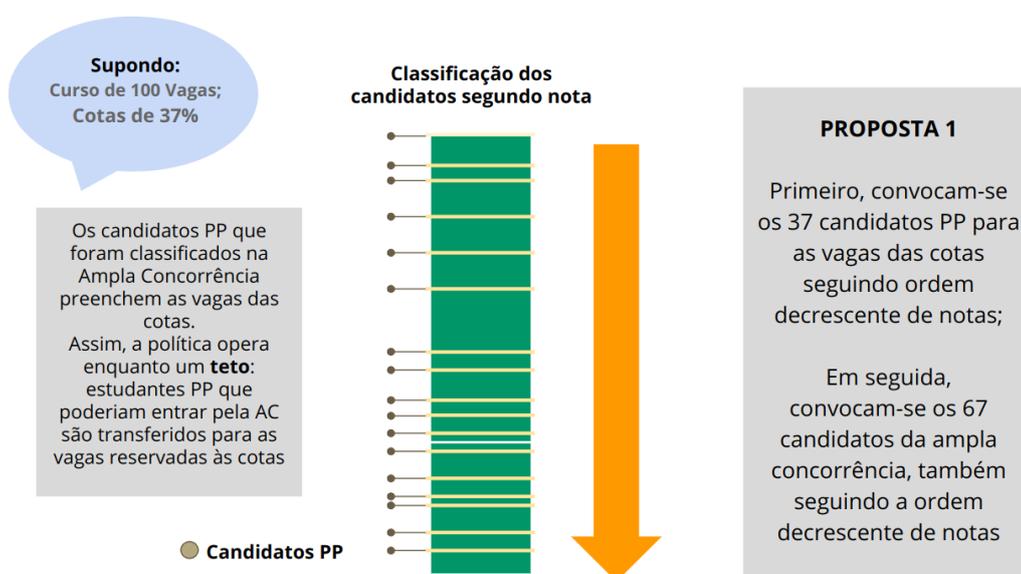


(Cronograma de COMVEST)<sup>178</sup>

<sup>178</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/06/09/politica-de-ingresso-no-vestibular-combinara-diferentes-criterios>>. Último acesso em 15/01/2021.

Dentro do GT, a disputa inicial foi sobre a porcentagem de vagas que seriam reservadas para as cotas. Contudo, os membros concordaram que a porcentagem de estudantes negros da Unicamp deveria refletir a porcentagem da população negra no estado de São Paulo de acordo com o IBGE, ou seja, cerca de 37%. A real disputa foi sobre o mecanismo de ingresso dos cotistas. A COMVEST propôs que, para selecionar os candidatos, deveriam ser criadas duas listas de chamada em ordem decrescente das notas obtidas no vestibular: uma para os optantes pelas cotas e outra pelos não optantes, ou seja, a ampla concorrência. Primeiro, seriam convocados os optantes até atingir o percentual de reserva de vagas delimitado pelo GT. Depois, seriam convocados os demais candidatos pela lista da ampla concorrência.

**Figura 76** - Primeira proposta da COMVEST para o GT Ingresso 2019

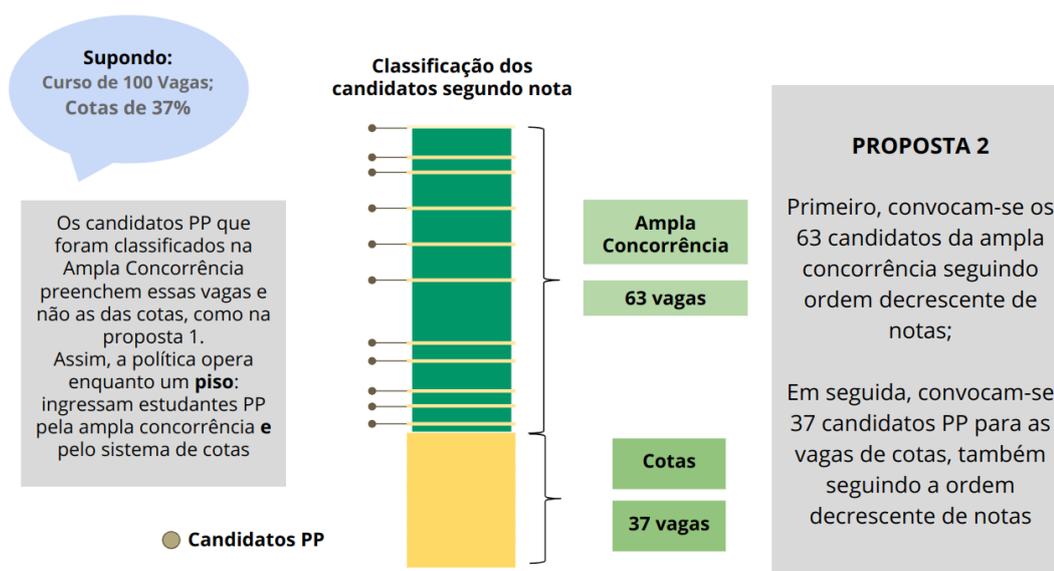


(Infográfico de Frente Pró-Cotas)

A FPC e o NCN defendiam que, para cada curso e turno, fossem preenchidas primeiro as vagas da ampla concorrência e depois as das cotas. Nesse mecanismo, inicialmente haveria uma única lista de candidatos cujas notas de todos eles, optantes ou não pelas cotas, seriam ranqueadas em ordem decrescente. Em seguida, as vagas da ampla concorrência seriam preenchidas, convocando os candidatos seguindo a ordem da lista até que todas as vagas fossem preenchidas. Depois, uma nova lista seria feita apenas com as notas dos candidatos optantes remanescentes. Por fim, as vagas das cotas seriam preenchidas convocando os optantes seguindo a ordem da

nova lista. Dessa forma, se um candidato optante por cotas tivesse nota suficiente, poderia ir para uma das vagas da ampla concorrência. Isso possibilitaria que a porcentagem das cotas fosse um piso e não um teto, ou seja, que a porcentagem de vagas reservadas para pretos e pardos fosse uma meta do mínimo a ser atingido e não o máximo.

**Figura 77** - Primeira proposta da FPC e do NCN para o GT Ingresso 2019

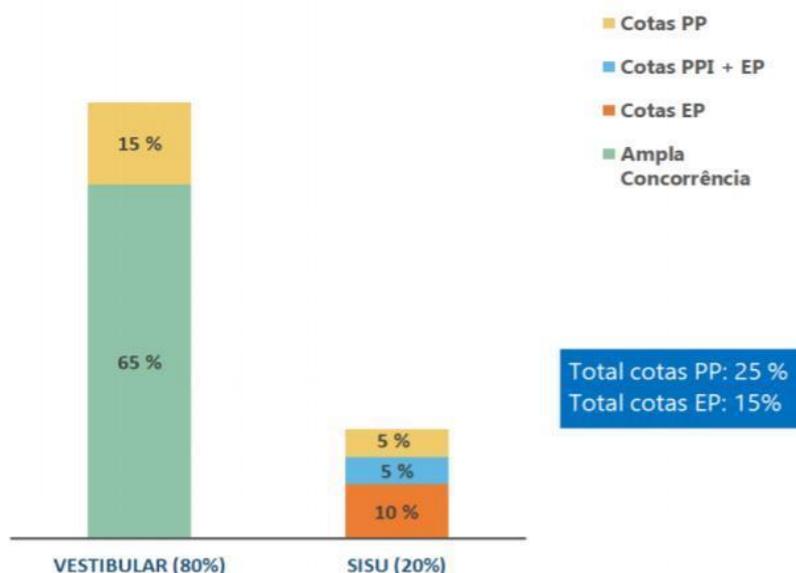


(Infográfico de Frente Pró-Cotas)

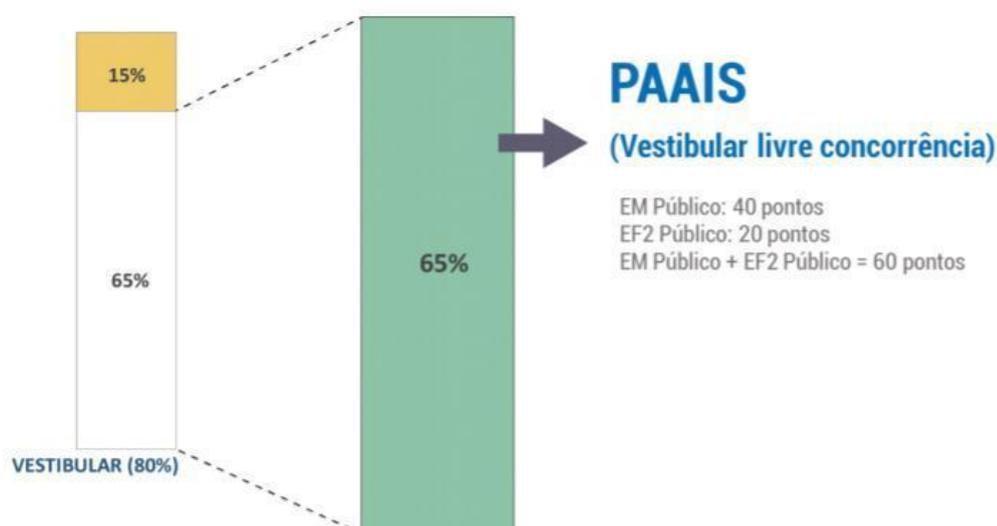
Algo semelhante já acontece no Sistema de Seleção Unificada (SISU), em que o candidato pode escolher se quer concorrer às vagas das cotas ou da ampla concorrência a partir da nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), considerando a modalidade em que tem maior chance de ser aprovado.

Os demais membros do GT, porém, não aprovavam essa ideia. Nessa época, eu fazia parte da FCP e participava das reuniões em que a representante da Frente no GT, Mariel, nos informava sobre o andamento das discussões. Em certa reunião, um membro chegou a dizer que, seguindo o mecanismo proposto por nós e pelo NCN, haveria muitos estudantes negros e, portanto, seria necessário estabelecer cotas para brancos para garantir a representação destes na Unicamp.

Ao longo de dois meses, houve muita disputa interna no GT, até que os membros concordaram com o seguinte projeto:

**Figura 78** - Projeto de cotas proposto pelo GT Ingresso 2019

(Legenda: PP = Pretos e Pardos; PPI = Pretos, Pardos e Indígenas; EP = Escola Pública. Infográfico extraído do relatório do GT Ingresso 2019)<sup>179</sup>

**Figura 79** - Reformulação do PAAIS proposta pelo GT Ingresso 2019

(Legenda: EM = Ensino Médio; EF2 = Ensino Fundamental II. Infográfico extraído do relatório do GT Ingresso 2019)<sup>180</sup>

<sup>179</sup> Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/09/GT-FINAL.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>180</sup> *Idem*

Em resumo, o GT foi além das cotas étnico-raciais e do vestibular indígena. O projeto propunha uma reformulação em todo o processo seletivo da Unicamp e indicava que para cada curso e turno:

- 80% das vagas fossem ofertadas pelo vestibular e 20% pelo SISU;
- Entre as vagas ofertadas pelo SISU, 10% seriam reservadas para estudantes de escolas públicas, 5% para pretos e pardos e 5% para pretos e pardos de escolas públicas;
- Entre as vagas ofertadas pelo vestibular, 15% seriam reservadas para pretos e pardos e 65% para ampla concorrência;
- Para as vagas da ampla concorrência, seria válido o PAAIS com nova bonificação: 20 pontos para estudantes egressos de escolas de Ensino Fundamental públicas e 40 pontos para egressos de escolas de Ensino Médio públicas, sendo os pontos cumulativos.

Assim, a Unicamp passaria a ter 25% de cotas para pretos e pardos e 15% de cotas para escolas públicas através de dois processos seletivos distintos. Além disso, o GT propôs:

- No mínimo 2 vagas adicionais por curso e turno para serem ofertadas pelo vestibular indígena;
- Vagas adicionais para medalhistas em olimpíadas científicas, tendo cada unidade a autonomia para decidir a quantidade de vagas a serem oferecidas e as olimpíadas válidas.
- Ampliação do PROFIS, aumentando as vagas disponíveis por curso e turno e expandindo o programa em Limeira e Piracicaba.

### 3.6 A SEGUNDA VOTAÇÃO

Assim como no final de 2016, ao final de 2017 também houve um conflito entre os estudantes que impactou o ME significativamente. Através dos representantes discente do CONSU, que recebem as pautas das sessões com antecedência, os estudantes ficaram sabendo que no dia 26/09 os conselheiros deliberariam sobre uma

série de medidas para diminuir o *déficit* orçamentário da universidade, entre elas, o aumento de 100% no preço das refeições nos restaurantes universitários.<sup>181</sup> O DCE convocou uma assembleia no dia anterior à sessão e os estudantes decidiram que fariam um ato em frente ao CONSU para tentar barrar não apenas o aumento do preço, que afetaria principalmente os mais pobres, mas qualquer outra medida proposta, que afetaria docentes e funcionários.

No dia da sessão, os estudantes, mobilizados pelo DCE, e os funcionários, mobilizados pelo STU, juntaram-se para acompanhar a transmissão ao vivo, que, por problemas técnicos, não foi possível. Assim, ficaram dependentes dos informes por parte dos representantes que estavam do lado de dentro. Isso causou um grande problema de comunicação entre as categorias, afinal, os representantes não conseguiam repassar todas as informações na velocidade necessária para que o movimento reagisse de acordo.

De acordo com a análise dos representantes: não seria possível barrar todas as medidas e talvez fosse melhor escolher em quais delas o movimento concentraria sua força. Contudo, tanto os estudantes quanto os funcionários estavam insatisfeitos com o andamento das discussões e decidiram manter a decisão da assembleia de não deixar que nenhuma das medidas propostas fosse aprovada. Assim, decidiram implodir a sessão.

---

<sup>181</sup> Disponível em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sessoes/pautas/p2017/consu/153/ord-em-do-dia-153.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

**Figura 80** - Seguranças e conselheiros tentam conter os manifestantes



(Foto de Antoninho Perri)<sup>182</sup>

**Figura 81** - Manifestantes adentram o CONSU



(Foto de Antoninho Perri)<sup>183</sup>

A Reitoria alegou que era inseguro continuar e suspendeu a sessão, remarcando-a para 03/10. Contudo, nessa data, os conselheiros decidiram a retirada de pauta pois compreenderam ser necessário mais tempo para avaliar a proposta.

---

<sup>182</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2017/09/28/consu-aprova-medidas-para-reduzir-deficit-orcamentario-da-unicamp>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>183</sup> *Idem*

**Figura 82 -** Seguranças cercam a entrada do CONSU



(Foto de UJC Unicamp)<sup>184</sup>

Finalmente, o aumento do preço foi pautado em uma sessão extraordinária em 12/12 e foi aprovado com alterações: o aumento foi alterado de 100% para 50%.

A ação do dia 26/09 causou uma grande ruptura no ME. Os representantes discentes do BP acharam a atitude inconsequente por três razões. Primeiro, porque o ME já não estava tendo força para lidar com os processos administrativos dos grevistas, que continuavam abertos até aquele momento; logo, não teriam como lidar com os possíveis novos processos decorrentes dessa ação. Segundo, porque isso prejudicava a relação entre os representantes e os demais conselheiros e desses com a Reitoria. Terceiro e principalmente, porque a votação do projeto de cotas para a universidade estava muito próxima e essa ação poderia repercutir no posicionamento dos conselheiros. Além disso, o BP também avaliou que essa havia sido uma atitude decidida majoritariamente nas organizações partidárias e que a disputa por vanguardismo, segundo eles, demonstrava a falta de compromisso com a pauta das cotas.

Os estudantes que estiveram presentes na manifestação discordavam da análise do BP. A começar pelo fato de que lá não havia somente estudantes organizados em partido, mas também independentes que estavam juntos aos seus

---

<sup>184</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ujcunicamp/photos/a.529298427223396/884835691669666>>. Último acesso em 15/01/2021.

CAs. Ademais, apontaram que a decisão de implodir a sessão para que ela não encaminhasse a proposta estava amparada pela deliberação da assembleia. Na realidade, para os manifestantes, a posição dos representantes que estava em desacordo com a decisão da categoria e que, portanto, eles estavam descumprindo com a função de representação estudantil.<sup>185</sup>

Em meio a muitas notas e discussões acaloradas, a FPC e o NCN continuaram se organizando para frequentar as Congregações dos cursos e explicar o projeto de cotas elaborado pelo GT. O projeto foi discutido nas unidades,<sup>186</sup> depois foi apreciado na COMVEST (09/11)<sup>187</sup> e na CCG (14/11).<sup>188</sup> Semanas depois, os estudantes estavam de volta ao CONSU<sup>189</sup> para o ato em defesa das cotas.

---

<sup>185</sup> As notas dos coletivos podem ser acessadas a seguir: UJC: <<https://www.facebook.com/ujcunicamp/photos/a.510344899118749/881707555315813>>; Outros Outubros Virão: <<https://outrosoutubrosvirao.wordpress.com/2017/10/05/licoes-da-luta-contr-os-cortes-na-unicamp>>; Faísca: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Estudantes-e-trabalhadores-da-Unicamp-ocupam-e-barram-votacao-do-Conselho-Universitario>>; Vamos à Luta: <<https://vamosaluta.com.br/2017/09/29/unicamp-vitoria-parcial-contr-o-aumento-do-bandejao-e-os-cortes>>; Juntos: <<https://www.facebook.com/juntoscps/posts/1644767908928021>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>186</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/10/30/gt-recebe-sugestoes-de-unidades-e-adocao-de-cotas-etnico-raciais-entra-na>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>187</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/11/09/camara-do-vestibular-aprova-deliberacao-para-adocao-de-cotas-etnico-raciais>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>188</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2017/11/13/ccg-aprecia-proposta-de-adocao-de-cotas-etnico-raciais-e-outras-formas-de>>. Último acesso em 10/01/2021.

<sup>189</sup> Disponível em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sessoes/pautas/p2017/consu/5-extraordinaria/ordem-do-dia-5-extraordinaria.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

Figura 83 - Chamado para o ato por cotas



(Arte de Helen Aguiar)<sup>190</sup>

O CONSU aprovou a proposta do GT com uma modificação.<sup>191</sup> Em vez de serem ofertadas vagas pelo SISU, a Unicamp criaria seu próprio processo seletivo com base nas notas do ENEM. Isso permitiria que, no período de inscrição no SISU, o candidato não precisasse escolher entre a Unicamp e alguma outra universidade. Isso ampliaria suas chances de ser aprovado em uma universidade pública, pois poderia participar de mais de um processo seletivo com sua nota do ENEM. Após essa

<sup>190</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlocodaPeriferia/photos/a.365157490485999/534219253579821>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>191</sup> Disponível em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sesoes/pautas/p2018/consu/155/ata-da-5-sessao-extraordinaria-de-2017.pdf>>. Último acesso em 10/01/2021.

sessão do CONSU, a Unicamp enfim consolidou sua política de cotas étnico-raciais e outras ações afirmativas.

**Figura 84** - Conselheiros aprovam o projeto de cotas para a Unicamp



(Foto de Antoninho Perri)<sup>192</sup>

**Figura 85** - FPC, NCN e BP comemoram a aprovação do projeto de cotas



(Foto de Robson Sampaio)<sup>193</sup>

<sup>192</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/banco-de-imagens/2017/11/27/votacao-cotas-etnicos-raciais-e-vestibular-indigena-no-conselho>>. Último acesso em 15/01/2021.

<sup>193</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/robson\\_b\\_sampaio/37856358524/in/album-72157662882618668](https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/37856358524/in/album-72157662882618668)>. Último acesso em 15/01/2021.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler este trabalho, fica evidente como o racismo, nas suas mais diversas formas, acompanhou todos os momentos da luta dos estudantes pelas cotas – fosse através de pichações anônimas ou de documentos assinados publicamente. Durante a coleta de dados, cheguei a criar uma planilha somente para organizar os materiais de conteúdo racista. Isso demonstra uma vergonhosa reação da branquitude frente aos avanços do movimento negro, que questiona os privilégios das pessoas brancas e os direitos negados à população negra em uma sociedade racista como a nossa.

Em todo meu período na Unicamp, de 2015 a 2020, as relações étnico-raciais dentro da universidade nunca foram tão evidenciadas. Com o debate sobre as cotas étnico-raciais como uma medida de reparação histórica e de justiça social (ALMEIDA, 2019) em alta nos *campi*, muito que do antes era guardado para si ou compartilhado em pequenos círculos de amizade foi dito explícita e enfaticamente para toda a comunidade acadêmica. Muitos estudantes, docentes, funcionários técnico-administrativos e gestores sentiram-se confortáveis para assumir posicionamentos condenáveis – e se assim o fizeram, foi porque encontraram apoio em parte da comunidade que concordava com eles.

Cabe ressaltar que a conquista das cotas é fruto de uma luta que começou muito antes da greve de 2016. Só foi possível pautar as cotas nessa greve porque havia uma Frente Pró-Cotas e um Núcleo de Consciência Negra trabalhando para inserir essa pauta nos espaços do movimento estudantil da Unicamp desde 2012. Assim como esses grupos só foram formados após o debate das cotas no Supremo Tribunal Federal, em 2012, devido ao engajamento do movimento negro de outras universidades que adotaram as cotas a partir de 2001. Isso, por sua vez, só foi possível graças ao entendimento da necessidade de se combater o racismo no Brasil através de políticas públicas, uma das resoluções da Conferência de Durban – e assim por diante.

Além disso, a luta não se encerra após as conquistas das cotas étnico-raciais. Durante a produção deste memorial, por exemplo, estudantes bolsistas se mobilizaram contra a alteração da Deliberação CEPE 003/2012, que regulamenta os critérios de seleção dos candidatos à bolsa oferecida pelo Sistema de Apoio ao Estudante (SAE). A permanência estudantil, que envolve bolsas, vagas na Moradia Estudantil, apoio psicológico e psiquiátrico, entre outras medidas, é uma pauta

constante dos estudantes e que tem se intensificado desde 2016, quando a greve pautou, para além das cotas, a reforma e a ampliação da Moradia.

Silvio Almeida afirma que a *raça* é um conceito relacional e que “a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (ALMEIDA, 2019, p. 24). O *racismo*, por sua vez,

[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (*ibidem*, p. 32).

O racismo, portanto, é definido por seu caráter sistêmico. Almeida (2019) também aponta que a concepção individualista do racismo compreende que este é um fenômeno psicológico, comportamental. Dessa forma, uma atitude racista é tida como um desvio da norma, uma anormalidade. Contudo, essa noção ignora a natureza política do fenômeno. Na concepção institucional, o racismo é entendido não como a ação isolado de indivíduos racistas, mas como resultado do funcionamento das instituições. Isto é, “[...] as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (*ibidem*, p. 40).

A perspectiva do racismo institucional foi muito debatida ao longo de 2016 e 2017 na Unicamp. Durante a greve, por exemplo, os estudantes argumentaram que as punições aos grevistas seria uma amostra de como o racismo institucional funciona, pois a instituição (Unicamp) estaria utilizando o Regimento Disciplinar<sup>194</sup> contra estudantes negros que haviam lutado pelas cotas. A recusa da Unicamp em aprovar qualquer outra política de ação afirmativa para além do PAAIS também foi tomada como exemplo, afinal, se todos os estudos sobre a eficácia do programa provavam que, ano após ano, ele falhava em proposta, talvez não houvesse justificativa plausível para essa recusa a não ser a falta de vontade política em incluir mais pessoas negras no corpo discente.

Ainda que a Unicamp aprovasse as cotas, como de fato fez, isso não anularia o caráter racista da instituição. Primeiro porque, segundo Almeida (2019),

<sup>194</sup> A Unicamp mantinha em uso o mesmo Regimento Disciplinar da década de 1970, que foi alterado somente em 2019. A pauta e as atas da sessão do CONSU que deliberou a alteração do Regimento podem ser consultadas respectivamente em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sessoes/pautas/p2019/consu/160/ordem-do-dia-160.pdf>> e em: <<https://www.sg.unicamp.br/content/uploads/sessoes/pautas/p2019/consu/161/ata-160.pdf>> respectivamente. Último acesso em 10/01/2021.

para lidar com os conflitos, o grupo dominante terá de assegurar o controle da instituição, e não somente com o uso da violência, mas pela produção de consensos sobre sua dominação. [...] Os conflitos intra e interinstitucionais podem levar a alterações no modo de funcionamento da instituição, que, para continuar estável, precisa contemplar as demandas e os interesses dos grupos sociais que não estão no controle (*ibidem*, pp. 41-42).

Isso nos leva à segunda razão: as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social. Assim, são racistas porque o racismo é um dos componentes da estrutura da nossa sociedade – ou, sendo mais direta, a nossa sociedade é racista. Essa é a concepção do racismo estrutural defendida por Almeida (2019).

Os indivíduos e as instituições reproduzem o racismo. Contudo, essa noção não deve servir como álibi para condutas racistas,

pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo (*ibidem*, pp. 52-53).

É por isso que a conquista das cotas étnico-raciais na Unicamp não sinaliza o fim da luta do movimento estudantil; ainda há muito por fazer. É necessário acompanhar a política afirmativa e os estudantes cotistas, produzir estudos a respeito, divulgar relatórios para o público e contribuir com o aprimoramento da política ano após ano. Além disso, os estudantes seguem pautando as cotas nos programas de pós-graduação e outras modalidades para além das étnico-raciais. É o caso das cotas para pessoas com deficiência, aprovadas recentemente no Programa de Pós-Graduação em Educação (FE), e para pessoas trans, aprovadas também na Educação e nos programas de Antropologia Social (IFCH) e de Mídias (IA).

Ademais, é essencial compreender as relações estabelecidas dentro da universidade em um contexto maior que ela própria. A luta por cotas étnico-raciais deve ser entendida enquanto parte de uma luta mais ampla, em defesa da educação pública, gratuita, de qualidade, inclusiva, democrática e socialmente referenciada. Mais que isso, os diversos materiais que compõem esta monografia evidenciam que existe uma disputa de narrativas e que isso reflete algo maior, que é a disputa por um projeto de sociedade. Esta disputa se dá entre as categorias e dentro delas – por

exemplo, nem todos os estudantes apoiaram a greve e as cotas; nem todos os docentes foram favoráveis às punições. As categorias, portanto, não são homogêneas.

Espera-se que este trabalho sirva como um registro de um marco importante na história da Unicamp e que os materiais dispostos aqui contribuam para futuras pesquisas. Particularmente, os materiais que mais me chamaram a atenção estão relacionados ao Bloco da Periferia, ao Apenas Alunos e ao Unicamp Livre. O surgimento desses grupos instiga uma pesquisa aprofundada sobre o contexto em que foram criados e quais foram as justificativas e os objetivos apresentados por cada um; as motivações dos estudantes para integrar um desses grupos e a caracterização desses estudantes de acordo com o perfil socioeconômico e a trajetória acadêmica; as principais pautas defendidas por cada grupo e as estratégias adotadas para cada uma delas; a maneira que atuação do UL, do AA e do BP afetou a dinâmica do movimento estudantil da Unicamp etc. Pretendo seguir por esse caminho no mestrado.

Uma breve busca nos repositórios de produção científica da CAPES e da Unicamp, por exemplo, mostram que a grande maioria das produções a respeito do movimento estudantil brasileiro (ME) está centrada na década de 1960 e no papel da UNE de organizar e mobilizar os estudantes pela reforma universitária e contra a ditadura civil-militar. Há um destaque especial para o ano de 1968, quando se deu início o período de desarticulação do ME devido à forte repressão das mobilizações, como a prisão das principais lideranças estudantis no XXX Congresso da UNE e o Ato Institucional 5 (AI-5). Comparativamente, há pouca produção sobre o movimento estudantil nas décadas seguintes (1970-2000).

Andreza Barbosa é uma das pesquisadoras que se dedicou aos estudos acerca do ME após 1968. Ela aponta que o ME dos anos 1970 caracterizou-se pela sua gradual recomposição - primeiro os DCEs, depois as uniões estaduais e, por fim, a UNE em 1979 (BARBOSA, 2002, p. 5). Apesar do reaparecimento das entidades estudantis em todo o país, após o fim da ditadura em 1985, o ME é marcado por uma forte desmobilização que, segundo Barbosa (2002; 2008), foi resultado de três fatores. O primeiro deles é o medo, legado dos anos repressivos ainda recente na memória coletiva:

pesquisadores sobre os regimes políticos latino-americanos demonstram que o autoritarismo desencadeou uma brutalidade em todos os níveis da vida social, até mesmo em microrrelações. A constituição do público sob esse princípio disseminou o individualismo e a falta de solidariedade na vida cotidiana, e o trabalho passou a ser uma realidade para a parcela jovem da população. Já não havia a mesma preocupação com o social. O medo instituiu o individualismo (SOUSA *apud* BARBOSA, 2002, p. 6).

O segundo fator elencado pela educadora é a sensação de não saber mais pelo que lutar. O contexto político e social da ditadura era um fator centralizador das lutas. Com a redemocratização, os estudantes encontraram dificuldade de unificar as mobilizações em torno de uma mesma pauta (*ibidem*, p. 7) Por fim, ela menciona a partidarização das entidades estudantis, principalmente da UNE. A redemocratização possibilitou a formação de vários novos partidos e organizações políticas, uma conquista importante para toda a população. Contudo, a partidarização das entidades resultou na fragmentação da juventude militante e na disputa interna por suas direções, característica notável do ME recente (*ibidem*, p. 8).

Ann Mische aponta que, em 1992, a participação massiva da juventude nas ações de rua pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor gerou certa expectativa de que o ME estivesse revivendo aos moldes da década de 1960. Contudo, essa expectativa não se concretizou pois, desde então, houve uma mudança brusca no sentido da categoria “estudante” e uma conseqüente dispersão de identidade. A socióloga afirma que “‘ser jovem’ não é mais equivalente a ‘ser estudante’; a identidade juvenil se desloca para fora das universidades, estendendo seu alcance além dos setores médios e abrangendo outras significações, altamente ligada ao consumo e aos estilos culturais” (MISCHE, 1997, p. 143).

Ela acrescenta que o próprio meio universitário e as redes de sociabilidade se diversificaram. Agora, jovens com interesse em política podem escolher entre diferentes formas de militância. Se não souber se comunicar com as identidades dispersas da juventude, o ME acaba se auto isolando (*ibidem*, pp. 144-145).

O grupo Apenas Alunos é um interessante exemplo da alteração do sentido da categoria “estudante” - ou, no caso do nome do grupo, “aluno”. Se antes o termo remetia à uma juventude politizada, unida e mobilizada dentro e fora do ambiente escolar e universitário, atualmente, esse é somente um dos significados possíveis. Seria interessante investigar qual o significado deste termo para os integrantes do AA. Talvez ele vá de encontro 12 com o que Barbosa (2002) e Sousa (1999) apontam em suas análises, ou seja, com o estudante que não se vê mais como categoria social e

sim como futuro profissional, alguém que está apenas de passagem na escola e na universidade. Portanto, não caberia a ele transformar estes espaços.

Maria da Glória Gohn é outro nome importante para os estudos acerca dos movimentos sociais contemporâneos, especialmente o movimento estudantil. Ela analisa o retorno expressivo do ME a partir das manifestações em junho de 2013, iniciadas no estado de São Paulo após o anúncio do aumento da tarifa do transporte coletivo e organizadas principalmente pelo Movimento Passe Livre (MPL). Segundo Gohn (2018), a importância das chamadas Jornadas de Junho se justifica pois “os desdobramentos das ações de 2013, a partir de 2014, levou ao surgimento de outras correntes político-ideológicas de organização de jovens, de cunho liberal ou conservador, tais como o Vem Pra Rua (VPR) e o Movimento Brasil Livre (MBL)” (GOHN, 2018, p. 118).

Após 2013, o país vivenciou outras mobilizações impulsionadas por estudantes, principalmente os secundaristas, tais quais as ocupações de escolas contra o projeto de reorganização escolar do governador Geraldo Alckmin em 2015, novamente as ocupações de escolas e da Assembleia Legislativa de São Paulo que resultaram na CPI da Merenda em 2016, e as diversas outras ações contra a reforma do Ensino Médio e contra o projeto Escola Sem Partido de 2016 em diante.

Dois aspectos que chamam a atenção nessa nova onda do ME é a forma com que a internet alterou a maneira dos movimentos sociais se articularem e a forte presença de grupos autonomistas (GOHN, 2018, p. 119). A greve estudantil na Unicamp em 2016 e a mobilização por cotas étnico-raciais em 2016 e 2017 apresenta ambas as características. Uma ínfima parte dos materiais coletados para a montagem do banco de dados estava fora da internet. Além disso, os três grupos criados nesse período são grupos que, ao menos na proposta inicial, colocavam-se como independentes, autônomos, não relacionados a nenhum partido político. Dessa forma, este trabalho tem o potencial de contribuir para as pesquisas sobre o movimento estudantil atual, focando nos acontecimentos recentes na Unicamp e dialogando com as produções das autoras aqui mencionadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei N° 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

CARPANETTI, Renata Ragazzo. **A Moradia... vive! História da Moradia Estudantil da Unicamp (1985-2001).** Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação da Unicamp, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000771838>>. Último acesso em 12/08/2020.

COMVEST. **Perfil socioeconômico geral.** Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/perfil-socioeconomico/perfil-socioeconomico-geral/>>. Último acesso em 03/09/2020.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, v. 23, n. 1-2, 1997.

FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Verônica Toste; VENTURINI, Anna Carolina. **Ação afirmativa: conceito, história e debates.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra.** Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd\\_2010\\_resultados\\_gerais\\_amostra.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais_amostra.pdf)>. Último acesso em 03/09/2020.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Microdados.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=microdados>>. Último acesso em 03/09/2020.

INADA, Angélica Kimie. **Quando a Unicamp falou sobre cotas – Trajetória de militância do Núcleo de Consciência Negra e da Frente Pró-Cotas da Unicamp.** Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, 2018. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/333078/1/Inada\\_AngelicaKimie\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/333078/1/Inada_AngelicaKimie_D.pdf)>. Último acesso em 12/08/2020.

REIS, Pedro Rocha dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 15, n. 16, pp. 17-34, jan./dez. 2008.

SPOSITO, Marília et al. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. **Educação & Sociedade**, v. 41, pp. 1-20, 2020.

\_\_\_\_\_. et al. Entre luzes e sombras: o passado imediato e futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, pp. 01-25, 2017.

TESSLER, Leandro. **Cota não é sinônimo de ação afirmativa.** 2006a. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/artigo4.pdf>>. Último acesso em 28/08/2020.

\_\_\_\_\_. **Cotas raciais ou sociais? Nenhuma das duas: Por programas de ação afirmativa nas universidades federais.** 2006b. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/artigo5.pdf>>. Último acesso em 28/08/2020.

\_\_\_\_\_. **Ação afirmativa na Unicamp.** 2006c. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/artigo3.pdf>>. Último acesso em 28/08/2020.

TESSLER, Leandro; PEDROSA, Renato. **PAAIS: a experiência de um programa de ação afirmativa na Unicamp.** 2008. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/artigo6.pdf>>. Último acesso em 28/08/2020.